

CAMILO CASTELO BRANCO

A SEREIA



A SEREIA

CAMILO CASTELO BRANCO

A SEREIA



Edição de Ângela Correia e Patrícia Franco

INCM
IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA

LISBOA - 2015

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.facebook.com/INCM.Livros

editorial.apoiocliente@incm.pt

Design da coleção: Undo

Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Papéis: Chromocard, 260 g, e Coral Book Ivory, 90 g

Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

1.ª edição: novembro de 2015

ISBN: 978-972-27-2390-9

Depósito legal: 394748/15

Edição n.º 1020620

A SEREIA

ROMANCE

POR

CAMILO CASTELO BRANCO

*Verdades... dinas de memória,
Castigos justamente merecidos,
Não fabulosa, ou sonhada estória
Que engana peitos, e embaraça ouvidos.*

LUÍS PEREIRA. *Elegiada*. C. 1.º, est. 5.ª

PORTO

EM CASA DA VIÚVA MORÉ — EDITORA

Praça de D. Pedro

1865

*Em noutes de lua cheia,
Já se não ouve o cantar
Daquela triste Sereia!*

*Oh pobre moça caída,
Já sobre ti se fecharam
Os abismos desta vida!*

*Diz-me, diz-me, ó lua cheia,
Choras tu na sepultura
Daquela pobre Sereia?*

*Em que finar se vão findos
Aqueles cabelos d'ouro,
Aqueles olhos tão lindos!*

*Águas malditas, pudeste,
Tão linda e nova, matá-la,
Matar a pomba celeste!*

*Ai! Pobre anjo da má sorte!
Descansa, enfim, que não voltas
Desses abismos da morte!*

*Nos céus passa a lua cheia
Para ouvir teus cantares,
E tu não voltas, Sereia!*

*Mas um raio de luz pura
Coa-se através dos vidros
Sobre a tua sepultura.*

Estes melancólicos tercetos, escritos há cem anos, que significação tiveram?

Num livro manuscrito, e datado em 1768, os encontrei. Em cinquenta páginas de prosa do mesmo manuscrito, descobri o segredo dos versos.

Estamos no dia 15 de maio de 1762.

Naquele tempo, os dias de maio, no Porto, eram temperados, alegres, perfumados, encantadores. A primavera, há cem anos, aparecia quando o calendário a dava. Ninguém saía de sua casa às cinco horas duma tarde cálida de maio com um casaco de reserva no braço para resistir ao frio das sete horas; nem o paralta portuense levava escondido na copa do chapéu o *cache-nez* com que, ao anoitecer, havia de resguardar as orelhas da nortada cortante.

O globo, naquele tempo, movia-se em volta do sol com a regularidade assinada pelos astrónomos. A gente ditosa, que então viveu, podia confiar-se nos entendidos em rotação dos planetas; e os sábios podiam sem receio responsabilizar-se pela pontualidade das estações. Quem, à face da folhinha, se vestisse de fresco em maio, podia sair à rua trajado de holandilha ou vareja, que não entraria em casa a espirrar constipado pela súbita frialdade que o surpreendeu. A gente fiava-se nos sábios, os sábios na ciência, e a ciência nos factos repetidos.

Depois, porém, daquela época, desconcertaram-se os sistemas das regiões altas. As pessoas muito espirituais receiam que este desconcerto venha a desfechar em acabamento do mundo; outras, mais racionalistas, pretendem que a desordem das estações proceda de causas que, volvido um indeterminado período, cessem de existir. Ninguém se lembrou ainda de conjecturar que as vaporações

constantes das fornalhas e o fluido elétrico de que o ambiente está saturado possam ter influído na substância dos sólidos e fluidos componentes do maquinismo celeste, alterando-lhes o modo de atuarem sobre a terra. Se algum sábio estivesse de pachorra para demonstrar a profundeza desta minha hipótese original, ficávamos convencidos nós de que a civilização do fumo e a dos arames elétricos, afinal, acabaria de todo com a primavera. Em compensação, os engenhosos destruidores das nossas alegrias de maio haviam de inventar¹ uns fogões cómodos para nosso uso em julho.

De mais disso, o Porto da primavera de 1762 gozava-se² de ar impregnado de aromas, porque, naquela era, grande número de ruas que hoje respiram vapores nocivos pelos férreos pulmões de seus edifícios e fábricas, eram quintas, arvoredos, jardins, ourelas e marginados verdejantes de límpidos regatos, que os ductos atuais do gás degeneraram em água-tofana dessas dezenas de chafarizes em que tragamos peçonha.

Não era, todavia, o sol nem os aromas que extraordinariamente alegravam as famílias mais gradas da cidade do Porto, no dia 15 de maio de 1762. As bandeiras que tremulavam, brandamente assopradadas por olorosas brisas, por sobre os balcões e rótulos das janelas da Rua Chã e Corpo-da-Guarda, significavam algum grande júbilo nacional, que certamente não era casamento de rei, nem nascimento de príncipe. Mais que no comum das famílias burguesas, brincava o contentamento nas ridentíssimas filhas do chanceler governador das justiças Francisco José da Serra Craesbeeck de Carvalho, nas graciosas e folgazãs meninas do governador general da Província João d'Almada e Melo, nas sobrinhas do cabo-mor Miguel José de Moura, nas duas loiras irmãs do senhor de Quebrantões e Gaia-Pequena Álvaro Leite Pereira, e muitas mais, assim formosas que bem-nascidas. E, depois, que tráfego é este de costureiras que vão e vêm; de alfaiates azafamados que sobem e descem duns palácios para outros? Porque está praguejando aquele fidalgo impaciente contra os desgraçosos anéis da sua cabeleira, enquanto a esposa vocifera contra a modista ignara que lhe estreitou as anquinhas,

deixando-lhe quasi molduradas na seda flexível as magras formas da natureza sovina? Porquê³ tudo isto, todo este afã desusado na cidade menos de luxos e fidalgas folias?

É que, na noite daquele dia, acendia-se no Porto, pela primeira vez, uma das mais refulgentes lâmpadas do altar da civilização. É que naquela noite memoranda o burgo de D. Moninho Viegas entrava em comunhão de delícias das artes encantadoras com as primeiras cidades da Europa. Digamo-lo duma vez, em respeito à ansiedade da leitora: abria-se naquela noite o primeiro teatro lírico do Porto.

Muitos anos antes, no reinado de D. Pedro II, por ocasião das projetadas núpcias de uma filha do algoz e sucessor do infeliz Afonso VI, estiveram em Lisboa cantores italianos da comitiva do duque de Saboia para solenizarem com as suas tramoias líricas os festejos dum casamento que nunca se realizou. O público, porém, espantado e logo aborrecido da estranheza do espetáculo, rompeu às gargalhadas quando a dama arquejava abraçada ao tenor lagrimoso guinchando na sua desabrida aflição. Em resultado desta selvageria, decorreram bastantes anos sem que à capital voltassem companhias de canto, sendo tantas as que muito aplaudidas funcionavam nos teatros da Europa, e na Itália principalmente. Só decorrido largo espaço de tempo, que não seria menos de noventa anos, apareceu em Lisboa a celebrada Zamperini, ajustada por um banqueiro da cúria romana.

Podemos conjecturar, sem ofensa de ninguém, que foi o Porto quem deu o exemplo de apurado gosto à cidade de Ulisses nesta notável conquista do progresso. Demonstram-no as datas: abriu-se o teatro italiano do Porto em 1762; e a Zamperini, com a sua companhia, cantaram em Lisboa no ano 1770, oito anos depois que o Porto lhe castigara delicadamente o descoco de rir-se a capital, quando as prima-donas e tenores soluçavam as suas notas orvalhadas de prantos mais ou menos equívocos.

No que eu presumo que Lisboa levou vantagem à terra querida de D. João I, foi na capacidade e talvez ornato do seu teatro.

Zamperini cantou no tablado da rua dos Condes, ali mesmo naquele cotovelo da rua, onde o leitor já ouviu, por dita sua, a ópera-bufa de *Manuel Mendes Enchundia*, ou a *Ave do Paraíso*, e outras que tais visualidades desgraçadas, para as quais toda a compaixão se faz necessária. Ó Zamperini! Ó Schiattini, infeliz tenor, que pedias nas árias que te pagassem, e os empresários ofendidos te levavam, no fim de cada récita, para o hospital dos doudos! Ó egrégias memórias, se vós diríeis que aquele tablado havia de ser cortado de alçapões, por onde agora assomam cabeças de jacarés, de hipogrifos, de dragões e diabos de todos os feitios!

O braço poderoso que fez erguer de arruinados casebres um teatro, cujo peristilo modesto abona a arquitetura económica de há cem anos; a vontade soberana que moveu o senado portuense a contribuir com o máximo das despesas para uma inovação, que devia de ser medianamente simpática aos laboriosos mercadores e industriais da cidade do trabalho, era um só homem, um dos maiores vultos daquela época. Chamava-se João d' Almada e Melo; governava por esse tempo militarmente o Porto; e três anos depois governava as justiças, presidia no município, presidia na marinha, era conselheiro do soberano, e tenente-general dos seus exércitos. Todos estes títulos são, porém, deslumbrados pela glória de ter inaugurado o espetáculo lírico, em uma cidade que, cem anos depois, carece de recursos para sustentar uma companhia de cantores rebuscados no refugio dos outros teatros.

A decoração cénica do teatro do Corpo da Guarda, se acreditamos o folhetinista contemporâneo, seria exagerado patriotismo encarecermo-la. Para execução da primeira ópera, o pintor, que devia ser dos não somenos da época, fez uma sala régia bem guarnecida de colunas vistosas, e nesta sala correram todas as peripécias do drama, sem que a inverosimilhança danificasse os intentos e efeitos do poeta metrificador e do poeta musical. Denominava-se a ópera *Il Trascurato*, como quem diz «O descuidado». Pargholesi⁴ era o maestro. No intrecho predominava o género cómico. A prima-dona

chamava-se Giuntini. Os demais cantores e cantarinas não faz menção deles o folhetinista⁵ — o patriarca dos folhitinistas⁶ em Portugal, padre Francisco Bernardo de Lima, que então escrevia a *Gazeta Litteraria*, obra de tal cunho, que daria hoje em dia nome e honra a quem assim a escrevesse.

E já que digo da mais antiga crítica de teatro lírico escrita pelo primeiro folhitinista, é aqui o lanço de contar-se à posteridade que foi ainda o governador-geral da cidade do Porto, João d' Almada, quem fundou a *Gazeta Litteraria* em 1761, e galardoou o admirável talento e a copiosa e variadíssima instrução de Francisco Bernardo de Lima. Do quanto aquele famigerado homem protegeu as letras, sem desfaltar no cumprimento de muitíssimas obrigações que lhe corriam por conta e responsabilidade, bastam a dizer-mo dezesseis peças literárias entre panegíricos, odes, élogos e sonetos com que quinze literatos de maior polpa, conglobando-se num só livro, fizeram estrado à passagem do herói para o templo da memória.

Temos glorificado bastantemente com a nossa pojeia de incenso o criador do teatro lírico no Porto.

Agora, visto que Sua Excelência o governador, e Sua Excelência o chanceler, e suas Excelências os desembargadores já saltaram das carruagens, das estufas, das cadeirinhas, caleches, e faetontes, e se refestelaram nas duas ordens de camarotes, é tempo de também entrarmos, posto que o infortúnio de nascermos cem anos depois, fizesse que não fôssemos convidados pelos escudeiros do galhardo governador a comparecermos com a nossa casaca de seda, com a nossa marrafa, com o nosso dinheiro, e com a nossa admiração no teatro lírico do Corpo-da-Guarda.

A leitora, primeiro que tudo, manda-me comprar o *libreto* da ópera, que foi impresso e dedicado àquela fidalga do n.º 2 da 1.ª ordem, e se chama a Sr.ª D. Ana Joaquina de Lancastre. Fui à oficina do capitão Manuel Pedroso, e pesarosamente soube que se venderam ou distribuíram todos os exemplares por ordem do governador. No entanto, como no camarote do juiz de fora está o

padre Francisco Bernardo de Lima, redator da *Gazeta Litteraria*, vou pedir-lhe que me conte o enredo, e virei depois esclarecer a curiosidade de V. Ex.^a que muito me desvanece.

Eis aqui a notícia que me deu o eloquente padre, tal qual a reproduziu no número do periódico do mês seguinte:

— «A ópera tem por fim o mostrar as funestas consequências que resultam a um particular, quando inteiramente se descuida dos negócios, de cujo bom êxito depende a felicidade de sua casa. Tinha o descuidado e negligente Felisberto, que é a primeira personagem desta composição dramática, um litígio com um conde, sobre a soma de trinta mil ducados, que era a maior porção do seu capital; mas ele, só com o sentido na sua comodidade particular, ia perdendo o seu negócio, ao mesmo tempo que o roubava um procurador a quem tinha confiado a demanda. Toda a família de Felisberto fazia o mesmo que o procurador; porque Aurélia órfã, que assistia na casa do descuidado, namorando-se do ambicioso Cornélio, que só a pretendia pelo dote, juntamente com o procurador, fizeram assinar um papel a Felisberto, que por preguiça o não quis ler, no qual se obrigou este a dar-lhe trinta mil ducados, dizendo-se-lhe que este papel era necessário para sair bem a sua demanda; mas antes disso, Lisaura, filha de Felisberto, lhe tinha feito assinar outro papel em que lhe deixava todos os seus bens, a fim que ela se casasse com o seu amante Dorindo. O criado Pasquino e a criada Purpurina aproveitaram-se da mesma negligência para, da mesma sorte, se casarem. Depois de alguns episódios, em que Felisberto conserva sempre o carácter de um homem amigo só do seu descanso, e inteiramente inimigo do trabalho, se declara Cornélio por amante de Aurélia, e mostra a Felisberto a obrigação que este lhe tinha feito; mas ao mesmo tempo mostra Dorindo o seu papel, que se prefere ao outro por estar feito antes do

de Cornélio. Perdoa a todos Felisberto, que até se contenta de que casem os criados, que também tinham abusado do bom e culpável génio de Felisberto.»

Disse, e acrescentou:

— «Olhe que de um sujeito muito interessado em Paris em saber a urdidura das óperas, disse um crítico espirituoso: *É tão estúpido que vai à ópera para ver o enredo!*»

Seja o que for, satisfiz a curiosidade de V. Ex.^a. Enquanto ao desempenho da ópera não direi o meu parecer, porque outro folhetinista, noventa anos depois, analisou detidamente o espetáculo, com sobeja graça e conhecimento da cena. V. Ex.^a dobra esta página, e vai numa *nota final* satisfazer plenamente o seu desejo. Não lho conto eu, porque refazer o que está bem feito é destruí-lo. No *Bibliófilo Joseph*, que subscreve o jovial folhetim, apresento eu à leitora o elegante prosador José Gomes Monteiro.

II

A notícia da inauguração do teatro de canto no Porto, um mês antes da primeira récita, alvoroçara algumas famílias das vilas circumpostas à magnífica cidade, na área de dez léguas.

O juiz de fora de Amarante, António de Sousa Pereira, amantíssimo de música, e instado por uma sua cunhada, que principiava a cantar com deliciosa voz, obteve com muita antecipação o camarote n.º 7 da 2.ª ordem.

Oito dias antes da abertura do teatro, já o juiz de fora estava no Porto, cuidando em trajar-se dignamente a si, a sua mulher e cunhada, de modo que as damas portuenses não se desdoirassem de concorrer com as provincianas ao mais lustroso congresso daqueles tempos.

De feito, se alguma sensação desagradável causou a família de Sousa Pereira, foi a da inveja, em muitas senhoras que, ainda invejosas, primavam em beleza.

Da esposa do juiz diremos apenas que era bela, para nos não minguarem as frases sacramentais no elogio de sua irmã Joaquina Eduarda.

Observada da plateia, a formosa cabeça desta menina, que teria então dezoito anos, era um busto de Pigmalião, não aviventado pelo amor ardente de seu autor, mas por influxo radioso da vida dos querubins. Realçavam quasi nada os pentes de oiro cravejados de pérolas, porque a alvura da fronte os desluzia, bem que o loiro dos opulentos cabelos fosse causa a refulgirem menos os adornos. Era duma candidez ebúrnea. Os olhos, posto que grandes, mal se viam de

assombrados pelas convexas e caídas pálpebras. O coral fendido dos finos lábios poderia estilar o néctar mortal das paixões, se não fosse formado por algum beijo de arcanjo, que lhe viera roubar a alegria da terra levando-lhe no ósculo as melhores e mais puras alegrias da alma. Joaquina Eduarda parecia triste, introvertida em cogitações íntimas; porém, quando a Giuntini espedia em trilos vibrantes as frases musicais mais expressivas da paixão, Joaquina espertava, estremecia, e maquinalmente juntava as mãos para aplaudir.

Num entreato, ao camarote do juiz de fora de Amarante foram alguns magistrados, e cavalheiros da província, cumprimentar a família de Sousa Pereira, sujeito aparentado com ilustres casas d' Entre Douro e Minho.

O velho Pedro de Vasconcelos, de Braga, também foi, e levou em sua companhia um filho natural e único, muito querido seu, académico do quarto ano do curso jurídico na Universidade de Coimbra.

O moço, conquanto estudante e não dos menos travessos fidalgos em Coimbra e Braga, denotou no camarote acanhamento de menino de coro; e, para ajustar os pontos da analogia com a candura seráfica dum minorista, esteve sempre fito na cunhada do juiz de fora, como o outro estaria enlevado num retábulo de alguma santa das mais formosas; salvo quando Joaquina, por acaso, ou acintemente, lhe relanceava os olhos indescritíveis de fascinação e magia.

Desceu à plateia Pedro de Vasconcelos com seu filho Gaspar. O velho ria-se dos trejeitos do bufão; o moço não despregava os olhos do camarote; e Joaquina Eduarda, a espaços não longos, desfechava sobre a face arrobada de Gaspar uma flecha das maviosas pupilas, que fariam lembrar os relâmpagos rutilantes em céu azul, ao fechar-se um dia calmoso de julho.

O juiz de fora segredou à esposa algumas palavras. A esposa inclinou-se à irmã, e disse-lhe:

— Olha que não parece bem estar assim uma menina a olhar para um homem.

— Eu para quem olho?! — perguntou Joaquina, confessando a culpa no rubor e contrafeito sobressalto.

— Eu bem vejo, e teu cunhado também viu.

A menina voltou o rosto para o palco, deteve-se com gesto de amuada alguns minutos; depois esqueceu-se, e olhou outra vez.

A irmã sorriu-se de má catadura, e murmurou:

— Queira Deus... Teu cunhado, se o zangas, não volta mais aqui, nem a parte nenhuma. Não sabes o génio dele?... E as recomendações do mano Sebastião?

Tornou a amuar Joaquina Eduarda, e nunca mais baixou os olhos sobre a plateia.

Concluído o espetáculo, o magistrado tomou pelo braço as duas senhoras, que entraram em cadeirinhas e partiram, enquanto ele ficou esperando no pátio o regedor das justiças para lhe dobrar uma cortesia até aos joelhos.

Convém saber alguma coisa do juiz de fora e sua família.

Estava ele ouvidor em Viana em 1758. Ali vivia, no último quartel da vida, um fidalgo com poucos bens de fortuna, e muitas feridas no serviço da pátria. Era o capitão de cavalaria Fernão Casado Godim, neto do doutor Marçal Casado, o qual fora irmão duma celebrada viúva de quem rezam as crónicas dos heroísmos de portuguesas. Costumava Fernão mostrar a quantas pessoas se honravam com a sua amizade um livro impresso em 1625, e escrito pelo padre Bertolameu Guerreiro, da Companhia de Jesus, no qual livro vinha contada a façanha de sua tia-avó pelo seguinte teor:

«... Para estimar foi a contenda que entre a natureza e a honra lidou no peito de uma dona vianesa, que tem pouca razão de invejar o valor das matronas romanas. Tendo em sua casa um só filho, em cuja companhia tinha a sua consolação e governo, se viu com ele em grande fadiga: apertava o amor de mãe para ele não ir na armada*; apertava o da honra para não ficar na terra. No meio desta batalha, entra

* Esta armada destinava-se a ir expulsar os holandeses das praças assaltadas e tomadas no Brasil em 1624.

o filho pela casa, acompanhado de amigos e parentes para a consolarem de ficar alistado no serviço da jornada: com o fogo no coração e água nos olhos, lhe lançou mil bênçãos, rejeitando os alívios que lhe davam de sua saudade: dizendo que ainda que não negava o efeito de mãe em ficar sem filho, estimava tê-lo para nesta ocasião fazer dele sacrifício à honra, que o era servir a seu rei em tal jornada. Era esta dona mãe do capitão João Casado Jácome, que na jornada o foi do navio S. Bom-Homem.»*

Esta página do feito brioso da irmã de seu avô era a consolação do velho, visto que dos feitos dele nem glória sabida nem mercês pecuniosas adquirira para poder legar aos filhos.

Fernão Casado, ao tempo que Sousa Pereira chegara a Viana ouvidor, tinha duas filhas, e um filho então reitor nas proximidades de Barcelos ao sopé da serra de Airó. O magistrado, já pendendo aos quarenta anos, afeiçoou-se à filha mais velha de Fernão, e casou com ela sem grandes prólogos de galanteio. Passado um ano, Sousa Pereira foi transferido juiz de fora para Amarante, e Joaquina Eduarda, meigo amparo e alívio das cãs de seu pai, ficou naquela melancólica estreiteza de gozos infantis, até que o velho se finou santamente nos braços dela e nos do filho clérigo.

Recolheu o padre Sebastião Godim à reitoria, e levou consigo a irmã. Herança quasi nenhuma teve que administrar-lhe, porque o melhor dos bens de Fernão foram em vida repartidos entre a filha casada com o ouvidor e o património clerical de Sebastião. O restante, que o velho destinava ao dote da segunda filha, levou-o a pertinaz e mortal enfermidade de um ano.

O padre Sebastião prezava em extremo sua irmã. Por amor dela alfaiou modesta, mas asseadamente, a pobre casa da residência

* *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal, para se recuperar a cidade do Salvador, na Bahia de todos os Santos, tomada pollos Olandezes, a oito de Mayo de 1624, & recuperada ao primeiro de Mayo de 1625.* Lisboa. Por Mateus Pinheiro. Ano de 1625.

reitoral. Comprou-lhe cravo para aprender música e canto, com um proprietário de Barcelos, que professara aquelas artes na capela do Sr. D. João V.

Mais d'ano correu, se não alegre, pelo menos bonançosa a vida de Joaquina Eduarda. O irmão, algum tanto desvanecido com a fidalguia de seus avós, apenas aceitava a convivência de pessoas da sua plana. Dizia ele que a plebe lhe não aborrecia, senão porque era vil dos instintos, que a bruteza da nenhuma educação asselvajava mais. Sem embargo, como pastor d'almas, cumpria zelosa e evangelicamente seus deveres. Quis, ao começar suas funções paroquiais, dirigir uma escola para desbastar nos mocinhos a rusticidade dos pais; porém, ao segundo mês de ensino, os pais levavam de força os filhos para a lavoira, alegando que se comia bem, e bebia, e governava cada qual sua vida sem saber ler nem escrever. Joaquina Eduarda, sem demover-se pelo exemplo do irmão, chamou a si algumas rapariguinhas de lavradores para lhes ensinar prendas das mais necessárias. Poucas acudiram ao convite, e, logo depois, assim que a safra⁷ das colheitas começou, retiraram-se todas.

Algumas pessoas nobres de Barcelos visitavam de longe a longe o reitor, não tanto porque ele era bom sacerdote, mas principalmente porque tinha os apelidos dos Casados e Godins. Pode muito bem ser que outro motivo atraísse à residência de Bastuço alguns visitantes de costumes suspeitos. Se a hipótese é aceitável, pouco tempo se prestou a conjeturas, porque os hóspedes retiraram, tão depressa viram no semblante do reitor a gravidade e desconfiança.

Maria Amália, a irmã de Joaquina, dois anos depois do apartamento, escreveu ao irmão padre rogando-lhe que deixasse ir sua irmã fazer-lhe companhia por alguns meses em Amarante. Não deu o padre a permissão, que Joaquina secretamente desejava. Disse que não podia desfazer-se e privar-se do único bem que Deus lhe concedera, na soledade a que, por obediência filial, sacrificara seu coração; e acrescentou, em carta a seu cunhado, que Joaquina era

inocente como as boninas suas irmãs daqueles prados e vales; e que o ar dos povoados a poderia impestar e fenecer como sucede às flores dos montes transplantadas para os jardins.

Magoou-se o juiz de fora com aquela observação.

— Pois quê! — dizia ele — Joaquina em minha companhia estará menos resguardada e defendida que em companhia do irmão?! Pois eu tomo a peito provar a meu cunhado que me não assustam as suas reflexões.

Daí a pouco, apareceram inesperados na reitoria o juiz de fora e sua senhora. Correram quinze alegres dias em passeios, musicatas e pescarias no rio Cávado. Findo este prazo, António de Sousa Pereira instou seu cunhado a que deixasse ir a mana Joaquina passar o inverno em Amarante. O padre, confiando nimamente na amizade da irmã, cedeu nela a deliberação. Joaquina hesitou por delicadeza com o mano; todavia, quando o cunhado se fez intérprete do seu silêncio, calou-se condescendendo. Inristeceu-se profundamente o padre; mas não a contrariou; apenas disse:

— Tens razão: o inverno aqui é muito desagradável. Voltarás com as flores e com as aves, minha irmã.

Vieram aves e flores; mas Joaquina não voltou.

Seriam amores que a prendiam à vila de Amarante, que, naquele tempo, tinha em si muitas famílias nobres, das mais qualificadas na fidalguia do norte? Não eram amores: era, por ventura e com desculpa, a glória de ver-se admirada como portento no canto, e como professora no cravo. O culto à sua singular formosura era incenso que a não aturdiava nem lhe inclinava o ânimo isento a algum dos turibulários. O juiz de fora, posto que se comprazesse na esquivança da cunhada, desejava que ela se não dificultasse ao galanteio de rapazes fidalgos e ricos, a fim de poder escolher marido como lhe convinha em sua carência de bens de fortuna. Porém, aconselhada pela irmã a condescender discretamente às instâncias delicadas dos galãs, Joaquina Eduarda respondia:

— Por interesse sou incapaz de mentir a algum destes homens; e por amor... digo-te a verdade: ainda não encontrei pessoa que possa despertar-mo.

— Oxalá — redarguia Maria Amália — que não venhas a encontrar o despertador em algum rapaz pobre e mecânico...

— Se isso acontecesse — replicava a menina — maior desgraça me não desse Deus.

O padre recebia a substância deste e doutros diálogos semelhantes. Não se afligia nem contentava; todavia, inquietavam-no presságios funestos, que ele desvanecia atribuindo-os à ternura com que estimava sua irmã.

Passado um ano e meio de ausência, foi o reitor visitar sua família, no intento de voltar com Joaquina Eduarda.

Assistiu a algumas assembleias, que se faziam em diferentes casas, revezadas às noites. Presenciou o cortejo que rodeava sua irmã, aplaudida, festejada, e aclamada rainha de todas as festas.

— Em verdade — disse ele ao cunhado — Joaquina é uma alma extraordinária para se não ter embriagado com os fumos da lisonja! Supunha eu que todas as mulheres deviam sucumbir, mais ou menos nobremente, a esta guerra que o mundo faz à tranquilidade dos corações!

— É um assombro! — dizia António de Sousa — mas, por isso mesmo, receio que alguma paixão a surpreenda inconvenientemente. Estas mulheres de condição muito afidalgada e rebelde em amores são como as pessoas muito saudáveis: chega uma hora em que a primeira doença mata umas, e o primeiro amor perde as outras.

— Pois se receia isso, meu amigo — acudiu o padre — intendo que o melhor é deixar-ma levar para o esconderijo da minha aldeia.

— Isso é demais! — exclamou o cunhado — Pois o mano já viu que às pessoas muito saudáveis as resguardassem num hospital para esquivá-las à primeira doença?!

— Mas que analogia há entre o hospital e a minha aldeia?!

— Há. Sua irmã, passando desta vida agitada e satisfeita, para o ermo e silenciosa monotonia do campo, cai-lhe numa tristeza inconsolável, e começa a pedir ao coração o segredo da sua cura. Então é que é o temermo-nos dalguma impressão funesta.

— Valha-me Deus! — retorquiu o reitor — Isso é um sofisma, meu caro doutor! E, se o argumento colhe, mau foi tirá-la duma quieta vida, e da ignorância destas folias que tornam perigosa a mudança para a solidão.

— Bem sei, bem sei. O que o mano quer é levar sua irmã, e eu não tenho coração que o contradiga. Já agora deixe-a estar mais um mês. Vai abrir-se o teatro de canto no Porto, e eu estou comprometido a levá-la a esta festa, a mais preciosa para quem divinamente canta como ela. Depois, tanto Joaquina como Maria Amália querem visitar a tia Joana, freira de Santa Clara, que elas nunca viram. Estaremos um mês no Porto; iremos de lá a Barcelos; e Joaquina, visto que o mano assim o quer, fica em sua companhia alguns meses, e voltará no inverno para Amarante, se eu ainda lá estiver servindo.

Acordaram nisto.

III

Já se viu que o juiz de fora experimentou no teatro o primeiro desgosto, enquanto a desconfiar de sua cunhada.

Gaspar de Vasconcelos, bem que filho dum rico fidalgo, não era dos pretendentes do agrado de António de Sousa. O pai destinava-o a casar-se com uma prima carnal. Se o filho contrariasse o destino que lhe davam, perderia a estima do velho, e, como ilegítimo, não haveria sequer alimentos da casa paterna. O juiz de fora sabia tudo isto cabal e juridicamente.

O simples caso de Joaquina Eduarda encarar no moço com atenção desusada, pouco devera inquietar o espírito do cunhado, se não fosse aquele preconceito da fatalidade da primeira impressão na alma das mulheres refratárias aos galanteios de que o maior número delas se pagam e desvanecem.

Na noite seguinte à do teatro, deu o regedor das justiças um baile em honra de João d'Almada.

Joaquina Eduarda cantou: apresentaram-lhe duas árias do *Il Trascurato*.⁸ Leu-as magistralmente, cantou-as de modo que, sem encarecimento, a reputaram superior à Giuntini no apaixonado das notas maviosas, e na força com que expedia as graves. Foi o encanto da noite, dos olhos e dos corações a prendada menina.

Gaspar de Vasconcelos não tinha já coração em que outra esperança ou pensamento coubessem. O valor de Joaquina Eduarda

figurou-se-lhe tamanho a ponto de já ele imaginar que seu pai se desvaneceria, podendo ter aquela menina como esposa de seu filho.

E, autorizado pelo afeto com que o velho indulgenciava certas liberdades, disse ao ouvido do pai:

— Se eu casasse com uma divindade como aquela...

— O quê? — interrompeu o fidalgo bracarense — Faz-te palerma!... Nem pensar nisso! Tua mulher é tua prima.

Gaspar sorriu-se dissimuladamente, e disse:

— Eu estava a gracejar...

— Pois sim; mas com o coração e com mulheres daquelas não se graceja, ouviste? É cunhada do meu amigo António de Sousa, é filha dum homem de bem, e finalmente é capaz de fazer perder o juízo àqueles que o têm no seu lugar.

O moço dava os ouvidos às reflexões do pai, e não desfitava olhos de Joaquina.

Pedro assestou-lhe também a enorme luneta de aro de prata, e murmurou:

— Ela parece que está a olhar para ti! Querem vocês ver que temos história!

— Ora!... Tem coisas o pai!...

Ao mesmo tempo, o juiz de fora segredava à esposa:

— Isto não tem jeito!... Lá estão eles em contemplação!... Não saias do lado de tua irmã. Repara tu que estão aqui mais de vinte homens fascinados de Joaquina, todos abastados e das primeiras casas. Pois observa que a tola não corresponde ao cortejo de nenhum!...

— Eu vou sentar-me ao pé dela — disse a dama, um tanto admirada de que o marido não desse tento de que andavam ali também uns vinte homens a olhar para ela.

Saíram do centro da sala os homens para darem praça ao espetáculo magnífico do minuete, que era então a nova e suprema expressão do belo no bailado, arte em que portugueses não primavam.

Saiu à sala em pé de dança Gaspar de Vasconcelos, emparceirado com uma filha do regedor das justiças. Rompeu a música, e logo ele começou por dificuldades que excedem todo o louvor. Reinava o espanto nos espectadores. Gaspar adquirira em Coimbra aquela prenda em que saíra primor. O próprio bispo, conde de Arganil, o mandava algumas vezes convidar para em sua presença e na de alguns gravíssimos doutores, executar as maravilhas do minuete a solo. Era uma glória nacional o rapaz em Coimbra e Braga; mas, daquela noite em diante, o Porto subscreveu à admiração universal das duas mais cultas cidades do reino.

Joaquina Eduarda corava de entusiasmo quando viu Gaspar nos braços de João d'Almada e Melo, cabeça bem formada, que naquela hora o néctar de Terpsícore desconcertou. Os aplausos gerais celebravam o grupo sublime do velho sargento-mor abraçado ao moço.

Gaspar na dança, e Joaquina Eduarda no canto, eram o assunto do dia seguinte. Não obstante, António de Sousa metia a riso os trejeitos, convulsões, e pulos de Gaspar, na presença da cunhada. A menina ouvia-o com silencioso despeito, e o juiz piscava o olho à mulher.

Passadas duas noites, repetiu-se a récita. Pedro de Vasconcelos não quis ir ao camarote do seu amigo com o filho. Aproveitou o ensejo de estar o moço no camarote do regedor das justiças, e foi só. Joaquina pregara os olhos embelezados no camarote do regedor das justiças, enquanto o velho de Braga entretinha o cunhado; mas o cunhado ouvia o pai, e via o filho.

Despediu-se Pedro de Vasconcelos; e António de Sousa, acompanhando-o, travou-lhe do braço, e saiu com ele a passear no estreito pátio do teatro, pátio a que não chamo vestibulo por não desfeitear a arte dos Afonsos Domingues.

— Falemos como velhos amigos — disse o juiz de fora.

— Que sempre fomos — acrescentou o fidalgo.

— Eu descobri que minha cunhada não é indiferente a seu filho.

— Também eu descobri isso. Pagam-se na mesma moeda.

— É necessário cortarmos desde já esta inclinação, a menos que V. S.^a não ordene o contrário. Isto é que é franqueza.

— Pois então franqueza e mais franqueza — disse o velho, apertando-o nos braços. — O doutor, meu velho amigo, não se ofende se eu lhe disser que é preciso acabar com esta inclinação...

— De modo nenhum me ofendo.

— O meu rapaz, como sabe, é filho natural, e eu de propósito não requeri perfilhação; porque, se ele me andar ao arrepio da minha vontade, os meus bens vão a quem tocarem. Quero que ele case com uma filha de minha irmã; e estou à espera que a pequena tenha a idade para requerer as dispensas. Isto é negócio tratado; porque assim o meu vínculo vai a minha sobrinha, e o rapaz, deste modo, sucede-me na casa; senão, nada feito.

— Muito bem: gostei d'ouvi-lo assim falar. Eu já sabia isso; mas quis obter a última certeza.

— Fez V. S.^a muito bem, doutor. Eu cá pela minha parte já disse ao rapaz o que tinha a dizer-lhe; e, se não fossem uns negócios que trago aqui na Relação, ia-me já embora amanhã com ele, porque, se vai a dizer verdade, sua cunhada é o que eu tenho visto de rapariga perfeita; e, se ela quiser marido rico e tão fidalgo como ela, não tem mais que escolher. E desculpe, doutor.

Separaram-se. António de Sousa entrou no camarote, e achou lá Gaspar de Vasconcelos. Tratou-o com urbanidade, mas muito carregado de aspeito. Saiu o moço; e o juiz, passados minutos, disse:

— Amanhã é necessário erguer cedo, e enfardelar a troixa.

— Vamos embora? — disse D. Maria Amália.

— Vamos para Barcelos; mas antes de entrarmos nas liteiras, tu e tua irmã ireis visitar ao convento de Santa Clara a tia Joana, que já está prevenida.

Joaquina Eduarda não volveu sequer a cabeça, para que lhe não vissem o rubor, nem o espelhado das lágrimas.

Ao correr do pano sobre a última cena, enquanto a irmã lançava aos ombros um manto encapuzado, e o cunhado procurava

a bengala debaixo da cadeira, Joaquina fitou os olhos em Gaspar, e ousou enviar-lhe um gesto de adeus com a cabeça, um adeus que, na tristeza do semblante, dizia «para sempre».

Gaspar levou a mão ao peito sem dar tino do ato.

O pai, que estava de atalaia, reparou no caso, e disse:

— Que diabo de geringonça é essa?! Ai! Que o rapaz traz-me a cabeça a juro! Anda daí, meu patacoada! Parece que nunca viste mulheres!

IV

Triste foi o despertar de Joaquina Eduarda, se por ventura dormiu. «Amaldiçoada hora em que vim ao Porto!» — dizia ela entre si. Já o amor lhe doía tanto, que mais quisera não ter conhecido a formosa luz desse mortífero raio!

Enfardelada a bagagem, saíram as senhoras em cadeirinhas a visitar a tia D. Joana, religiosa professa de Santa Clara, que nunca tinha visto Joaquina.

Era a tia Joana uma serva de Deus, e exemplar esposa de Jesus Cristo. Para ali entrara aos quinze anos, e nunca mais vira o sol senão através de grades. Vivera ditosa, e não compreendia o desgosto dalgumas freiras, que invejavam a liberdade das andorinhas. Encantada da formosura da filha de seu irmão, exclamava:

— Deu-te o Senhor essa beleza angelical, porque te quer para as suas divinas núpcias. Vem para mim, Joaquina, vem; e, se o coração te levar para o esposo, veste o hábito. Se tens bonitas prendas, como toda a gente diz, a quem melhormente as darás senão ao autor delas? Serás a mais rica em dotes, entre as suas esposas. Resolve-te, minha pomba do céu. Se estas grades te entristecem, verás como o amor de Deus tas alumia depois.

— Eu pensarei, minha tia — disse Joaquina Eduarda — por enquanto não decido do meu futuro. Espero que ele seja mau; porém, o ser freira, sem decidida vocação, é preparar o pior dos futuros.

— Assim é, menina, assim é; mas eu pedirei ao Senhor que te mova, e a sua divina inspiração te será depois contentamento sem fim. Isto aqui dentro, filha, é um mundo pequeno: há bom e mau; os bons corações melhoram-se, e os maus pervertem-se. Resultado triste das profissões involuntárias... Vai pensar e orar, para que Deus te guie por graça de um dos seus anjos.

Prolongou-se a visita nestes seráficos discursos da freira, até que António de Sousa chegou, e logo depois as locomotivas estrondosas. As senhoras desceram a embarcar nas liteiras. Joaquina circumvagou os olhos pelo rossio do mosteiro, e avistou encostado ao arco da Porta do Sol Gaspar de Vasconcelos, cobrindo meio rosto com um lenço branco em que as lágrimas se embebiam. Tinham sido as campainhas das liteiras, que avisaram o moço. Abalado pelo agudo pressentir d'amante, desceu à rua a interrogar os liteiros, e soube que pertenciam ao juiz de fora de Amarante. Depôs na mão condescendente do arrieiro um cruzado novo, e pediu-lhe espera dalguns minutos enquanto ele escrevia duas palavras, para serem entregues, quando fosse possível, à mais nova das duas senhoras. Negociada felizmente a proposta, Gaspar escreveu no balcão duma tenda poucas linhas, que fechou com um fragmento de hóstia, e, com outro cruzado novo, entregou o bilhete.

Partiram as liteiras caminho de Barcelos. António de Sousa nem palavra disse com referência à pertinácia do bracarense, que ele, indignado, vira encostado ao arco.

Exultou o padre Sebastião Godim, quando a casa se lhe encheu de luz com a presença da irmã. O sacristão, sem consultar o reitor, foi dar três repiques nos sinos e sinetas do presbitério. Os rapazes da aldeia deram de mão à lavoira, e saíram à rua com rebecas e zabumbas. O mordomo de São Clemente perdeu o amor a três mil e seiscentos réis, e pegou lume a doze dúzias de foguetes que tinha comprado para a festa do santo no domingo próximo. Apinhou-se a freguesia alvoroçada em volta da residência, e beberam-se alguns canecos de vinho, que mandou comprar o juiz de fora.

E Joaquina Eduarda, que tão querida era daquele povo, estava triste e aborrecida. Para se furtar aos grotescos cumprimentos dos lavradores, desceu ao jardim, cujas plantas semeara ela e desvelara com infantil amor. Neste ensejo, o liteireiro, que a espreitava a jeito, fez-lhe sinal, e deu-lhe o escrito.

— De quem é? — perguntou ela incendiada na alegria do preságio.

— É do fidalgo que ficou encostado ao postigo do Sol. Se V. S.^a quiser responder, há de ser depressa, que nós, lá pela meia-noite, vamos embora. O tal senhor está aquartelado em casa dos senhores Melos da Rua Chã, que eu já lá o enxerguei.

Escondeu-se Joaquina a ler o escrito, que dizia assim:

«Antes morrer que não tornar a ver V. Ex.^a Se for sua vontade, irei procurá-la ao fim do universo. Escreva-me V. Ex.^a Peço-lho com as mãos erguidas.

G. DE VASCONCELOS.»

Tremia a formosa criatura. Que visão, que morrer de felicidade para o amante que assim a visse naquele estremecimento em que havia o que quer que fosse de embriaguez, de vertigem!

Acolheu ao seio o bilhete: é no coração que ela queria escondê-lo.

Entrou ao seu quarto: não tinha papel nem tinteiro. Foi, às furtadelas, tirar um lápis dentre as folhas do breviário do irmão; e, numa tira rasgada dum caderno de músicas, escreveu:

«Se eu pudesse vê-lo, seria menos desgraçada. É o primeiro homem que amo, e amarei até ao fim da vida. Fico ao pé de Barcelos, na freguesia de Bastuços. Como hei de eu vê-lo, sem ser descoberta? Não sei. Tenho um irmão que há de ser mais severo que um pai. Não me esqueça, e esperemos a sorte.

J. EDUARDA.»

Depois disto, e entregada prosperamente a carta ao liteireiro, transfigurou-se o semblante amargurado de Joaquina. Desbordava-lhe a exaltação do seio aos lábios e olhos. Sorria a todos, acariciava o irmão, cantava modilhas populares no seu desafinado manicórdio, fazia passos do solo inglês, e gesticulava remedando a Giuntini e as truanices do bufão da ópera.

António de Sousa estava pasmado; Sebastião Godim aquinhoava daquele doudo contentamento; e a irmã, que já se havia mostrado infadada dos enojos de Joaquina, dizia ao marido:

— Desconfio deste súbito contentamento! Aqui há história...

— Que história! Há a versatilidade própria das mulheres! — dizia António de Sousa — Esqueceu-se do rapaz! É o que é. Ainda bem.

— Aqui há história, António! — instava a senhora — Fia-te em mim, que sou mulher.

— Por isso mesmo é que não há história! — disse sorrindo o magistrado — Vocês são uns evangelhos muito apócrifos para que a gente se fie.

— Não rias. Lembra-te que Joaquina desapareceu daqui um grande pedaço. Passou duas vezes pela sala muito cabisbaixa e pensativa. Dei tento de ela ir duas vezes ao quintal...

— E daí?

— Estará o Gaspar por aí escondido?

— Valha-te Deus!... Não sabes que pai ele tem! Cuidavas que o rapaz atravessava dez léguas atrás das liteiras sem ser visto!...

— Então é outra coisa: história é tão certo havê-la, como dous e dous...

— Serem quatro tolices que tu dizes.

Assim rematou António de Sousa, quando sua cunhada entrou abraçada no irmão.

Raras intermitências de tristeza assaltaram o jubiloso espírito de Joaquina. Os oito dias que António de Sousa passou na reitoria correram sem que sua cunhada revelasse leve pesar de ver partir a irmã para Amarante. O juiz discretamente referiu ao reitor o acontecido com o sujeito de Braga, as inquietações que este episódio lhe dera, e por amor disto a pressa com que viera entregar-lhe a irmã. Sebastião Godim agradeceu a história, e mais ainda a restituição da sua filha, como ele dizia, para encarecer o muito que estremecia Joaquina.

— Agora — ajuntou António de Sousa — o mano acautele-se e previna-se.

— De quê? — interrogou com sorriso de galhofa o padre.

— Dalguma correspondência ou visita inconveniente... O rapaz tem ares de afouto, e ela não me parece que seja das mais tímidas. O mano ri-se? Olhe que estes casos não se levam assim...

— Chama-se ele? — perguntou o padre.

— Gaspar, filho do Pedro de Vasconcelos, de Braga.

— Bem sei: este Vasconcelos era um bom amigo de meu pai. Não creio que desta família possa surgir a desonra da minha; e menos receio que minha irmã se descuide de ser honesta. Enfim, eu cá estou... Se ela tinha saído vitoriosa das seduçções dos galãs amarantinos, e vinha agora nestes inocentes vales, à sombra de seu irmão, destruir o bom conceito que tem ganhado!... Não pensemos nisto, que me faz mal...

Retiraram o juiz de fora e mulher para Amarante. Joaquina Eduarda dispôs de pouquíssimas lágrimas na despedida, e assim recompensou liberalmente os secos olhos da irmã. Esta senhora, bem que linda e grandemente mimosa de encantos, desde certo tempo cobrara não sei que louca emulação da irmã. Quando Joaquina chegou a casa dela, a esposa do juiz fruía a nota de primaz nas formosuras daquela vila; porém, o eclipse fora total com o aparecimento da mais nova. E, posto que a dama casada não queria cativar alguém com suas graças, doeu-se de que lhas vissem com indiferença. Mulheres! A serpente sempre a sob-rojar-se por entre as mais virtuosas!

Isto assim dá explicação do ar despeitoso com que as vimos no teatro e salões do regedor das justiças, e melhor esclarece a economia de prantos com que se despediram... para nunca mais se verem.

Mais satisfeitos que nunca, douraram-se os dias de Joaquina e de seu irmão. O padre surpreendeu-a com o brinde de um *pianoforte*, o primeiro talvez que viera a Portugal, daqueles que inventara poucos anos antes o celebrado Silbermann. Deu-lhe também cadernos italianos de músicas modernas. Quanto ele pudera poupar em ano e meio, tudo empregara na realização daquele desejo de sua irmã.

E, ao vê-la, tão distraída com música e flores, o reitor censurava no íntimo, e com desagrado, as suspeitas caluniosas de António de Sousa e da mulher.

Uma tarde, sentados na ourela verdejante do córrego, chamado rio Real, conversavam sobre os casamentos deparados em Amarante à irmã. Joaquina ria-se, recordando os dizeres requebrados daqueles sujeitos, e a desgraciosa ternura de tais aleijados pelo maganão Cupido. Ria o padre da linguagem pitoresca da irmã; e, azado o ensejo, pela primeira vez falou em Gaspar de Vasconcelos. Vestiram-se de púrpura e seriedade as faces até ali joviais de Joaquina, e então observou o reitor:

— Este nome alterou-te, minha irmã?!

— Foi uma saudade e mais nada — respondeu ela. — Não me censures por isso, que este sentimento não é indigno de almas bem formadas.

— Pois eu não te censuro — tornou suavemente Sebastião. — E, a censurar-te, seria por ocultares do teu único amigo esse incidente de nenhuma importância.

— Pois por ele não ter importância to occultei.

A saída era engenhosa; e, por muito engenhosa, sugeriu precauções ao padre.

Não tardou motivo de suspeita.

Sebastião Godim voltava um dia da igreja a buscar a caixa das hóstias, que lhe esquecera, e encontrou nas vizinhanças da residência um homem estranho que mal disfarçadamente, ao avistar o padre, se escoou por um quinchoso, que conduzia à estrada. Trajava jaqueta, chapéu derrubado, e denotava homem da última plebe. Aventou o padre, naquele desconhecido, um enviado de Gaspar de Vasconcelos.

Calou-se, porém.

Lançou inculcas e pesquisas. Colheu miúdas informações. Aquele homem já três vezes tinha vindo amanhecer à freguesia, e parava à porta do reitor, à hora em que este dizia a missa.

Fez-se triste o padre. Às perguntas da irmã, sinceramente sentidas e desconfiadas, Sebastião respondia com um fingido ar de contentamento, e algumas frívolas explicações de sua melancolia.

Estavam espias emboscadas nos atalhos convizinhos do passal e casa do reitor.

Um dia, foi avisado o padre, quando se estava revestindo. Desparamentou-se, saiu da igreja, e meteu por caminho diverso. Surgiu de repente à quina do cunhal da casa, e viu retirar-se o mesmo homem debaixo duma janela. Desandou em redor do passal, e saiu-lhe à frente. Acercou-se do homem, lançou-lhe a mão à lapela da jaqueta, e disse-lhe:

— A carta que levas! Não te demores em dar-ma, senão quebro-te os braços.

— Está aqui, senhor — disse o homem aterrado, e entregou-lha.

— Espera! — ajuntou Sebastião Godim.

Leu a carta, dobrou-a, voltou-se placidamente ao criado de Gaspar, e disse-lhe:

— Vem comigo, que não te faço mal.

O homem seguiu-o.

— Espera-me aqui — disse o padre entrando ao quinteiro da residência.

Subiu ao seu quarto, e escreveu em meia folha de papel: «A carta dirigida por Joaquina Eduarda ao Sr. Gaspar de Vasconcelos fica em poder do filho de Fernão Casado Godim.»

Saiu ao patamar, chamou o criado, e disse-lhe:

— Entrega isto a quem te mandou.

Joaquina Eduarda, através da vidraça do seu quarto, vira o homem, e exclamara:

— Ó Virgem Santíssima, que será isto?

O sacerdote voltou ao templo: ajoelhou a reconciliar-se aos pés doutro sacerdote, e foi para o altar. Disse o ajudante da missa que o sr. reitor, naqueles espaços do sacrifício em que o ministro se inleva contemplativo, as lágrimas lhe rolavam das faces, e caíam sobre a vestimenta.

À hora de almoço, Joaquina faltou à mesa. Sebastião perguntou por sua irmã. Responderam-lhe que a menina estava fechada por dentro, e o quarto às escuras.

— Chamem-na — ordenou o padre.

Passados minutos saiu Joaquina à casa de jantar. Trazia os olhos roixos de chorar.

— Almoça, se podes, Joaquina — disse Sebastião.

— Não posso: deixa-me voltar ao meu quarto.

— Vai, que eu logo procuro-te.

Ergueu-se da mesa o sacerdote, e foi rezar no breviário. Depois, bateu à porta do quarto de sua irmã, sentou-se ao pé do leito em que ela estava sentada, e disse-lhe:

— Não é o caso para tamanha aflição. A tua carta a Gaspar exprime grande amor, e mais nada. Isto é apenas um erro: crime não

o há. Reprovo o teu procedimento; mas não te lanço da minha alma. Venho perguntar-te se tens força para romper esta impensada aliança com o homem a quem escreves. Se a não tens, mal de ti! Andas com os olhos tapados em volta dum abismo. Este homem quer perder-te.

— E porque não há de querer ser meu marido?! — perguntou ela animada pelo ar indulgente do irmão.

— É um filho natural, que cairá sobre as palhas da miséria, se desobedecer ao pai. Dentro de alguns meses, Gaspar de Vasconcelos estará casado com uma prima, ou perdido.

— É falsidade! — exclamou ela.

— Não digas isso a teu irmão que nunca mentiu, Joaquina.

— Então estas cartas?! — clamou ela, saltando do leito, e tirando dentre a roupa duma gaveta quatro cartas...

— Dizem-te essas cartas que será teu marido Gaspar? — interrompeu Sebastião.

— Lê-as tu.

— Não preciso: segue-se que é ele quem te mente, e é infame em enganar-te.

— Enganarem-me a mim estas cartas!... Oh! Tu não sabes quanto eu sou amada!... Lê, meu querido irmão, lê estas cartas!

— Nem tocar-lhes.

— Pois tu não intendes que eu possa ser verdadeiramente amada? — bradou ela com orgulho.

— Pode ser que o sejas... E eu me arrependo de ter chamado infame a esse homem. Pode ser que ele medite em sacrificar-te à sua paixão e à sua indigência. De qualquer dos modos, é mau homem. Pergunto de novo: tens forças para te desligares desta fatal prisão?

Joaquina meditou instantes, e respondeu soluçante:

— Não tenho!

O irmão levantou-se, e saiu do quarto.

Meia hora depois, saía no caminho de Braga.

Pedro de Vasconcelos quando soube que tinha na sua sala um filho de Fernão Casado Godim, houve grande júbilo, e mandou pôr na mesa mais um talher, e recolher a égua à sua cavalaria.

— Eu volto daqui a pouco no caminho de minha casa. — disse o padre — Exponho em pouco tempo a razão de minha vinda. V. S.^a é pai, e eu sou irmão. Vontade e autoridade de pai podem muito, a de irmão pouquíssimo. Tenho uma irmã alucinada de amor ao sr. Gaspar, filho de V. S.^a. O sr. Gaspar está no caso de ser esposo de minha irmã, com o beneplácito de seu pai?

— Não, senhor: já respondi o mesmo a seu cunhado juiz de fora.

— Bem: venho pedir a V. S.^a que defenda minha irmã da sedução de seu filho. Venho pedir-lhe que o reduza aos seus deveres, já que eu não posso alumiar as trevas do engano, que ele lançou no espírito de minha pobre irmã.

— Pois o malvado continua?! — exclamou o velho — O patife desonra-me? Quer seduzir a filha de Fernão Godim?

— Já respondi a V. S.^a. Agora recebo as suas ordens, e vou-me às minhas obrigações. A reitoria é pobre, e não tenho coadjutor que mas faça.

— Pois nem ao menos me aceita um jantar?

— Aceito-lhe a boa vontade, e deixo-lhe em paga — triste paga! — impressa na memória a tristeza dum irmão infeliz.

— Vá descansado, sr. reitor — concluiu o velho — que eu sei ser pai com meu filho; mas, se ele deixar de ser filho, serei algoz.

VIº

A mesma sombra afetuosa voltou ao aspeito do padre, que sorria a Joaquina Eduarda. Correspondia ela com ar de amargurada às alegres expressões com que o irmão parecia desafiá-la aos contentamentos antigos, e pedir-lhe perdão de a ter salvado dum perigo. Malgradados os esforços que pusera, recalçando no peito a dor de se ver assim vitimado a uma saudade, Sebastião desistiu de recuperar a ditosa vida que se lhe afigurara duradoura até à doce paz da velhice. Então foi o cavarem-se-lhe as faces, o reconcentrar-se na angústia silenciosa, e o viver com a irmã na dolorosa mudez de duas pessoas que violentadas sustentam e sofrem os dolorosos liames da convivência.

Joaquina, encerrada em seu quarto, contou por lágrimas os arrastados minutos de trinta dias. Já não esperava, nenhum acaso lhe prometia novas de Gaspar. Sabia que ele devia estar já em Coimbra: pensava em escrever-lhe; mas não tinha pessoa a quem confiasse uma carta, e menos ainda quem do correio lhe trouxesse a resposta.

A este tempo o reitor recebeu carta de Pedro de Vasconcelos, assegurando-lhe que o filho estava a concluir a formatura na Universidade, e lhe jurara nunca mais inquietar a Sr.^a D. Joaquina, nem responder às cartas, se as recebesse. E concluía: «Rogo-lhe muito encarecidamente que me avise, caso meu filho quebrante o seu juramento.»

Despiram-se as árvores, nublou-se o céu, esfuziavam as ventanias de novembro, toldou-se o cristal do Cávado, encharcaram-se as várzeas marginais dos ribeiros. A tristeza de Joaquina aumentou. Já não tinha as tardes e alvoradas do estio a dulcificarem-lhe o agro de suas cogitações. Reclusa no seu quarto, ou passeando na sala escura da residência de velhas e nuas paredes, faltava-lhe ar e sol ao qual muitos pesares, como chumbados n'alma, se diluem. Foi num daqueles dias, em que o desejo da morte assalteia as pessoas infelizes e solitárias, que Joaquina, abraçando-se ao irmão surpreendido, exclamou com a voz intercotada de soluços:

— Eu quero entrar num convento, meu querido irmão. A tia Joana de Santa Clara pediu-me muito que fosse para a sua companhia. A santa senhora está pedindo a Deus que me inspire; e este forte desejo, que me impele, é obra divina.

Sebastião Godim demorou alguns segundos a resposta, inclinando o rosto macerado sobre o peito.

— Não me dizes nada? — instou ela.

— Digo-te que vás, minha irmã. Queres professar?

— Como tenho um ano de noviciado, sobra-me tempo de estudar-me e deliberar-me. Por enquanto no que penso é tão somente em me recolher a uma cela, orar, e chorar.

— Amanhã iremos para o Porto, Joaquina, se o tempo consentir. Eu vou rogar um padre que me tome conta da freguesia. Escuso dizer-te que, no caso possível de te enganar essa tua vocação, querendo tu voltar a esta casa, avisa-me, que eu irei logo buscar-te. Observo-te, minha irmã, que nos conventos chora-se pouco, e não se ora muito; pelo menos a eficácia das orações, nos tempos correntes, é moderada. Parece acertada a resolução de entrares em Santa Clara, se o teu fim é distraíres-te. Lá verás muita frivolidade, muita vaidade, muitas paixões ruins, muitíssima hipocrisia ao descair da vida, e raríssimos exemplos de sincera virtude. Se estes puderem mais em ti que os maus exemplos, abriga-te no seio de nossa tia, e esconde-te lá. Se os maus exemplos te seduzirem, de

nada valerá o resguardo e conselhos da tia Joana. Seja como for, Joaquina. Não serei eu que embarace a tua determinação. Já disse, amanhã iremos, ou no primeiro dia estiado da chuva.

Deu-se pressa Joaquina em arranjar os seus baús, e andava muito alegre nesta azáfama. O padre conheceu a transfiguração moral da irmã, e disse entre si: «Está alegre!... Medita alguma loucura... Cuida que do convento lhe será fácil corresponder-se com Gaspar... Vou desenganá-la...»

Tirou da algibeira interior do capote uma carta, e disse:

— Joaquina, há quarenta dias que eu voltei de Braga, e não mais te disse palavra respeito a Gaspar. Deves saber que eu fui perguntar a Pedro de Vasconcelos se seu filho poderia ser teu marido. Respondeu-me que não. Pedi-lhe que empregasse o rigor de pai em desviá-lo do caminho da tua desgraça. Não se baldaram meus rogos. Eis aqui a carta que Pedro de Vasconcelos me escreve. Lê, Joaquina.

Leu, e quando chegou aos termos: «nem responderia às cartas, se as recebesse», às faces dela ressumaram diversas cores, nos lábios desfranziu um sorriso inqualificável, e logo se abriram nestas palavras:

— Que me importa a mim o vil?... Que me não responda quando eu lhe escrever. Eu escusava de saber isso, mano Sebastião. Se sou desgraçada, resta-me a dignidade. Um sentimento nobre de amor não estraga os brios. Eu sei o que valho.

— Menos orgulho, Joaquina! — disse brandamente o padre — Temos visto cabeças coroadas mergulharem na lama das más paixões. Nem dotes, nem formosura nem fidalguia terão mão de ti, quando houveres de cair.

— Cair!... — exclamou ela — Tu julgas de mim muito pouco, Sebastião! Amar é cair?

— É fechar os olhos para não ver a voragem; é cobrir os abismos de tapetes de flores.

— Não receies. Tive sempre abertos os olhos quando amava; e, se os então fechasse, abri-los-ia agora para nunca mais se fecharem.

— Assim seja — concluiu o irmão.

Ao segundo dia, estiou o tempo, e jornadearam para o Porto. Obtidas as licenças mediante a solicitação da religiosa de Santa Clara, Joaquina Eduarda entrou no convento. Ao despedir-se do irmão, debulhou-se em prantos, e rompeu num soluçar de últimas agonias.

Era grande angústia e assombro este inesperado lance para Sebastião Godim.

— Queres tu voltar, Joaquina? — balbuciava ele sufocado.

— Não... — disse ela — Eu sinto-me passada de mil dores! Pede a Deus que me salve ou que me mate.

VII

Ao oitavo dia de convento, Joaquina Eduarda principiava a achar assaz aborrecida sua tia Joana com a superabundância de santos e santas de suas relações. À virtuosa criatura da velhinha afigurava-se-lhe que os papas não tinham canonizado gente bastante para enchimento do seu coração devoto! Esgotados os bem-aventurados do padre Feo e do Ribadeneira, soror Joana do Rosário rezava às almas de todas as religiosas daquele e doutros conventos, falecidas em cheiro de santidade.

No princípio, Joaquina, mais delicada que devota, comungou do fervor da tia; mas, ao cabo da primeira semana, tinha os joelhos macerados, o coração estéril de piedade, e a cabeça atordoada do rosmonear monótono da tia, e duma aluvião de nomes de mártires, de virgens, de confessores, de doutores, e de freiras mortas e milagrosas, com as respectivas histórias.

Emancipou-se ao oitavo dia, dizendo que não podia continuar nas rezas, sem prejuízo da sua saúde.

A tia Joana dissaboreou-se disto; mas não a contrariou.

— Será quando puderes, Joaquininha — disse ela com evangélica mansidão e bom juízo.

Estavam no convento umas religiosas de pouco tempo, e noviças recém-chegadas que lastimavam a situação de Joaquina em companhia da beata.

Uma e outra lhe diziam:

— Pobre menina! Ao céu vai a senhora, mas da terra pouco tempo há de gozar-se! Reparta melhor o seu tempo. Passeie, divirta-se,

coma, durma e reze, que as horas chegam para tudo, e ainda fica tempo de se ganhar o céu. Mais vale uma hora de oração voluntária, que uma pregação de quatro horas a todos os santos e santas do reino da glória.

Havia tal qual sensatez e conformidade com o pensar de Joaquina Eduarda naquelas tentações. Não foi mister repetirem-lhas; e, como prova de agradecê-las, afeiçãoou-se às religiosas que professavam o racional sistema da divisão do tempo.

A tia Joana desagradou-se da intimidade da sobrinha com as religiosas mais desempoeiradas do convento. Fez-lhe práticas um tanto enfadonhas, e cessou de admoestá-la, vendo que se fazia aborrecida.

As freiras de má nota convidaram uma tarde a sua recente amiga a ir com elas a uma grade chamada de galhofa. Joaquina, desejava de distração, foi à grade. Concorriam à galhofa dois padres loios, um arcediogo, dois cavalheiros de cabelos brancos trescalando pivetes, e um académico da universidade que viera a férias de Natal. Uma das freiras ardia d'amores do arcediogo, outra dum loio, e a terceira do outro frade. Os cavalheiros almiscarados¹⁰ eram pretendentes a duas religiosas quarentonas, que, de amuadas, por motivos desconhecidos da minha perspicácia, não foram à grade. O académico era irmão duma noviça, que a prevista mestra do noviciado não deixara concorrer com as freiras doudas.

O aparecimento de Joaquina Eduarda lançou o espanto naqueles arraiais d'amor. Loios, arcediogo, cavalheiros e académico, estavam todos embevecidos nela, com roaz desgosto das outras senhoras.

— Há meses — disse um dos cavalheiros — que eu¹¹ vi esta senhora no teatro italiano e no baile do regedor das justiças.

— E a ouvimos cantar divinalmente — ajuntou o outro. — Não é V. S.^a cunhada do juiz de fora d'Amarante, Sousa Pereira?

— Sou.

— E chama-se V. S.^a? — perguntou o académico.

— Joaquina Eduarda Casado Godim — disse ela.

— É a mesma! — exclamou o estudante — Mal diria eu!...

— Que mal diria o sr. Castro? — perguntou um padre loio.

— Que vinha encontrar aqui uma senhora por amor de quem tem estado às portas da morte o meu condiscípulo Gaspar de Vasconcelos!...

Iluminaram-se riosos os olhos de Joaquina, e volitou-lhe à flor dos lábios um riso de cruel contentamento.

— E V. S.^a sorri-se? — observou o académico.

— Não sei porque deva chorar! — disse ela com jovial desprante — Eu não creio nas enfermidades do sr. Gaspar de Vasconcelos...

— Creia-me, minha senhora! Juro-lhe pela memória de minha mãe que o meu condiscípulo chegou a Coimbra, ido de férias, com febre, e nunca mais se levantou da cama. Eu, como particular amigo e confidente dele, ouvi-lhe duzentas vezes a triste história dos seus amores; e, se V. Ex.^a não me crê, e consente que eu exponha tudo que sei acerca da malfadada paixão de Gaspar...

— Não é necessário — interrompeu ela. — Agora deveras lastimo a enfermidade do seu amigo, e sinto ser eu causa dos seus desgostos; mas bem vingado está ele, que os meus não têm sido menores, e a minha alegria acabou desde a primeira e fatal hora em que o vi. Por causa dele, estou neste convento, onde voluntariamente me recolhi, persuadida que a felicidade é já impossível para mim, e muito possível, e certa, e até próxima para ele. Agora, peço licença para retirar-me, porque me sinto bastante triste para poder tomar quinhão nos divertimentos de vossas senhorias.

Ergueu-se, fez uma cortesia da melhor sociedade, e retirou-se, deixando-os a eles estupefactos, e às freiras satisfeitas.

Fechada na sua cela, Joaquina Eduarda chorou, leu as cartas de Gaspar, e beijou-as com aqueles trejeitos infantis que ensina a paixão.

Volvidos poucos dias, o académico voltou ao convento, e anunciou-se à sr.^a D. Joaquina Eduarda. Correu pressurosa ao locutório a menina, e aceitou uma carta de Gaspar de Vasconcelos, prometendo¹² entregar no dia seguinte resposta ao mesmo encarregado da ditosa missão.

Gaspar justificava-se até à superfluidade. A sua paixão levava-o aos braços da morte. Preferira agonizar em silêncio, a matar-se dum golpe de suas próprias mãos. Esmagado pela prepotência do pai, que lhe pusera ao peito o punhal da miséria, nem sequer o céu lhe sugeria meio de fazer chegar uma carta às mãos da mulher por quem morria. Que, naquela cerração absoluta, partira para Coimbra, a fim de acabar sem ver o tirano pai à beira do seu leito de paroxismos. Neste propósito, e conflito entre as forças da idade e a mortal desesperação, houvera notícia da existência da sua amada no convento de Santa Clara, e do que ela a seu respeito dissera, frases empeçonhadas que ele agradecia, porque lhe aproximavam a morte. No entanto, pedia ele a Joaquina Eduarda que lhe escrevesse uma palavra de perdão, perdão para a sua perversa alma que ousara inquietar os dias ditosos dum anjo de inocência.

Com os olhos embaciados das pertinazes lágrimas, Joaquina vazou ao papel quanto amor cabe e queima em peito virgem de mulher. Não era perdoar: era suplicar-lhe a vida, o amor, a esperança, o céu, e o inferno com ele.

VIII

Gaspar de Vasconcelos, recebida a carta de Joaquina, sentiu aquietar-se o pulso, refrigerar-se o cérebro, e encher-se-lhe a alma de luz. Saltou do leito, pegou da pena, e esperou debalde uma ideia das mil que lhe marulhavam na cabeça vertiginosa. Depôs a pena, contou o dinheiro que tinha, chamou a servente, e mandou-a alugar cavalo para o Porto. Uma hora depois galopava à desfilada pela Sofia, com asombro dos estudantes que o consideravam tísico, nas últimas vascas.

Chegou ao Porto, e entrou de noite na estalagem da Rua de São Sebastião. Ao outro dia escreveu duas linhas a Joaquina, consultando-a sobre a maneira de procurá-la. A reclusa, palpitante de alegria, disse-lhe que procurasse a sua amiga Eugénia de Pombeiro.

Esta Eugénia de Pombeiro era a sua confidente de quarenta e oito horas.

Rebuçado no farto reguingote de castorina com carapuça de rebuço, entrou Gaspar ao pórtico de Santa Clara, e recebeu a chave duma grade, em que a sr.^a D. Eugénia de Pombeiro o ia receber.

Encontrou Joaquina Eduarda, que tremia e chorava. Era a primeira vez em que se viam de feição a poderem proferir a primeira palavra amorosa. O silêncio de ambos exprimia o mais alto amor. A palidez do moço revelava o atroz suplício da saudade desesperançada. As faces emaciadas da reclusa, de leve purpuradas de pudor e exultação, testemunhavam os desmaios da passada saudade, e o estremecer da paixão naquela hora.

Gaspar tartamudeava, e Joaquina deixava apenas ouvir o arfar do coração sob os relevos tufados do peitilho de estofado escuro.

— Devo-te a vida... — balbuciou o académico — Bendita seja a hora em que veio aqui o meu condiscípulo! A não ser este feliz acaso, eu morria nas dores ignoradas, na tormentosa ânsia de querer e não poder dizer-te que morria de saudade. Porque me não escreveste daqui?

— Como havia de eu supor que ainda te lembravas de mim? — disse ela maviosamente — Eu vi a carta que teu pai escreveu a meu irmão. Prometias não só esquecer-me, senão desprezar-me até ao excesso de não responder às minhas cartas. Como havia de eu escrever-te, Gaspar? Por muito que te amasse, qual mulher, ainda a menos honesta e briosa, te escreveria?

— E tratavas de me esquecer?

— Tratava, para me não deixar succumbir a uma saudade que me não merecia tamanho ingrato... Mas perdoemo-nos um ao outro. Acordemos do negro sonho de três meses. Como vieste aqui? Não receias teu pai?

— Meu pai não saberá que eu vim. Tenciono não procurar ninguém. Demoro-me três dias. O pai cuida que eu estou de cama. Para ir daqui à estalagem ninguém me vê. Faço caminho pelos becos da Sé, e desço à Rua de São Sebastião. E tu consentirás que eu venha aqui todos os dias?

— Magoa-me a pergunta! Que mais posso eu desejar! E o futuro, meu Gaspar? O futuro?

— Tenho pensado... Sabes que eu sou filho natural?

— Sei tudo, sei as condições tristes que te impõe teu pai para lhe sucederes na casa... não me fales nisso que me estala o coração! Há outra mulher que já te conta por seu esposo.

— Deixá-la contar. Nunca o serei.

— Nunca o serás?! — exclamou vivamente Joaquina.

— Não! Juro-to pela hóstia consagrada! Não! Se meu pai me deserdar, lutarei braço a braço com o infortúnio. Vou concluir a minha formatura. De alguma coisa me há de servir o diploma de

bacharel. Ganharei a vida como os que se formam para viverem das letras. Se vês que eu te mereço, serás minha esposa. Pode ser que meu pai me perdoe a desobediência; porém, se me lançar de si com a crueldade de que eu não o julgo capaz, serei digno de ti e de mim: trabalharei, repartirei contigo, e saberei suportar as necessidades com honra e orgulho. Veja-te eu ao meu lado, Joaquina!... Veja-me eu por tuas mãos coroadado e galaradoado dos sacrifícios a que o mundo mais importância dá!

— Terás coragem, Gaspar?! — perguntou ela, estendendo-lhe os braços através das grades inflexíveis.

— Se terei coragem! O que não fosse coragem, seria infâmia!

— Que tempo esperarei nesta soledade, meu amor?

— Alguns meses. Depois da formatura, vou a casa. Hei de sondar meu pai; hei de fazer quanto puder para que minha prima seja a primeira a detestar-me. Se, todavia, se baldarem estes planos, preciso chamar a mim a coadjuvação dalgum que nos desempeça o caminho de casamento. É preciso que meu pai o não suspeite. Ele pode muito na vontade do arcebispo, e dos desembargadores eclesiásticos. Pela luta a peito descoberto não conseguiria eu nada. Quero ver se o nosso casamento se faz clandestino.

Progrediu o diálogo até que a confidente Eugénia veio ofegante à porta da grade avisar Joaquina que a tia Joana a andava procurando, porque estava o jantar na mesa.

— Ao meio-dia! — exclamou Gaspar.

— Vê tu que suplício! — disse ela sorrindo — Janto ao meio-dia!

Despediram-se, com promessa para o dia seguinte às quatro horas da tarde.

Repetiram-se as duas visitas concedidas, ratificaram-se os juramentos, trocaram-se tranças de cabelo, enxugaram-se as últimas lágrimas ao incêndio da esperança.

Gaspar voltou à Universidade, arquitetando castelos por todos os horizontes e nuvens do céu, que lhe parecia de primavera, acintemente criada para uso dele.

Joaquina Eduarda fechou-se no seu quarto a escrever incansáveis páginas, que iam ser em Coimbra a leitura preciosa e exclusiva do moço que, a falar verdade, não sabia uma lei do Digesto, nem um artigo das Decretais.

Tolera facilmente a saudade o coração feliz e seguro da leal remuneração de quem ama.

Joaquina Eduarda, quando se não deleitava escrevendo a Gaspar, foliava e travesseava com as noviças e religiosas mais folgazãs. A tia Joana, cada vez mais desafeta à índole da sobrinha, carecia já de paciência para indultá-la à conta de moça criada por bailados e teatros. Primeiro, as reprimendas tinham a brandura cristã de uma Santa Teresa de Jesus; depois, já iam molestando com os espinhos da severidade; ultimamente degeneraram em rabugem, como lá diziam da santa algumas dúzias de pecadoras, que, chegadas à idade de D. Joana, enganaram o demónio, e morreram como predestinadas, segundo consta dos fastos legendários de Santa Clara.

À força de martelada pela tia, Joaquina calejou. Fugia dela; mas, se era apanhada em corrimaças e alaridos pelo pomar ou no mirante, ou à saída das grades de galhoba, respondia-lhe com desabrimento, e dizia: «Tenho dezoito anos.»

A santa velha, interrogada pelo sobrinho, acercado comportamento da irmã, respondia: «Ela por cá vai indo; mas será bom, sobrinho, que não te esqueças de pedir sempre a Deus que a tenha de sua mão.» Instava o reitor pela delucidação destas palavras; e a tia Joana ajuntava: «Joaquina está nova, e quer folgar. Freira é que tu não debes esperar que ela seja.»

Sebastião Godim atribuía ao beatério da velha tamanha austeridade de conceito; ora, como ele não desejava que sua irmã fosse freira, nem tinha bastante com que dotá-la, inquietou-se quasi nada com o parecer da tia Joana.

Chegada a Páscoa, voltou Gaspar ao Porto, onde passou as férias, com o mesmo recato e prudência. Eugénia de Pombeiro prestou-se a coadjuvar diariamente duas felicíssimas horas dos dois próximos noivos. Amavam-se já com a seguridade, confiança e liberdade de esposos separados por seis palmos de parede-mestra interposta a duas reixas de bom ferro sueco. Mas os corações saltitavam por aquelas grades, como um casal de canários nos poisadoiros da gaiola. Não havia nada que ajuntar aos protestos feitos e planos combinados. O casamento havia de fazer-se, o mais tardar, no agosto próximo, dois meses depois de concluída a formatura do nubente.

D. Joana sabia miudamente os passos da sobrinha. Delatavam-na as émulas da formosura dela, as três freiras amadas dos loios e do arcediago; mas dizia a velha de si para consigo: «Se ela aqui dentro não procede bem, que fará lá fora? Vamo-la sofrendo, a ver se Deus lhe dá juízo.»

Perguntou ela à sobrinha quem era o cavalheiro que a procurava.

— É um morgado de Amarante¹³ — respondeu Joaquina.

— Vem passar o tempo à laia dos freiráticos dos meus pecados!

— Não, minha senhora: o seu intento é casar comigo, se eu me deliberar a casar com ele.

— Pois, se ele é homem temente a Deus, e remediado, casa, casa, minha menina, que esta vida de convento não te serve, nem tu agradas às senhoras virtuosas desta casa.

— Ora!... as *senhoras virtuosas!*... — acudia Joaquina galhofando.

— Tu zombas, porque as não conheces. A gente com quem vives essa intendes tu às mil maravilhas. Ah! Joaquina, Joaquina! Não sei o que me adivinha este coração!...

- Visões da minha tia!...
- Ai! Meu irmão! Se tu vivesses!...
- Estava eu muito feliz na companhia dele.
- Também digo, menina, porque serias mais honesta.
- Pois eu sou desonesta? A tia, com toda a sua virtude, vai-me insultando... — replicou Joaquina impando de orgulho e cólera.
- Não te insulto: profetizo-te grandes desgraças, se não te emendas.

Ouviu Joaquina a profecia como se a estática e mumificada¹⁴ velhinha se lhe afigurasse uma Cassandra de mosteiros. Foi dali em grande corrida para o mirante onde a estava esperando uma chusma de gárrulas senhoras que, voz em grito, aplaudiram a chegada de Joaquina.

O divertimento, naquela tarde, era ouvir a música de duas serenatas fluviais, como é justo que denominemos dois concertos musicais em dois barcos, alternando-se nas delícias das rebecas, violas e flautas.

Estas festas vinham ali onde agora atravessa a ponte pênsil, a galantear algumas das freiras do mirante. A orquestra era executada magistralmente por frades da Serra, que vinham a ser os galanteadores, acamaradados naquela inocente folia com outros santos varões oratorianos e loios. As religiosas acenavam, e os cenobitas, os ascetas, alargando os celícios de sobre os rins por breve espaço, acenavam também com lenços brancos.

Neste sobremodo poético divertimento de frades e freiras, apareceu a casta lua a divertir-se também. A loira princesa dos astros retratava-se nas águas límpidas, por não poder vir pessoalmente abraçar os frades, que tanto se esmeravam em acatar as freiras, irmãs dela na castidade. Em seguida à lua, chegou um barco, batendo a compasso rijo e rápido o bracejo dos remos. Este barco atracou um dos dois mosteiros flutuantes, e logo do interior saíram quatro homens que bateram nos crúzios da Serra com tamanha e desaforada força, que os ecos da quinta do bispo, na margem direita, responderam à toada cava das pauladas que deslombavam

os frades. Depois, atracaram o barco dos loios e congregados que aprovam à ourela direita do Douro, e aí, apesar da desesperada defesa, os braços agressores provaram que eram muito mais expeditos na segunda sova. As freiras tinham fugido acoissadas pela grita daquela refrega naval, e pelo tilintar da sineta gemedora que as chamava ao coro.

Soube-se depois que os piratas da música fradesca eram quatro militares, que serviam cavalheirosamente um quinto, a quem um frade loio roubara a sua freira clara.

Naqueles heroicos tempos o ciúme saía com façanhas deste jaez: o exército batia-se com os frades, hasteada a bandeira do amor num e noutra campo. Hoje, consoante diz o sr. A. Herculano, vem aí o frade brincar com o soldado. «O cercilho e o bigode jogam o futuro sobre o tambor posto em cima da ara.»*

É mau acabarem as freiras enquanto se não extinguirem o cercilho, o bigode e o tambor.

* Prólogo ao livro *Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*.

De sobra estava D. Joana informada acerca do estudante que requestava a sobrinha. Magoou-se entranhadamente da mentira, e cobrou mais desafeição à incorrigível moça. Entraram com ela arrependimentos e escrúpulos, já por ter sido grande parte na ida de Joaquina para o convento, convidando-a e acariciando-a; já por se não explicar claramente ao sobrinho. Assediavam-na as freiras austeras, pedindo-lhe que tirasse dali aquele mau exemplo doutras seculares, e braço poderoso do inimigo para perdição das noviças. Contavam-lhe que na cidade ia um falatório vergonhoso à conta da pancadaria que os frades levaram, e dizia-se que Joaquina Eduarda tinha um grande quinhão naquela desordem, por amor da qual o bispo andava às más com o João de Almada, governador das armas.

As santas criaturas para chegarem mais de pronto à razão, como vimos, abordoaram-se à calúnia. A parte que¹⁵ Joaquina Eduarda tivera no desastre dos loios, congregateados e crúzios, foi meramente a de rir muito e zombar indiscreta das monjas que se doíam das contusões dos frades.

Tudo, porém, serviu de afiar os escrúpulos da velha.

Esta carta escreveu ela ao padre Sebastião Godim:

«Meu sobrinho. Acabou-se-me a paciência, e a esperança na reforma de tua irmã. Deus me é testemunha do muito que espacei esta resolução, e da mágoa com que obedeço agora à religião, dever e caridade.

«Joaquina Eduarda, como já te disse, nos primeiros oito dias foi uma maravilha de sesudeza e gravidade. Rezava todas as noites comigo, e não faltava a hora nenhuma do coro, sendo dispensada de lá ir. Depois, sem mais nem para quê, deu em se aborrecer da oração, e nunca mais lhe vi contas nem livro nas mãos. Começou a andar à tuna por grades de galhofa em companhia dalgumas religiosas que são a vergonha do hábito e do convento. E eu, sobrinho, a repreendê-la ora com brandura, ora com aspereza; mas é pregar no deserto.

«Depois que eu soube, circunstanciadamente, que ela tinha chichisbéu que passava as tardes na grade, e vinha a isso de Coimbra, onde está a tomar grau de licenciado, não pude ter-me que não a repreendesse muito, até porque me mentiu sem necessidade. Não fez caso, e mandou-me tratar das coisas do céu, e não me intrometer na vida das raparigas. Acho que ela tem razão; mas eu também a tenho para a não querer comigo, que hei de responder por ela primeiro a Deus, depois a este convento, e por fim à minha consciência.

«É acerto e necessidade que tomes conta dela, porque há menos perigo em guardar uma menina mal ajuizada numa aldeia que num convento. Se ela algum dia se reduzir aos seus deveres, e ao respeito que deve ao nome de seu pai e de sua mãe, que era uma santa, volta com ela então, e eu lhe restituirei a minha amizade. Se, contra o meu parecer, quiseses que ela se conserve aqui, em tal caso, Sebastião, eu faço de conta que não tenho sobrinha. Devo dizer-te que as mesadas, que me enviaste, e eu guardava por não carecer delas para alimentar tua irmã, não pude deixar de lhas dar para vestidos e adornos proibidos, que, com mágoa o digo, ela usa contra os estatutos desta casa, respeito ao traje das seculares. Não tem rei nem roque.

«Enfim, esta menina tem condão de sorte má. Deus te guarde, e lhe valha, e a todos nós. Tua tia afetiva e obrigada

JOANA DO ROSÁRIO.»

Esta má nova encontrou Sebastião Godim enfermo. Esmagou-o este mais que todos pungente desgosto. Abrasaram-no ímpetos impróprios de seu ministério. Se ele, naquela hora pudesse renunciar as ordens, e aspar das mãos consagradas o cunho indelével do sacerdócio, iria a Coimbra desintestinar os fígados do académico. Trémulo de cólera, escreveu a Pedro de Vasconcelos nestes termos:

«Gaspar mentiu como vilão. Não pode ser filho de Pedro de Vasconcelos. A mãe devia de iludir V. S.^a para poder dar nome ao filho dalgum lacaio. Lamento-me de ser padre. Mal hajam os acasos da vida e da fortuna que me agrilhoaram honra e brios às colunas do altar! Sem mais.

SEBASTIÃO CASADO GODIM.»

O arrependimento sobreveio logo; mas a carta ia já de caminho, e o portador corria, que assim lho ordenara o reitor.

A enfermidade agravou-se com maus sintomas. Um senhoras de Barcelos avisaram Joaquina Eduarda do perigo do irmão, e pediram-lhe que viesse ajudá-lo a morrer ou a convalescer. Afligiuse extremamente Joaquina, mostrou a carta à freira, queria partir logo; mas faltava-lhe quem a acompanhasse. Ao mesmo tempo, Gaspar de Vasconcelos dizia-lhe de Coimbra:

«Está aqui meu tio frei João de Vasconcelos, que vem buscar-me de ordem de meu pai. Teu irmão escreveu para lá uma carta infernal. Sabe-se tudo. Tenho a cabeça perdida, e morro só com a ideia de que hei de passar no Porto sem

ver-te. Este frade não me deixa, e ele aí vem dizer-me que estão as cavalgadas prontas. Tem compaixão do teu infeliz *Gaspar*.»

Ficou passada de novas e mais dolorosas lançadas a secular. Desconfiou da tia como denunciante, e insultou-a. Raivou contra todas as inimigas, e pediu aos céus que arrasassem o convento, aquele covil de hipócritas e intriguistas!

Soror Joana rezava a *Magnificat*, e benzia-se a cada injúria que a sobrinha ejaculava dos fumegantes lábios.

Ei-la, pois, em angustiosas e desesperadas aperturas. Nem tia, nem irmão, nem irmã, nem cunhado, nem sequer o conselho alentador de Gaspar! A seu ver, o casamento projetado desfaz-se. Pedro de Vasconcelos vai violentar o filho a casar com a prima, ou o encarcera na cadeia, ou o desampara à descrição da miséria. O irmão ressentido e intolerante, por ter sido escarnecido pela deslealdade dela, vai também desprezá-la, ao tempo que a tia insultada a está abominando, e que todo o convento conspira a expulsá-la como doida furiosa. Sente-se já torcida e sovada aos pés da desgraça; mas não é Joaquina mulher que se roje aos pés da tia ou da prelada, e das religiosas ofendidas. Cai, soçobra, prostra-se no leito devorada de febre; mas não desprende um gemido, que comisere a freira. Rejeita alimentos, e consolações da velha criada que a serve¹⁶. Responde em gritos estridentes às raras amigas que ousam, a despeito da comunidade, procurá-la. D. Joana entra, forçada pela caridade¹⁷, no quarto dela, e diz-lhe:

— Venho trazer-te o perdão.

— Quando lho eu pedir! — exclama a febricitante, e volta-se contra a parede batendo com a fronte no tabique.

Sai a velha aterrada, e escreve ao sobrinho, entre outras lástimas, esta frase terminante: «A pobre menina insandeceu. Que faremos duma douda nesta casa? Vem depressa livrar o convento desta aflição! Estamos todas consternadas!...»

Oito dias depois, Joaquina recebeu novas de Gaspar. O rapaz, logo que chegou à presença do pai, leu o insultante bilhete que Sebastião Godim havia escrito. Abaixou a cabeça com resignação de mártir; porém, o pai, não contente daquele flagício à sua prosápia, quebrou-lhe nos braços uma grossa bengala da Índia, e preparara-se para escadeirá-lo com um tamborete de coiro, quando frei João de Vasconcelos, piedoso monge de Tibães, cobriu com o hábito misericordioso o sobrinho, exclamando:

— Irmão Pedro, esse bater é assaz brutal! Lembra-te das palavras do divino Mestre a outro Pedro!...

Entre-parêntesis: a narrativa de Gaspar não era assim minudenciosa; mas o rigor cronológico requer que eu, neste lanço, adicione as minhas informações particulares à concisa notícia do académico.

Em seguida, o velho declarou que não queria mais ver o infame que o desonrava. Frei João levou consigo o rapaz para outra sala, e ordenou-lhe que sem demora se recolhesse a uma quinta em São João de Rei, para onde iria com um servo da confiança de seu pai.

— Rapaz — ajuntou o beneditino — se não tomas tento com a tua vida, estás perdido! Olha que teu pai nomeia a sobrinha sucessora dos vínculos, e tu ficas sem um ceutil.

Agora, o que segue é textual de Gaspar:

«Aqui estou neste ermo, sem ninguém que me veja as lágrimas. Abafo, tenho o inferno no coração!... Quero morrer, e falta-me ânimo para voltar contra mim este punhal, único amigo que me resta!... E receberás tu esta carta? Eu dei quanto dinheiro tinha ao caseiro, e ainda lhe pedi com as mãos postas que me não atraíçoe. Adeus, adeus, infeliz! Não cessa de entrar aqui o espião, que meu pai mandou comigo. Como hei de eu receber novas tuas? Não me escrevas por correio. Oh! Que horror de vida este!»

Cada vez mais golpeada e mais ao desamparo d' amigas, desejava Joaquina Eduarda que seu irmão a levasse. Parecia-lhe que já a

liberdade do convento lhe era inútil, e que mais provavelmente poderia de casa do irmão fazer chegar uma carta a Gaspar. Como a engenhosa desgraça arma traças de se mascarar com os trajos da próspera fortuna, quando Joaquina pensava em escrever ao irmão, apareceu ele, alvoroçado com a última notícia de D. Joana. Atormentava-o a demência da pobre menina; já ele a si se arguía de nimiamente zeloso do coração da irmã, de intolerante com a talvez involuntária cegueira dos dezoito anos, e precipitado na denúncia acrimoniosa a Pedro de Vasconcelos. Isto lhe deu vigor e ânsia de ir buscar a irmã.

Temia-se ela de desabridas repreensões, quando lhe anunciaram o irmão. Entrou na grade a tremer. Levava as faces e olhos tão desfeitos e macerados, e os cabelos em tal desalinho, que o reitor entendeu que Joaquina veramente insandecera. Falou-lhe amorosamente, e ela, amolecida pelo tom da fraternal piedade, debulhou-se em lágrimas. Os soluços embargavam a voz do padre, enquanto ela, animada pela compaixão estranha, e carecedora de olhos amigos que a vissem chorar, desafogava em gritos a agonia que lhe resserrava o peito.

— Queres sair hoje mesmo, Joaquina? — perguntou Sebastião.

— Hoje mesmo, se te mereço piedade.

— Piedade e estima, infeliz irmã! Não tens mãe nem pai...

— Ninguém tenho, senão a tua comiseração e misericórdia...

Aborrecida de maus e de bons... Até a tia Joana, que chamam cá a predestinada, tem-me feito quanto mal pode... Que mal lhe faria eu a esta hipócrita?...

— Cala-te, Joaquina! — interrompeu brandamente o padre.

— Hipócrita, sim! Digo-o sem medo de te ofender, porque sei que tu o não és. É uma coisa vil a denunciação de atos que não desonram! Se eu amava um homem tão desgraçado como eu, e lhe cedia da minha vida quanto honestamente podia ceder-lhe, porque foi esta impostora apunhalar-te o coração, e cobrir-me a mim de toda a casta de aflições!...

— Julgou ela que cumpria um dever... — disse o reitor.

— Que dever, Sebastião? Porque não cumprem as santas desta casa o dever de expulsarem daqui as freiras professas, que passam as tardes com os cónegos e com os frades, e com os militares? Eu, que não fiz voto nenhum, e tenho dezoito anos, sou desonesta porque amo um rapaz, que quer ser meu esposo; e elas...

— Está bom, Joaquina — cortou o padre. — Não é própria a ocasião para dilatar-mos estas práticas. Enquanto preparas a tua bagagem, faz saber à tia Joana que eu desejo vê-la...

— Que embustes não vais ouvir!... — acudiu Joaquina Eduarda.

— Bem: ouvirei sem me dispor contra ti. Vai, e demora-te o menos possível, que ainda hoje partiremos.

A conversação de Sebastião com sua tia foi fria e refohada. Começou ela carpindo-se da loucura da sobrinha; e, como o padre lhe asseverasse que felizmente a irmã gozava perfeito intendmento, a freira lamentou que ela tivesse uma índole endiabrada.

— É muito moça... — disse ele.

— É muito malcriada, é o que ela é — emendou soror Joana do Rosário. — Leva-a, leva-a...

— A isso vim, minha tia; e também a agradecer os benefícios que lhe fez, e a paciência com que a suportou.

— Tem de ser muito desgraçada, digo-to eu!

— Às vezes as pessoas virtuosas, com as suas demasias, concorrem a apressar e a promover a perdição das que apenas venialmente pecam...

— Achas que eu fui demasiada?

— Não, minha senhora; foi o que são todas as pessoas devotas e erradas na justa apreciação da caridade.

— Ora essa!...

— Não se moleste, minha tia; eu quero dizer que se a religião deve ser uma cruz sem alívio, para que é necessária a caridade?! Se tudo é justiça, podemos banir a palavra misericórdia...

— Vens ensinar-me os meus deveres de cristã? Louvado seja o Senhor!.. Ele sabe o que eu sofri a tua irmã.

- São louros que minha tia tem no céu.
- Zombas, sobrinho?
- Eu nunca falo zombando, minha tia.

O diálogo terminou com poucas frases mais, em que de parte a parte a caridade não era muita.

Sebastião Godim, avisado do destino e castigo que recebera Gaspar de Vasconcelos, impôs-se o dever de não falar nele a sua irmã, e de escrever a Pedro, desculpando-se das contumélias do seu bilhete. O orgulhoso fidalgo não abriu a carta do padre, e disse ao portador: «Desprezo o vilão que insultou as cinzas da mãe de meu filho; diz lá que se Gaspar fosse filho dum laçao, já lá tinha ido com a arma do seu ofício sacudir-lhe a poeira da chimarra.»

Sebastião Godim ouviu este recado, pouco mais ou menos reproduzido, e disse entre si:

— Eu merecia isto!... Agora, assim castigado, estou mais desoprimido da consciência.

Reanimaram-se as faces aradas de Joaquina Eduarda. A esperança inflorava-lhas de novo, desde que um pobre, a quem ela, desde menina, esmolava, lhe prometeu ir a São João de Rei levar uma carta, com todo o recato. Passados dias, o mendigo voltou à reitoria, a uma hora convencionada, e recebeu a carta com generosa gratificação.

Neste tempo, estava já relaxada algum tanto a espionagem de Pedro de Vasconcelos. O moço tinha licença de ir à caça, sob condição de não demorar-se mais de duas horas diariamente no monte: cláusula que o obrigava a não jornadear mais duma légua, e a sentinela avisaria, se fosse transgredida.

O mendigo chegou ao anoitecer a São João de Rei, e pediu gasalhado ao caseiro dos Vasconcelos. Pernoitou no palheiro, e espertou antemanhã com os olhos infisgados nas juntas da porta. Ao repontar do sol, ouviu o latir de cães de caça, e logo enxergou o fidalgo, que d'olhos baixos, e mui triste sombra, passava diante do palheiro, afastando os cães que lhe pulavam ao peito. Abriu de súbito o pedinte a porta, e relanceou os olhos às janelas da casa nobre. Como não visse ninguém, acenou a Gaspar, que se avizinhou com um presságio na alma. O mendigo deixou cair uma carta ao chão, e desviou-se murmurando:

— Seja pelo divino amor de Deus. O Senhor lhe dê no céu tantos séculos de glória como os minutos que eu dormi no seu palheiro.

Gaspar apanhou sofregamente a carta, escondeu-se a lê-la entre um bosque de carvalhos, e dali, rodeando por longe, foi sair ao mendigo no recosto de um outeiro.

Conversou largo tempo com o pobre. Fez-lhe repetir muitas vezes quanto sabia de Joaquina, desde que ela entrara na reitoria, até ao momento em que lhe dera a carta. Conseguiu que o mendigo se detivesse até ao outro dia numa freguesia próxima, e marcou-lhe o local da serra onde deviam encontrar-se. Ao dia seguinte, o portador tomou conta de um volumoso maço de papéis: eram as muitas páginas que o moço escrevera em vinte dias de tortura.

Duas semanas volvidas, apareceu o mendigo na reitoria: azou-se-lhe o lanço de entregar a papelada. Joaquina, alvorotada de júbilo, encarava tão agradecida e afetuosa no velho maltrapido, que se não anojou de lhe apertar a mão.

Está, portanto, reatada a correspondência: a mão da insidiosa desgraça soldou os fuzis quebrados daquela cadeia, cuja última argola... Deus sabe em que ignomínias e catástrofes está chumbada!

Quando aos dois malsorteados amantes principiava alvor de esperanças, depois de um mês de escuras angústias, chegou a São João de Rei o frade de Tibães com jovial carão.

— Boas novas, Gaspar! — exclamou ele — Fiz descer teu pai lá dos píncaros do seu agastamento. Está outro homem... Sempre é pai! O sangue brada!... Com que, rapaz, é necessário que venhas hoje para Braga, e te ponhas em joelhos aos pés de teu pai, pedindo-lhe perdão... Parece — continuou o frade atentando no rosto inalterável, senão constrangido, do sobrinho — ... parece que te não alegrou esta notícia?!

— Não alegra nem entristece — disse Gaspar.

— Ó burro! — exclamou frei João, esmoncando o esturrinho do nariz rubro — Então que belzebu queres tu, senão a amizade de teu pai?!

— Tão desgraçado hei de eu ser com ela como sem ela. Meu pai quer dispor de mim como dum cavalo sobre o qual se lançam ricos arreios. Faz de conta que eu sou um prego em que se dependura um apelido. Não quer saber se eu tenho alma, se tenho coração, se tenho pensamento. O dilema é este, meu tio: se caso com minha prima, sou um infeliz abastado; se não caso com minha prima, sou um infeliz pobre. Aqui o argumento, a distinção, a estrema é o ouro. Querem que eu ame uma mulher detestada, somente porque ela pode cobrir a cabeça de pérolas...

— E as pérolas — atalhou o beneditino — a falar verdade, são, no dizer de frei Tomé de Jesus, a sarna das ostras. Mas, sobrinho, não se trata de pérolas nem de mulheres... que o inimigo as subverta todas. O ponto é que tu peças perdão a teu pai, e depois o tempo abrirá caminho.

Gaspar reagia ao largo discorrer do frade, porque já lhe era pouco menos de apazível a vida naquela soledade, desde que ali chegara a carta de Joaquina Eduarda, e a esperança de outras. Em pouco estava o melhorar-se a desdita do moço! Dous meses antes, quando ele a via na grade de Santa Clara, se antevisse uma tal vida, julgá-la-ia inimportável infortúnio.

A ida para Braga era o mesmo que renunciar à facilidade de corresponder-se com Joaquina; e, de mais disto, era ir pôr peito a uma luta cruel com o pai, por causa da prima. Não obstante,

desobedecer a frei João, naquele conflito, era desobedecer ao pai, e dar margem a suspeitas de que a vida na quinta lhe era satisfatória.

A cena estava preparada. Frei João entrou com o sobrinho na sala de espera; Gaspar ficou sentado num escabelo, e o frade foi ao interior da casa. Dali a coisa de cinco minutos voltou à sala, fingindo que enganava o irmão, e o irmão fingindo que vinha enganado. Gaspar levantou-se, e o velho fez um esgar de espanto, e exclamou:

- Que vejo?!
- É teu filho que te pede perdão.

Gaspar, mesurando o passo com o mais natural desentusiasmo que dar-se pode no drama joco-sério, abeirou-se do pai, dobrou o joelho direito, e disse:

- Perdão!
- Sai da minha vista, ingrato! — bradou Pedro de Vasconcelos.
- Irmão Pedro! — acudiu frei João, alongando o braço estatuariamente — Depois da justiça, a misericórdia. Teu filho pecou; sê tu igual a Deus: perdoa.

- E vem ele arrependido, e disposto a mudar de vida?
- Responde tu, Gaspar! — disse o frade.
- Sim, senhor — tartamudeou o moço.
- Levante-se! — disse o pai — Vá para o seu quarto.

Gaspar saiu da sala cabisbaixo. Frei João voltou-se para o mano Pedro com gesto grave, e disse-lhe:

— Olha que nós ainda não jantámos. Vê lá se a cozinha respira alguma boa nova... Estás contente, Pedro?

— Estou! Estou! — exclamou o velho com os olhos afogados em lágrimas — Assim que o vi, tive guinas de abraçar-me nele! Eu quero-lhe das entranhas!... É a minha vida toda este rapaz!...

— Está bom, não chores, homem! — atalhou frei João, limpando os olhos ao lenço do tabaco — Chama a capítulo o que estiver na dispensa, e vê se se amanhã por lá umas frigideiras, que eu ando arrenegado por elas. Quantas me mandas para Tibães todas me come o dom abade.

XII

Ao terceiro dia de reconciliação, Gaspar, engenhando astuciosos rodeios, pediu ao pai se o deixava ir passar o restante do estio na quinta de São João de Rei.

— Que gosto é esse, rapaz?! — perguntou o insuspeitoso velho.

— É a caça. Habituei-me à caça, e faz-me muita falta.

— Pois isso não te contraria eu; vai; e espera alguns dias, que eu vou também lá passar uma temporada.

Gaspar fez-se amarelo, e disse:

— Em que há de o pai entreter-se? Aquilo é tão só e triste! Não se vê ninguém com que V. S.^a possa conversar...

— Converso contigo, e não tenho pouco que conversar... Antes de ir é preciso que vás visitar a Vila Verde tua prima e tua tia, que já te não viram há sete meses.

— Não será melhor na volta da quinta? — observou timidamente o moço.

— Não, senhor: o melhor é agora... Ai! Que tu, Gaspar!... — disse com mau sorriso o velho — Não acabas de cair em ti...

— Isso é injustiça, meu pai... — acudiu o imprudente, emendando as repugnâncias do coração.

— Ora, vamos! Não acabes de me matar — prosseguiu com brandura o velho. — Dá-me o prazer maior da minha vida, a minha esperança querida de vinte anos, desde que tu nasceste e que tua tia

casou. Há catorze anos que tua prima veio a este mundo, e desde então a minha alegria é pensar que os netos de minha irmã e os meus hão de ser senhores desta casa...

— Eu não estorvo a sua vontade, meu pai; todavia, creio que a sua intenção é que eu termine a minha formatura.

— Nada, não é. Formatura para quê? De que te serve a ti o curso jurídico? Tens sabedoria que farte para ser o que teu pai e avós foram: um fidalgo independente.

— Mas eu tinha tantos desejos de seguir a carreira da magistratura...

— E quem há de administrar a tua casa e a grande casa de tua mulher? A magistratura é boa para filhos segundos, e nem sempre. A consciência sofre grandes unhas, filho. Teu tio-avô Gabriel Pereira de Castro, chanceler-mor do reino, os últimos anos de sua vida, viveu-os cortados de remorsos por ter dado uma sentença iníqua contra um tal Fulano Soliz que se deixou morrer por suposto crime de desacato para não descobrir o nome da freira com quem corria amores. Foge de sentenciar, meu filho. Não queiras ser vítima nem sacrificador da justiça. Recolhe-te à tua casa com tua mulher e tua descendência, e deixa lá o mundo com as suas misérias. A vida melhor que eu conheço, Gaspar, é um homem alegre no seio de sua família, ou então frade em ordem abastada. Vê tu teu tio frei João! Que santa consciência!...

— E que santo estômago! — acrescentou Gaspar, sorrindo.

— Dizes bem; e que santo estômago. Pois aí está! Aquilo é que é viver, quando se não tem precisão de transmitir bens de fortuna e apelidos gloriosos a uma honrada posteridade. O grau de licenciado em leis de que te serve a ti? Deixa-te de quebrar a cabeça com a livralhada. Já sabes que farte para falar diante seja de quem for. Cuidemos agora em começar teor de vida mais sólida.

Tão abstraído estava o moço que deixou palavrear difusamente o pai, acerca das sólidas delícias do matrimónio. Naquele quarto de hora de introversão, Gaspar delineou um plano extremo, heroico, e o péssimo de quantos o seu mau anjo podia sugerir-lhe.

E saiu do seu enleio com muita luz e alvoroço nos olhos, como se ideasse alguma honrada traça, que já a consciência lhe estivesse encarecendo com alegrias do céu.

Dias depois, Gaspar e o pai saíram para a quinta de São João de Rei. Estava a expirar o prazo em que o mendigo prometera voltar. O dessosegado amante receiava que o confidente se houvesse antecipado a rogos de Joaquina Eduarda.

Chegou a almejada carta no dia imediato ao da partida. Pedro de Vasconcelos dormia o sono matinal quando o filho, no mais afogado da carvalheira, lia as intermináveis e ainda assim tão breves páginas do diário dela, escrito por noite alta, a salvo dalguma surpresa do irmão. Na carta de Joaquina estavam umas palavras que eram o aplauso ao projeto de Gaspar: «Fujamos: onde puder ser, unamo-nos, e depois Deus será por nós. Se teu pai nos não perdoar, pode ser que meu irmão ou meu cunhado nos deem abrigo.» O que não entrava no plano do moço era o abrigo esmolado do padre ou do juiz de fora.

Abraçaram-se, pois, os dois alvitres no essencial, deferindo Gaspar a execução para dois meses depois, que tanto era necessário à conjunção de certos acessórios favoráveis ao expediente. Joaquina achou eterna a demora; porém, conformou-se.

Pedro de Vasconcelos preparava uma surpresa ao filho. No dia em que o moço fazia anos, ao romper da manhã chegaram à quinta os criados carregados de vitualhas. Depois chegou frei João com mais seis frades, encavalgados em nédias mulas. Seguiram-se algumas das melhores famílias de Braga, parentas dos Vasconcelos. E a última família que apeou de uma lustrosa e dourada liteira era a irmã de Pedro e sua filha, a sr.^a D. Paulina Roberta.

Estava na flor dos quinze anos: era já alta de peitos, bem conformada, sadia, escarlata, folgazã, e não despecienda em sentido nenhum. Abraçou-se no primo, e exclamou:

— Ah seu ingrato, você porque não tem ido a Vila Verde? Chegou de Coimbra, e não deu parte à mãe nem a mim!

— Desculpa-me, Paulina — disse Gaspar. — Cheguei adoentado, e vim aos ares do campo.

— Então porque não foste para onde a nós, feio? — replicou a graciosa menina.

— A convivência com um doente deve ser muito importuna, prima!

— Ora! Vai-te à fava! Entre primos não há essas cerimónias.

A menina foi mudar de vestido. Pedro de Vasconcelos disse ao filho:

— Não a achas mui galantita e desembaraçada?

— Está uma mulher de encher o olho! — disse frei João com aplauso dos outros frades.

— Então que dizes tu, Gaspar? — instou o pai.

— A que respeito?

— Onde está a tua cabeça, homem?... Querem vocês ver que o deus Cupido já o deixou atravessado da doce frecha!...

As damas riram muito da graça mitológica de Pedro de Vasconcelos, que não sabia de fábula muito mais.

— Perguntava-te eu — insistiu o velho — se não achas a Paulina muito galante e esperta...

— Acho, sim: está muito desenvolvida e bonita — respondeu Gaspar com mal sopeada displicência.

— Pois ali a tens, que, de mais a mais, segundo diz a mãe, é uma excelente senhora de casa. Que mais pode querer um homem?

— Está próximo o casamento? — perguntou uma fidalga velha.

— Não pode ter grande demora, prima Geneveva — respondeu frei João — A propósito de casamento... Lembra-se a prima dos nossos vinte anos?... Olhe que estiveram as coisas muito dispostas para termos a esta hora filhos e netos casadoiros!...

— Tolices do primo João!... — disse a risonha sr.^a D. Geneveva, exalando por entre o sorriso um suspiro consagrado às reminiscências dos seus vinte anos.

Foram festejadas pelo auditório estas galhofas dos dois primos, e logo outra dama perguntou:

— O noivo vai para Vila Verde, ou vem a noiva para Braga, primo Pedro?

— Há de vir a noiva para Braga, que eu não me separo do rapaz. Já agora, o fim da vida quero passá-lo com filhos e netos.

— Está tão calado o primo Gaspar!... — observou uma senhora de vinte anos.

— Que quer a prima que eu diga?

— Que esteja contente, e que fale.

— Por ventura estou eu triste?!... O silêncio é a linguagem dos corações felizes.

— Assim, assim, Gaspar — acudiu o jubiloso pai. — Assim é que eu te quero ouvir falar... Aí vem Paulina... Olha como ela vem brilhante, a feiticeirinha!

— Que é, tio? — perguntou a menina.

— Estás uma esbelta moça!...

— Ora!... — murmurou a pudenda Paulina, abraçando-se numa das mais novas do rancho para esconder o rubor, posto que relanceasse a vista a Gaspar a fim de ver se ele reparava no rubor dela.

Gaspar, no entanto, estava conversando com um frade literato acerca de estudos universitários.

Passaram à casa do almoço, e depois saíram a passear nas sombras da quinta.

— Dá o braço a Paulina — disse Pedro ao filho.

No remate do passeio sombreado de parreira, os dois primos acharam-se sozinhos, e sentaram-se nos bancos rústicos que la-deavam uma fonte.

— Esta frescura é agradável, Paulina — disse Gaspar.

— Isso é: faz muito calor — disse Paulina.

— Eu gosto muito do campo — tornou o inspirado moço.

— E eu gosto mais da cidade. A aldeia aborrece logo. Tomara-me eu em Braga! Há lá tanta senhora, tantas brincadeiras e jogos!... Lá em Vila Verde aquilo é um fastio de morte. A mãe senta-se nas escadas da capela a conversar com a gente do campo, e entretém-se; e eu não sei o que hei de fazer.

— Porque não lês, prima?

— Ora! Já li dez vezes os *Contos do Trancoso*, e não sei que hei de ler mais, se não forem livros de reza!

— Porque não lês a *Menina e Moça*, que é uma história muito bonita, e o *Palmeirim*, e o *Clarimundo*?

— Já lá tive esses livros, que mos levou o primo Vilas-Boas de Barcelos. São muito tristes aquelas lástimas da menina que foi levada da casa de seus pais. Eu antes quero casos alegres; e tu?

— O meu génio é triste, prima Paulina.

— Não gosto disso, Gaspar. Quando eu era pequenina, e tu foste para os estudos, ainda me lembro que andavas a correr comigo às costas. Lembras-te?

— Lembro.

— Ainda sei o lugar onde brincávamos lá na quinta. Às vezes ia lá sentar-me sozinha, e lembrava-me de ti com tantas saudades!... Aquele tempo não volta...

— Sim; a infância é como esta água que está descendo da bica, e nunca mais sobe. Mas, passados os gozos da infância, vêm os da mocidade; vão-se os da mocidade, e sucedem outros. Podes ser muito ditosa toda a tua vida, prima.

— E tu não?

— Eu, sabe Deus o que serei.

— A mãe disse-me...

Paulina reteve-se, e corou.

— Que te disse a mãe, prima?

— Disse-me... ora... não digo... tu sabes o que é...

— Ah! sim... já sei... falou-te da nossa união.

— Foi isso.

— Creio que é essa a vontade de nossas famílias. E a tua?

— Também. Quando é?

— Passados poucos meses.

— Quantos? — perguntou ela trejeitando amoravelmente.

— Dous ou três.

— Ai! Tanto! E depois vou para tua casa, não vou?

— Sim: é a intenção do pai. Passeemos, prima?

- Pois sim; mas... estávamos aqui tão bem nesta sombrinha!
- Vamos ao jardim que tem lá umas dalias bonitas.
- Vamos.

E, como o braço esquerdo de Paulina Roberta lhe ficava muito perto do coração, a menina automaticamente pesava um pouco mais sobre o braço do primo.

Pedro de Vasconcelos observava-os com enchentes de gáudio. Remoçavam as faces alegres do bom pai. Então cuidou ele que a imagem de Joaquina Eduarda fora de todo em todo banida do coração do filho.

E, todavia, Gaspar sentia-se beliscado de remorsos de ofender, posto que involuntariamente, a mulher da sua alma, a formosa, ao lado de quem Paulina Roberta perdia muito, se não tudo, de sua graça e regular compostura.

Correu delicioso o dia. Os noivos foram brindados tantas vezes quantas intalações de lombo e frigideiras os beneditinos desobstruíram com catadupas de vinho.

Paulina Roberta saiu dali meiga e saudosa como se acordasse nos braços do filho da citereia deusa. Pobre menina!...

XIII

Contente de sua irmã, e solícito em diverti-la de lembranças perigosas, Sebastião Godim frequentava com Joaquina Eduarda a fidalguia de Barcelos, onde, no século passado, residiam relíquias do antigo e luzido grupo de solares que ali viveram vida de corte.

Renasceram para a peregrina cantora as ovações e glórias d' Amarante. Para os tristes e apaixonados cantava ela mais meiga e mais do coração em Barcelos. Dantes era a arte: a voz que a si própria se estava ouvindo; agora falava o sentimento: a alma que consigo mesma dialogava.

Acenderam-se paixões súbitas nos peitos de numerosos morgados, e de muitíssimos filhos segundos destinados a frades. Aos primeiros, fechavam-se os olhos de Sebastião Godim; mas sobre os segundos lançava precavida atenção. Porém, Joaquina Eduarda não via uns nem outros.

Um dos mais soberbos de prosápia e haveres pediu-a como quem de antemão entende que seria um dever oferecer-lha. O padre, lisonjeado e alegre com a proposta, revelou-a à irmã, que para logo, dando aos ombros, disse:

— É o mais parvo de todos... Logo vi que seria o mais audaz.

— Audaz! — redarguiu o irmão — pois não sabes que é dos Correias de Lacerda, senhores de Farelães, e que teve um tio secretário de estado?

— Não sabia, nem isso me faz alterar o juízo que faço do homem. Em suma, Sebastião, eu estou bem: não caso.

— Está bom, menina; — disse o padre — nem eu te aconselho, se te repugna o sujeito.

O fidalgo de Farelães, quando soube que a irmã do reitor o rejeitara, pediu perdão aos manes dos Lacerdas e Correias de haver caído em tamanha viltá; e, para estrondear uma vingança monumental, foi a Lisboa, e voltou de lá casado com uma dama descendente do rei godo Ramiro pelo pai, e do rei godo Recaredo pela mãe. A vingança cumpriu-se em trinta dias.

Joaquina Eduarda, quando viu a descendente dos dois monarcas, disse:

— Muito feios deviam de ser os reis godos!

Estas coisas referia ela miudamente a Gaspar de Vasconcelos na sua regular correspondência bimensal. E, sem embargo do tom zombeteiro com que Joaquina metia a riso os seus pretendentes, Gaspar torcia-se de ciúmes, e exprobrava-lhe que ela se andasse recreando, enquanto ele se comprazia na solidão e ermos desconversáveis de toda voz humana. Por amor destes queixumes, Joaquina resistiu com dissimulados incómodos aos convites do irmão, e encerrou-se entre as suas árvores.

Na carta da primeira quinzena de setembro de 1763, dizia Gaspar que recebera ordem perentória do pai, já impaciente, para recolher a Braga. Pelo quê, o mendigo, quando levasse para ali a correspondência, no fim do mês, o esperasse à Senhora de Guadalupe. Miudezas são estas necessárias a quem lê convicto da veracidade da história.

— Vamos a isto! — disse Pedro ao filho, assim que ele chegou — Tua tia insta pela brevidade do casamento, porque Paulina está doente de saudades. Tens varinha de condão, rapaz! Apaixonaste-a logo. Tais cousas lhe disseste...

— Eu não lhe disse nada, meu pai!

— Faz-te tolo!... — tornou alegremente o velho — Imagino o que tu lhe dirias, maganão! Eu já de lá venho... O caso é que a menina, desde que foi aos teus anos, segundo me diz minha irmã, não fala senão em ti, e imagreceu. Vamos a terminar isto. A dispensa está requerida há três meses: deve estar a chegar. Assim que ela vier, conclui-se este negócio.

— Negócio!... — murmurou o moço.

— Casamento, digo eu: e porque disseste *negócio* tu?...

— Por nada... achei a palavra nada poética...

— Nós não estamos a fazer versos agora, rapaz! Que tem que ver com isto a poética? Hás de sempre ter um pedaço de tolice na cabeça, homem! Bem faz teu tio frei João que te chama às vezes burro!... Ora, pois. Estamos decididos?

— Estamos: é a vontade de meu pai.

— E a tua?

— Também... — gaguejou Gaspar.

— Fala claro: se não queres, não queres! — retorquiu mal-assombrado o velho — Teremos nós ainda o demónio tentador a perseguir-te?

— Não, senhor. O pai está anojado sem razão. Eu que disse para tanta ira?

— Pensei que... Vamos lá... Desculpa esta rabugice... É o medo de te ver infeliz que me faz injusto às vezes... Gostas de tua prima, rapaz?

— Gosto muitíssimo.

— Assim é que se responde. Queres casar logo que chegue a dispensa?¹⁸

— Quando o pai quiser.

— Acabou-se. Amanhã vai passar o dia a Vila Verde; vai dar saúde à tua noiva.

Gaspar passou o dia em Vila Verde, e achou a prima a ler o *Clarimundo* de João de Barros, depois de ter lido o *Palmeirim* do Morais. A menina, para enfrear o tédio que lhe faziam estas leituras intumescentes, lembrava-se que o primo lhe inculcara os livros. Em verdade, estava ela mais desfeita de rosto e pisada das olheiras. Gaspar, como artista, achou-a quasi galante; mas, como amante de Joaquina Eduarda, pareceu-lhe a prima pouco menos de detestável. A desgraça punha-lhe as mãos nos olhos ao malfadado moço! Paulina era engraçadinha, afora três vínculos, e um doce coração.

Passou o dia a ler com ela o *Clarimundo*. Gaspar declamou este relanço de capítulo: «E chegando (Clarimundo) a Clarinda, foi tamanha a turvação nela, que lhe caíram as luvas das mãos. Clarimundo ainda que não menos a tinha, abaixou-se por elas, e quando lhas deu fizeram tão grandes mudanças nos rostos, que qualquer que nisso olhara conheceria suas vontades. E porque o tempo não consentia mais, passou por ela, e foram falar a Lindarifa...»

— Eu gostava de me chamar Lindarifa — interrompeu Paulina. Gaspar sorriu-se, e continuou:

«... Foram falar a Lindarifa, e trás eles Fendibal, que sentiu naquele momento uma novidade na alma...»

— Gosto desse dito: *uma novidade na alma* — atalhou a menina e ajuntou: — Também eu senti... — e susteve-se.

Gaspar encarou-a com tristeza de bom coração, e prosseguiu:

«Nem Lindarifa sentiu menos esta primeira vista, pelo que Deus tinha ordenado ou se fez; porque o falso amor mais se esmera em vontades livres e soberbas contra ele, que naquelas que lhe são sujeitas; de maneira, que nos faz esquecer honra, parentes, fazenda, e a nossa própria natureza por seguir a quem nunca conhecemos, sem a lembrança destas cousas terem tanta força que possa resistir a esta que nos força.»

— Que quer dizer isso, primo Gaspar? — perguntou Paulina.

— A tua inocência não pode intender estas frases, prima...

Quer dizer que há paixões que arrastam à desgraça.

— Isso sei eu.

— Sabes?

— Ainda há meses me contou a mãe que uma prima dela fugiu com um capitão, e depois acabou muito pobre a pedir por Lisboa.

— E tua mãe não lhe valeu à prima?

— Acho que não.

— Então fora melhor que te não contasse a história da sua prima...

— Porquê?!

— Porque te ensinou que havia neste mundo o mal, sem te ensinar que havia também a virtude da caridade.

— Pareces o tio frei João a pregar, primo! — disse a menina cascalhando alegres impulsos de riso.

Gaspar concebeu fundo menospreço do intendmento de Paulina, e fechou o livro.

Daí a pouco jantaram; passearam depois; e, ao intardecer, o moço despediu-se a trasbordar de aborrecimento.

Perguntou-lhe o pai mil cousas da sua noiva. Gaspar disse que vinha incantado dela.

O velho esfregava as mãos, e exclamava:

— Não to dizia eu!... Aquela menina é a tua felicidade em todos os sentidos! Tomáramos nós cá a dispensa!...

Passados alguns dias, Gaspar, depois de ter dito que estava morto por se ver casado com sua prima, falou assim ao velho:

— Meu pai, é tempo de descobrir-lhe um segredo, que por indiscreto pejo tenho calado.

— Que é?

— Nos meus dois últimos anos de Coimbra confesso que procedi com pouquíssimo juízo. Arrastado pelo mau exemplo de estudantes ricos e libertinos, gastei mais dinheiro do que meu pai me dava. Contraí dívidas, e a honra exige que eu as pague, porque é já tempo, e a vergonha incomoda-me.

— Ora eu te digo: — atalhou o pai — quando estavas na quinta, vieram aqui ter duas cartas para ti. Como eu andava desconfiado, suspeitei que fossem de certa pessoa, e abri-as. Uma era dum alquilador que te pedia trinta e quatro mil réis, e outra dum estalajadeiro, com a conta de oitenta mil e seiscentos réis. Estas contas mandei pagar sem nada te dizer. Se não deves mais, podes dormir sossegado.

— Devo muito mais — disse o moço com os olhos baixos. — Devo a pessoas briosas que não me pedem o dinheiro; e por isso mesmo mais me obrigam e confundem. Devo, pouco mais ou menos, mil e duzentos cruzados a estudantes de principais famílias do reino.

— É muito dinheiro! Gastaste dissipadamente, rapaz! Paciência... pagarei essas contas. Diz a quem é que deves.

— Devo a D. Francisco de Portugal, da casa de Vimioso e Valença, e a D. Pedro de Mascarenhas, filho do marquês de Fronteira.

— Mandarei pagar.

— Se o pai me quer fazer a vontade num desejo nobre, permita que seja eu o portador das dívidas.

— Pois hás de ir a Coimbra?!

— Que tem isso? Vou despedir-me para sempre dos lugares saudosos da mocidade, e abraçar os dois amigos a quem devo a fineza de nunca me pedirem o seu dinheiro.

— Então, quando queres ir?

— Em outubro na abertura das aulas.

— E demoras-te?

— Seis dias de jornada, e dois em Coimbra, oito dias.

— Está bom. Irás.

No dia seguinte, Gaspar de Vasconcelos foi a Tibães, e disse ao tio frei João:

— Meu tio, venho pedir-lhe um importante favor.

— Que queres? Pede lá, rapaz; mas olha se podes primeiro comer alguma cousa... Queres lombo de vaca? Ou arroz de pato?

— Não, senhor, já jantei.

— Então saibamos o que queres.

— Primeiramente pedir-lhe segredo sobre o que vou dizer-lhe.

— Se o segredo não fizer implicância com a honra... — estipulou o frade.

— Não faz.

— Se mo asseveras, prometo segredo.

— Eu devo bastante dinheiro em Coimbra. Desbaratei em dois anos, afora as mesadas, dois mil e quatrocentos cruzados.

— Ui! — clamou frei João — Ó homem! Em que afundiste dois mil e quatrocentos cruzados?!

— Joguei.

— Ó burro! Pois tu jogas?!

— Não jogo: joguei. Individei-me, e quero pagar dentro de quinze dias. Tive vergonha de dizer a meu pai quanto devia, e pedi-lhe mil e duzentos; e venho pedir ao tio outros mil e duzentos cruzados, com a condição de pagar-lhos depois do meu casamento.

— O pouco que eu tenho, rapaz, teu é ou será — disse o magnânimo beneditino. — Esse dinheiro conta com ele.

— E com o segredo...

— Isso está tratado. Quando vos casais?

— Espera-se a dispensa. Eu vou a Coimbra pagar as dívidas, e, na volta, naturalmente, casamos.

— Ah! Tu vais a Coimbra?... Eu quero dar uma prenda à tua noiva. Hás de comprar-me no Porto algum objeto d'ouro: pode ser uma gargantilha com uma cruz de diamantes, coisa de valor de cinquenta mil réis, pouco mais ou menos.

Assentaram nisto.

Gaspar disse ao pai que o tio João lhe encomendara do Porto uma gargantilha para a prima Paulina.

— Nesse caso, disse o velho, também quero que compres um anel com um bom brilhante com que a brindes, obra aí de duzentos mil réis.

Somou Gaspar de Vasconcelos as quantias que tinha a liquidar, no ato da partida, e perfez a de réis 1180\$000.

Feita a operação aritmética, foi escrever mais um período na carta a Joaquina Eduarda.

Rezava assim:

«Os recursos, com que havemos de passar um ano, já eu tenho certos. Neste ano, dará o mundo muitas voltas, e uma delas será o reconciliar-se o pai connosco, e abrir-nos a casa e os braços. Agora o que eu espero para marcar o dia da partida é que tu, minha querida esposa, me esclareças sobre a hora, e mais circunstâncias da tua fuga. A mim o mais acertado parece-me que é irem os cavalos do Porto para Barcelos, e aproximarem-se de noite à reitoria para tu não andares muito tempo por maus caminhos.

«Nesta última carta, que me escreveste, noto na tua linguagem certa melancolia. Falas-me de teu irmão com saudade, e de não sei que pressentimentos amargos! Vê

tu que diferença de ti para mim, ingrata! Eu de mim não penso em pai, nem em futuro. Vejo-te somente, formosa luz de minha vida; e à tua luz todas as desgraças possíveis me parecem delícias...»

Tratadas as combinações da fuga, e avizinhado o dia almejado de longe, e formidável ao perto, Gaspar não podia explicar-se o quer que era de susto, amargura e desalento que lhe esfriava a resolução. Encarava nas cãs do pai, e escondia o assomo das lágrimas; olhava para dentro de si, e via-se deforme e sujo na consciência e na honra. Mas a este titubar dos espíritos acudia o coração, lampejava a imagem de Joaquina Eduarda, e logo os olhos se enxugavam, a consciência retraía-se, e a honra escurentava-se desluzida pelos incêndios do amor.

Ao mesmo tempo, a irmã de Sebastião Godim, cada vez mais estremecida dele, e cativa da magnânima alma com que o seu benfeitor fingia ter-se esquecido das leviandades dela, olhava-o com tão piedoso e quebrado lume d'olhos, que o padre, por vezes, lhe perguntou:

— Que tristeza revela a tua vista! Que tens tu, irmã?

— Vontade de morrer! — disse ela, depois de muito instada.

— Por Deus! — clamou consternado o irmão — que há de novo na tua vida!? Ainda, pouco há, tão contente, e folgada por esses campos, e já agora desejosa da morte!... Bem não queria eu que deixasses de conviver com as famílias de Barcelos!... Não podes com esta solidão, Joaquina. Eu bem no sei. Queres outra sociedade, outras comições...

— Não, meu irmão, não quero.

— Pois então confessa-te ao teu amigo. Que tens?

— Um desgosto inexplicável... uma enchente de lágrimas no peito... Preciso chorar... Deixa-me chorar, e não faças caso disto.

E chorava a sós, enquanto o anjo da desgraça lhe não passava pelos olhos a mão refrigerante, e não afogava no seu tremedal o anjo bom que lhe feria a ela o peito com o toque espartador de suas asas. Depois, era o desapertar-se o peito em doçuras de amante e de esposa, em esperanças de longa vida, com os honestos contentamentos da felicidade conjugal. Mas então que intervalos negros são estes em almas que tanto se entreamam e uma noutra se absorvem?! Já o poeta Andrade Caminha perguntava:

Maravilhas do amor quem as entende?

Os segredos do amor quem os alcança?

posto que, no caso sujeito, os segredos são mais da Providência que do amor.

Gaspar de Vasconcelos recebeu as verbas que perfaziam a quantia de três mil e tantos cruzados. O velho madrugou para despedir-se do filho. O filho refez-se de ânimo para não delatar sua comoção ao despedir-se do pai.

— Oito dias, ouviste? Nem mais um! — disse Pedro de Vasconcelos.

— Oito dias... — confirmou o filho.

A fatalidade sorriu-se.

Chegado ao Porto, Gaspar impontou para Braga o mochila com as bestas, expediente louvável para não fatigar os cavalos que seu pai estimava. Depois com outros cavalos, foi amanhecer a uma aldeola de poucos fogos, chamada Famelião, nome dum tamanqueiro, que muitos anos antes edificara ali o primeiro cardenho de uma florente terra, que hoje se chama Vila Nova de Famalicão. Aqui se agasalhou Gaspar, até ao escurecer, na pousada dos almocreves; e por volta de meia-noite, chegou a Barcelos. Deu folga e comer

aos cavalos por espaço d' hora. Em seguida, meteu por caminhos descalçados e barrocais até ganhar o alto da serra d' Airó. Desceu ao vale, e parou à entrada duma aldeia, onde se lhe deparou o conhecido mendigo, sentado nos degraus dum cruzeiro.

Apeou Gaspar, deu as rédeas ao arriero, mandou que o esperasse, e desceu com o guia por um estreito quinchoso, que terminava no terreiro duma casinha, cuja porta se abriu, assim que os passos se aproximaram. Gaspar entrou à casa duma tecedeira, que lhe ofereceu um banco para sentar-se, e disse:

— Agora vou eu a mais o meu homem buscar a menina, que está à espera. Isto é para bom fim, não é, fidalgo?

— Decerto é — respondeu Gaspar.

— Não que, se não fosse, eu não me metia nisto, que o sr. reitor punha-me nas galés a mais o meu homem. Eu sou a tecedeira do sr. reitor, e a menina, há dias, pediu-me para eu a ir buscar quando o fidalgo cá viesse ter, e ela cá mandasse este homem dizer-mo.

— Já sei isso, já sei. — atalhou Gaspar — Vão buscar a senhora, que são horas, e o caminho é muito mau para virem depressa.

— Não que a gente não vem pela estrada. Atravessamos umas veigas que vão dar ao passal do sr. reitor, e a menina salta pela janela da cozinha.

Saíram. Gaspar, gratificando generosamente o mendigo, disse-lhe:

— Quando souberes que eu voltei a Braga, aparece-me que não tornas a pedir esmola. Irás feitorizar uma das minhas quintas com um bom salário.

O pobre beijou-lhe as mãos, e foi à sua vida, contente de haver conspicuamente desempenhado até à última a sua missão entre dois amantes daquela natureza.

Ficou sozinho o moço encostado ao tear da tecedeira, com os olhos fitos na lua que resplendia com a diurna claridade das noites de outubro. Lembrou-lhe o pai, e confrangeu-se-lhe a alma¹⁹. Viu-o, àquela hora, dormindo os plácidos sonos do homem bom, se não era que algum sonho acerbo, por amor do filho, o agitava.

Mas Joaquina Eduarda!... Que é a imagem de um pai dormindo comparada à realidade duma formosa mulher amada e apaixonada?

Joaquina Eduarda!... Aquela mulher linda, singularmente linda do teatro italiano!

Aquela que todos amavam no baile do governador das justiças!...

Aquela que transportava as almas nos seus cantares! Aqueles altos espíritos da secular de Santa Clara, que o humilhavam a ele, menos eloquente, menos gracioso que ela!

Defrontem uma mulher assim com a imagem dum pai que dorme, e diga a arte, e diga a natureza quem levará a melhor sobre o coração dum rapaz de vinte anos!

Volvida meia hora, às duas e três quartos da manhã, ouviu Gaspar um fremir de folhagem seca. Parece que já a viração lhe chegava tépida e balsâmica do respirar da ofegante fugitiva. Desceu o moço ao terreiro da casa, e viu nas sombras das árvores próximas um perpassar de visão beatífica, e logo ouviu, num como suspirar de brisa entre murtas, o seu nome.

Correu com os braços abertos, e apertou Joaquina Eduarda quasi esvaída no delíquio da ventura, que reduz a alma a pouco menos de aniquilada. Sentou-se no combro do terreiro, com ela sobre os joelhos, e pediu uma gota d'água à tecedeira. Joaquina, reclinando o pescoço, voltou o rosto à lua, que a beijou com o mais claro dos seus raios.

— Oh! Que formosa! Que divina! — entre si pensou Gaspar, quasi subjugado pelo instinto esquisito dos beijos no incedível prazer do ósculo, do primeiro ósculo, quero eu dizer, na face virgem deles, ou muito beijada dos querubins e mais potestades invisíveis.

Foi quebranto de momentos o esvaimento de Joaquina Eduarda.

— Partamos? — disse ele.

— Sim, e já! Eu tenho tanto medo à nossa má estrela!... Vamos depressa! — instou ela.

Gratificada fidalgamente a tecedeira... (porque não, se as peças lhe pejavam todas as algibeiras ao fidalgo?!), levou ele a amada quasi em braços, e sentou-a nas andilhas do possante cavalo. O arrieiro bracejando rompeu à frente, e Gaspar seguia Joaquina, que os caminhos vedavam-lhe ir de par com ela.

Rompeu-lhes a aurora na Isabelinha. Daí entraram por atalhos escusos cobertos de pinhais, até cortarem à estrada de Vila do Conde, evitando assim encontro de pessoas conhecidas na estrada real de Braga. Já por noite chegaram ao Porto, e recolheram-se cautelosamente a uma estalagem de Vila Nova de Gaia.

Saiu do leito Sebastião Godim, consoante costumava, ao aclarar da alva, para rezar matinas e laudes. Feita a oração, disse à criada que mandasse tocar à missa. A criada resmungou o quer que fosse. O reitor perguntou:

— Que diz você, mulher?

— Estou cá a cismar com a janela da cozinha...

— Que tem a janela da cozinha?

— Achei-a aberta.

— É que você a não fechou.

— Isso fechei eu... Assim se fechem as bocas dos nossos inimigos.

— Seria o vento que a abriu — tornou o padre.

— Vento!... Não lhe vejo jeito!...

— Fosse o que fosse; falta alguma coisa?

— Que eu saiba, não, sr. reverendo reitor.

— Então deixe lá isso, e mande tocar à missa.

O padre agasalhou-se no capote de portinholas, e foi indo para a igreja, onde tal qual vez o esperavam as confessadas.

De feito, deteve-se até às oito, confessando. Estava a revestir-se para ir ao altar, quando a criada rompeu pela igreja acima, e de azoada que ia nem se lembrou de ajoelhar e benzer-se diante do altar-mor. Caso estranho que levantou burburinho na igreja.

Entrou lívida na sacristia a antiga serva e afilhada de Fernão Casado Godim, exclamando:

— A menina fugiu!

— O quê? — disse o padre, deixando cair a casula das mãos.

— Está o quarto aberto, e um papel escrito em cima do bufete.

— Deus me valha! — murmurou surdamente o padre; e, voltado ao sacristão, disse:

— Vá vossemecê avisar o povo que eu, por motivos urgentes, não posso hoje celebrar missa.

Despiu-se, e saiu pela porta da sacristia, com os dedos das mãos inclavinhados sobre o seio.

— E foi pela janela da cozinha que fugiu... — dizia a criada, seguindo-o, com as mãos postas na cabeça, e dando ais profundos.

Sebastião entrou no quarto da irmã, e foi direito ao bufete. Leu o seguinte:

«Perdoa à tua desgraçada irmãzinha, que não pôde vencer-se. Escrevo-te cega de lágrimas. Neste momento só a morte podia salvar-me dum crime. Só assim poderia expirar nos teus braços, e no leito de nossa mãe. Perdoa-me, Sebastião, que eu amava muito, amava sem refrigério o homem que padeceu muito por mim, e me fez padecer quanto pode uma grande paixão contrariada por todos. Não me consideres perdida, meu irmão. Espero ainda entrar aqui, benquista do mundo, e de ti, com meu marido que tu hás de amar como a irmão. Outra vez te peço perdão, em nome de Deus e da minha fragilidade.

JOAQUINA.»

— Perdida! Prostituída! — exclamou ele — A minha irmã prostituída! Oh! Que infame homem aquele que pôde desgraçar aquela criatura! — E voltando-se hirto e desfigurado à criada, gritou:

— Mande aparelhar a égua, enquanto me visto.

Daí a minutos galopava a esporeada égua no caminho de Braga. Sebastião apeou à porta de Pedro de Vasconcelos. Subiu, sem se anunciar; entrou numa sala e noutra, desvairado, olhando aos lados, até que Pedro inadvertidamente se encontrou de frente com ele.

— O sr. padre Sebastião... — tartamudeou o velho.

— Que é de seu filho? — perguntou o padre.

— Meu filho foi antes de ontem para Coimbra.

— Seu filho raptou-me esta noite minha irmã.

— Quê!... — bradou num rouquejar inexprimível o fidalgo — raptou...

— Onde está seu infame filho, sr. Pedro de Vasconcelos? — repetiu Sebastião, com os braços erguidos em convulsões.

— Já lhe disse... que hei de eu dizer-lhe?... Mentiu-me o ladrão!... Matou-me o amaldiçoado!...

E, bradando, atirou-se sobre uma cadeira, quasi desfalecido.

Sebastião levou as mãos ao rosto, e murmurou:

— Pobre velho!... Mas eu sou mais desgraçado!... A desonrada é minha irmã, o desonrado sou eu!... São os ossos de meu pai!...

E, debruçado sobre Pedro de Vasconcelos, que abafava em soluços, tomou-lhe as mãos, e entre si dizia:

— Meu pai não conheceu a angústia desta hora!... Graças, meu Deus, por mo terdes levado deste mundo, antes de ver uma filha perdida!

Pedro ergueu-se amparado pelo padre, e disse com tardas vozes:

— Como sabe que o maldito raptou sua irmã?

— Ela o declara — respondeu Sebastião, mostrando a carta.

Pediu o velho ao padre que lesse a carta; e, depois de ouvi-la, disse:

— Vou dar providências.

— Quais, sr. Vasconcelos?

— As do meu dever. Hei de pensá-las...

— As do cristão dever sei eu que não carece V. S.^a de pensá-las — disse o reitor.

— Quais são?

— Não lhes impedir o casamento... Perdoar a seu filho, salvar minha irmã, e eu, se V. S.^a os desprezar, os receberei casados em minha casa, e dar-lhes-ei duas partes da minha subsistência.

— Pois dê... — exclamou o velho — que eu não tenho filho. Que me importa que eles casem?! Como quiserem... — refletiu instantes, e disse com malicioso sorriso: — Então o sr. padre Sebastião sabe onde eles param, para lhes levar o aviso de que podem casar? Isto cheira-me a tramoia!

Ergueu-se de golpe o filho de Fernão Casado, e disse:

— Está explicada a infâmia de seu filho! Explicou-a o Evangelho de Jesus: «é o fruto da árvore infame».

Disse, e saiu sem voltar rosto às bravas e impotentes contorções do fidalgo esmagado por duas enormes angústias a um tempo.

Deteve-se Sebastião em Braga algumas horas, colhendo vãs informações do local onde Gaspar pudesse estar escondido. Esfriado o mais ardente da alucinação, reconheceu o padre que o raptor não vinha aproximar-se das primeiras iras do pai. Desapertou a alma à custa de tirar muito pelas lágrimas, e foi caminho da sua reitoria. À hora em que ele vertia novos prantos diante do leito de sua mãe, e de sua irmã, dormia ela o seu matinal e primeiro sono na estalagem de Gaia.

E contava Joaquina Eduarda, dois anos depois, que vira, em sonhos, o irmão ajoelhado diante do leito de sua mãe, pedindo à virtuosa alma, que à mão do Senhor voara daquele leito, que levasse para si a filha.

XVII

Gaspar de Vasconcelos e Joaquina Eduarda não se afadigavam nas jornadas: dir-se-ia que passeavam aprazivelmente no país, posto que as carrancas do inverno mal quadrassem a excursões bucólicas de amantes ditosos.

Ao fim de três dias chegaram a Coimbra.

Gaspar apresentou-se ao bispo, beijou-lhe reverentemente o anel, e disse-lhe:

— Venho ajoelhar perante V. Ex.^a reverendíssima, suplicando o sacramento do matrimónio para mim e uma senhora que me acompanha fugitiva de sua família.

— Não sois aquele estudante que dançava o minuete da corte? — perguntou o bispo.

— Sim, senhor.

— Oh! — exclamou o prelado — é impossível o que pedis!

— Impossível?!

— Sim: já recebi avisos do arcebispo de Braga; já todos os bispos devem de estar prevenidos. E o mais é que o corregedor do crime desta comarca já tem ordem do regedor das justiças para a captura de Gaspar de Vasconcelos. Ausente-se de Coimbra, sem demora.

Gaspar descorou. Lembrou-lhe Joaquina no lance da captura, e saltaram-lhe as lágrimas. Condoeu-se o bispo-conde, e disse-lhe:

— Não vades pela estrada real... Que destino levais? Para onde ides?

— Nem eu sei, senhor!...

— A melhor e mais segura terra é Lisboa: pode ser que lá encontreis no patriarca o benefício que eu vos não posso fazer; e talvez que os avisos não chegassem ainda ao cardeal. Apressai-vos na retirada daqui, e sede feliz, que eu duvido que possa sê-lo um filho desobediente.

Voltou temeroso à hospedaria o moço, e relatou em ânsias o acontecido a Joaquina Eduarda. Enfardelaram de afogadilho as malas, e saíram. Duas horas depois o meirinho do corregedor fazia busca na estalagem; e, voltando a avisar o magistrado, recebeu ordem de os perseguir no território da comarca.

Os fugitivos, obedientes ao conselho do bispo, saíram da estrada guiados por condutor liberalmente pago até aos arrabaldes de Leiria. Daí, fiados em novo guia, venceram os pontos perigosos; e, com quatro dias de jornada, chegaram a Lisboa.

Gaspar de Vasconcelos contava com a proteção de alguns discípulos, filhos de valiosos fidalgos de Lisboa. Procurou um dos mais afetos à família Pombal, e solicitou a licença para o casamento. O patriarca, já prevenido pelo arcebispo bracarense D. Gaspar de Bragança, denegou a licença e invetivou os protetores do mau filho, que deixara o pai em transe de morte. Verdadeiramente se infere desta rede tão depressa urdida, qual era o valimento de Pedro de Vasconcelos com a igreja e com a magistratura, e não menos se delatam as abrasadas entranhas com que perseguia o filho.

Aconselharam-no os amigos a que saísse de Lisboa, antes que o chanceler houvesse denúncia de sua chegada. Gaspar, judiciosamente receoso da captura, e instado por Joaquina Eduarda — que mais queria o sossego sem as bênçãos nupciais, que a perspectiva da cadeia ainda mesmo no gozo do sacramento —, deliberou entrar em Espanha, e repousar-se enfim de sustos, que lhe agorentavam as delícias do coração.

A cidade mais convizinha, mais própria a devaneios amorosos, e mais poética residência de amantes, sorriu ao moço e o chamou a si: era Sevilha. Foram, pois, alegres e descuidados de corregedores

e meirinhos, com um passaporte, inventado em Lisboa, no qual os viandantes se chamavam Carlos e Carolina, naturais de Lisboa, casados, e mercadores.

Mobilaram modestamente uma casa nos arrabaldes, acenderam o fogão, e ali passaram o restante inverno, muito sós, muito queridos, muito estranhos às coisas da pátria e aos desgostos dos seus. Leram *D. Quixote*, e o *Grão Tacanho*, e *Lazarillo de Tormes*, e *Gusmão d'Alfarache*, e o *Diabo Coxo*. Riram muito nas noites de dezembro e janeiro com a chávena de chocolate ao lado, e a lenha a crepitar no fogão. Quando a leitura os infatiava, abria-se o piano, ou dedilhava na guitarra o moço, que em Coimbra gozara a primazia de a fazer falar e chorar. Joaquina ou cantava as modinhas portuguesas, ou as seguidilhas espanholas com aquela voz dulcíssima que transportava o senhor de sua alma. Às vezes, tocava ela o minuete, e Gaspar executava o passo, como no baile do regedor das justiças; e Joaquina Eduarda perdia-se na música, de enlevada na agilidade graciosa dos saltos.

Ora, se a felicidade não era aquele viver, se aquelas delícias não eram o prazer novo que o sibarita não chegou a descobrir, então não sei eu que haja gozar neste mundo!...

Esperaram as aves, degelaram-se os gomos das árvores, tapizaram-se os prados de boninas, o Guadalquivir espelhou-se para retratar as formosas sevilhanas. Saíram os amantes do seu esconderijo, e andaram pela cidade a ver os quadros notáveis, os palácios, os jardins, os monumentos, as decorações majestáticas da velha Hispalis.

Em alguma dessas paragens encontraram uma família portuguesa da Beira, de apelido de Cunhas, Távoras e Noronhas, aparentada com Távoras, e fugitiva de Portugal, desde 1758, época do suplício dos duques d'Aveiro, Távoras, e Atouguias.

Facilmente se relacionaram. Francisco da Cunha Noronha e Távora tinha senhora e filhas. Vivia com medianas posses, hauridas de alguns parques bens que sua mulher tinha em Castela. Os grandes haveres dele no reino tinham sido confiscados, bem que o fidalgo vi-siense fosse de todo estranho à tentativa de regicídio contra D. José I.

Na hipótese de que os seus patrícios eram o que eles diziam ser — filhos de mercadores de Lisboa, que viajavam recreativamente — hesitaram, por algum tempo, os Cunhas em se relacionarem com intimidade de visitas; porém, a precipitação de Gaspar denunciou a fidalguia de sua origem, quando, numa prática sobre a restauração de 1640, e da parcialidade do clero a favor dos interesses de Castela, disse ele que odiava seu tio-avô D. Francisco Pereira Pinto, bispo do Porto, por não querer exercer o bispado com a nomeação, que já tinha do usurpador Filipe, confirmada pelo legítimo rei. Francisco da Cunha pediu explicação deste parentesco; e o moço, que já se não temia da perseguição, e algum tanto se desvanecia com ser considerado nobre, relatou particularmente ao fidalgo beirão a sua epanáfora amorosa.

Vem a ponto a nossa admiração sincera: Cunha Noronha e Távora hesitava em receber na sua sala o filho do mercador casado com a filha doutro mercador; e facilitou a sua casa e intimidade de suas filhas ao descendente do bispo, sem embargo da sua desonesta convivência com uma senhora raptada! Incongruências das raças ilustres, posto que Francisco da Cunha era bom homem, e sua família uma santa gente, meninas bem ajeitadas e virtuosas, que não sabiam ler nem escrever nem contar.

Mas não eram insensíveis às delícias do canto. Abraçavam-se em Joaquina Eduarda a beijá-la, quando ela cantava as seguidilhas, mormente umas, cuja letra aprendera na *Gitanilla* de Miguel Cervantes Saavedra, romancinho donde pode ser que Vítor Hugo haja talhado a sua Esmeralda da *Notre Dame de Paris*.

A música saíra do engenhoso talento de Joaquina Eduarda como enxame de borboletas dentre perfumadas moitas de flores. A letra dizia assim:

Gitanica, que de hermosa
Te pueden dar parabienes,
Por lo que de piedra tienes
Te llama el mundo Preciosa.

Desta verdade me asegura
Esto, como en ti verás,
Que no se apartan jamás
La esquiviza, y la hermosura.

Entre pobres, y aduares
Como nació tal belleza?
O como crió tal pieza
El humilde Manzanares?

Dizes la buena ventura
Y dasla mala contino,
Que no ván por un camino
Tu intención, y tu hermosura!

De cien mil modos hechizas,
Hables, calles, cantes, mires,
O te acerques, o retires,
El fuego de amor atizas.

Nesta última copla cantada com feiticeira galanteria, Gaspar tinha inveja dos beijos com que as meninas Cunhas pediam a Joaquina a repetição. E o pai das meninas, batendo as palmas, exclamava:

— Viva a sereia! Viva a sereia!

XVIII

Francisco da Cunha instava Gaspar a escrever ao pai.

Não sabia o moço de que expressões pudesse engenhar uma carta para seu pai. O coração, contente do gozo que fruía, negava-lhe incentivos para sinceramente confessar-se réu de culpas que tão doces lhe eram. A gaveta do contador ainda tinha ouro, que Joaquina administrava com discreta economia.

— Mas o futuro, sr. Gaspar? — observava-lhe o Cunha. — Que há de o meu amigo fazer, quando se lhe exaurirem os recursos que trouxe? Espera que seu pai o venha procurar?

— Nem ele sabe onde eu estou.

— E, se souber, crê que ele solicite a reconciliação?

— De modo nenhum.

— Então espera que seu pai faleça nestes próximos meses?

— E, se falecesse, deixar-me-ia excluído da herança.

— Pois aí tem! Pense no seu futuro com esta senhora. O amigo escreva ao pai, e ela ao irmão. Cuidem em obter licença para se reabilitarem diante de Deus e da sociedade, e muito principalmente para terem a subsistência certa, e defendida de contingências desagradáveis.

Joaquina Eduarda escreveu ao irmão poucas palavras em que revelava certo bem-estar na posição que escolhera. Dizia ela:

«...Não te peço piedade que não há para que a mereça; qualquer que seja meu destino, jamais a pedirei; porque, se

fiz mal, justo é que me aguento com os efeitos. O que te peço é perdão das mágoas que te causei, meu bom mano. E este perdão, peço-to enquanto sou feliz. Se alguma imprevisita calamidade me esmagar, não pedirei nem sequer perdão...»

Gaspar escreveu longa carta, friamente pensada, com todos os lugares patéticos duma engenhosa retórica. Raro romancista lhe ganharia em frieza de ânimo na redação da sua comovente narrativa.

Partiram as cartas.

Pedro de Vasconcelos, quando lhe entregaram a volumosa missiva, carimbada em Sevilha, e reconheceu a letra do filho, mal podia sustê-la nas mãos convulsas. Resolveu queimá-la fechada. Vacilou ao pé da fogueira, e apertou-a com frenesi, como se dentro daquele maciço de papel viesse o pescoço do filho.

Abriu-a, depois de esconder-se às atenções do capelão e dos criados.

Leu, sem laivos de comoção. Apertou-a entre os dedos para espedaçá-la; mas susteve-o a ideia de mostrá-la ao mano frei João.

Veio frei João de Tibães, chamado com urgência.

Leu a carta em tom declamativo, releu fragmentos, que lhe tocavam, todos encomiásticos, bufou como quem suspira, e disse:

— Não sei o que te hei de dizer, mano Pedro. Tu és pai: faz o que quiseres e entenderes. Eu cá, como tio ofendido, e cristão caritativo, perdoo-lhe...

— Ele a ti que mal te fez? — atalhou Pedro, irritado.

— A mim... a falar verdade... nenhum. Ele é que diz que eu fui para ele sempre bom.

Cumprir saber que o honrado frade cumpriu a promessa de não revelar que emprestara mil e duzentos cruzados ao sobrinho. Pedro ignorava esta ribaldaria do filho.

— Eu, cá de mim, — bradou o fidalgo — não lhe respondo. Diz-lhe tu, se quiseres, que eu morri para ele.

— Isso é supérfluo. Se lhe não respondes, entendido está que morreste para ele, mano Pedro. Escuso eu de lhe dar parte.

— Então que quer esse vilanaz? — perguntou Pedro ao frade, como se os essenciais relanços da carta carecessem de clareza.

— Quer licença para casar, e perdão de não casar à tua vontade.

— E pede-me licença o bigorrilhas? Sabe que eu não quero, e intenta obrigar-me a querer?... Esta é de cabo de esquadra, mano João!

— Pedro! — redarguiu o beneditino — Mui bem sabes que eu fui a Coimbra buscar o rapaz, que eu fui levá-lo à quinta de São João de Rei, e finalmente não perdi lanço de lhe pregar a conveniência de casar com a nossa sobrinha Paulina. É isto verdade ou não?

— É: quem to nega?

— Ora bem: Eu, no meu modo de ver as coisas à luz da filosofia cristã, intendo que o domínio dos pais sobre os filhos não pode estender-se até ao coração, salvo quando a paixão solta e desin-freada os leva a praticar atos e alianças desonrosas para seus pais. Contrariar um rapaz em matéria de casamento com fulana para o casar com sicrana, é o mesmo que privá-lo de ser bom marido da primeira, e obrigá-lo a ser mau marido da segunda. A rapariga, com quem teu filho quer casar, segundo tu mesmo me disseste, é filha dum antigo fidalgo de Viana do Minho. Como aliança de sangue, visto está que não suja o teu; como aliança de haveres, questão é essa mui outra, que não tem que ver com a moralidade do ato... Não te estejas a atrigar, mano Pedro, que eu vou concluir. O teu e meu bom pai, que Deus haja na sua presença, exercitou em mim o absoluto império que tu quiseste exercitar sobre a sensibilidade afetiva de teu filho. Assaz lembrado debes estar que eu amei com singular afeto uma moça de mediana extração. O pai, quando me conheceu inclinado naquele rumo, chamou-me a contas, e disse-me: «casar com a prima Genoveva, e já, ou entrar no convento de Tibães, e já!» — Pois seja para o convento de Tibães, e já — respondi eu. Qual foi o resultado, mano Pedro? Fizeram-me um péssimo frade; a consciência mo diz; podendo ter eu sido um excelente marido, se me deixassem casar com a mulher da minha seleção.

— Histórias! — exclamou Pedro de Vasconcelos — Se casasses com a filha do chapeleiro, a esta hora que serias tu? O pai dos netos do chapeleiro, um valdevinos sem respeito nem dinheiro. Assim és sempre o filho de Simão de Vasconcelos, e vestes o hábito que os filhos segundos da casa de teus avós vestiram sempre, exceto os que morreram armados na África e Índia, que foram muitos. Se não foste bom frade, se não és dom abade de Tibães, como foram teus tios, é porque não tens querido fazer as asneiras com cautela e manha como os outros. Enfim, mano João, eu não me estou a afligir à conta deste amaldiçoado rapaz. Não quero saber dele. Paulina é a minha herdeira. Procurolhe marido, na roda dos parentes, e hei de achar-lho digno e excelente. Lá está a pobrezinha cheia de paixão: é meu dever remediar o mal que fiz.

— Bem. Não queres mais nada de mim?

— Não.

— Fica-te com Deus, e lembra-te sempre que és pai.

Ao outro dia, foi Pedro de Vasconcelos a Tibães.

— De que bordo estás? — perguntou frei João.

— Pensei toda a noite. As tuas palavras: «lembra-te sempre que és pai» abalaram-me.

— Graças a Deus! E então?

— Escreve ao rapaz; diz-lhe que venha para casa.

— E a mulher?

— A mulher...

— Sim: que há de ele fazer à moça?

— Que a meta num convento.

— Os conventos não são recoletas de convertidas, mano Pedro. E quem te diz a ti que ela quer entrar em convento?

— Pois então que vá pô-la na casa donde a levou.

— Valha-te Deus! — exclamou frei João — Agora vejo que as minhas palavras te abalaram inversamente do que eu desejava! O que teu filho pede é licença para casar.

— Não na dou! Já disse! — bradou o fidalgo — E tu, João, pareces-me um homem sem juízo nem proibidade!

— Mercês, mano Pedro! — disse seraficamente o frade — Pois deixa em paz o homem sem juízo nem proibidade.

Pedro de Vasconcelos voltou-lhe as costas, e saiu.

Sabido é, portanto, que não teve resposta a carta de Gaspar.

Quanto à de Joaquina Eduarda, a história é mais breve. Sebastião leu as poucas linhas de sua irmã, chorou, dobrou a carta, e continuou a rezar o ofício de Nossa Senhora nos versículos, que diziam:

«Deus noster refugium et virtus: adjutor in tribulationibus, quæ invenerunt nos nimis.

«Propterea non timebimus dum turbabitur terra: et transferentur montes in cor maris...»*

Finda a reza, escreveu:

«Filha de minha santa mãe e de meu virtuoso pai!
A misericórdia do Senhor se amerceie de ti.

PADRE SEBASTIÃO.»

* O nosso Deus é refúgio e esforço: favorecedor nas tribulações, que com excesso nos têm assalteado. Por isso não temeremos, ainda que seja comovida a terra, e os montes transferidos ao meio do mar. *Psalmo 45, v. 1 e 2.*

Não se afligiu Gaspar com o já esperado silêncio do pai; nem Joaquina Eduarda se comoveu grandemente das breves e compungentes palavras do irmão.

Reinava ainda o ouro e o contentamento.

Joaquina estava sendo uma nova maravilha na cidade que proverbialmente o é. Indeusavam-na homens e mulheres. Queriam-na em suas tertúlias as principais famílias para quem o ignorado enlace dos dois prendados e gentis filhos de Portugal era honestíssimo. Gaspar esse então, por amor da leveza dos pés no minuete, andava nas palmas. Os calcanhares, tão fatais para Aquiles, eram nele dons para muitos amores e triunfos, se ele tivesse corações sobresselentes para regalo das requebradas sevilhanas.

Derivaram alguns meses, e o ouro ia escasseando, e Francisco da Cunha, a quem os meios faltavam para poder abrigar das privações aquela descuidada gente, redobrou de instâncias com o moço para abrandar o pai.

— Já tenho pensado nisso — disse Gaspar com sincera gravidade. — Eu começo agora a ver a ladeira, e escondo de Joaquina estes pensamentos; mas ela adivinha-os, e principia a entristecer-se. Meu pai não me respondeu. Quem sabe se ele terá morrido? Vou escrever a meu tio frei João.

Apesar do propósito, Gaspar envergonhava-se de escrever ao tio, por causa daqueles mil e duzentos cruzados, que prometeu pagar, quando casasse com a prima Paulina. Aguilhoado, porém, pelos ditames da necessidade ameaçadora, escreveu.

Frei João de Vasconcelos condeou-se das, por ventura, encarecidas lástimas do sobrinho. Respondeu, referindo-lhe a prática e diligências que fizera com o inflexível irmão. Acabava por lamentar o seu destino, e chorava-se por não ter mais dinheiro que umas vinte peças, que lhe mandava, prometendo martelar ainda no ânimo duro do pai.

Gaspar acreditou nas virtudes do tio João, e reforçou a gaveta esvaecida de calor mineral.

Escreveu outra carta ao pai. O beneditino, desta vez, não foi consultado. Pedro de Vasconcelos, ouvida a pitonissa da sua chamada honra, escreveu:

«Receberei Gaspar em minha casa; mas solteiro. Prontifico-me a dar à criatura, que ele tem consigo, uma pensão anual que a sustente num recolhimento, enquanto a sua família a não sustentar. Ou isto, ou nada. Não respondo a mais carta nenhuma, contrária ao que levo dito. Braga, 20 de janeiro de 1765.

PEDRO DE VASCONCELOS.»

Gaspar desfez com os dentes esta carta. Joaquina apenas pôde ler a palavra: «recolhimento.» Pediu e implorou explicação daquele termo. Gaspar, muito suplicado, reproduziu o resumo da carta. Joaquina, sem leve trejeito de dor ou espanto, disse:

— Onde teu pai escreveu «recolhimento» deveria pôr «sepultura» — local em que eu lhe seria muito menos dispendiosa.

Aceso em ira, o arrebatado moço replicou ao pai deste teor:

«Gaspar, filho de Maria Pereira, responde ao sedutor de Maria Pereira, que é menos vilão que seu pai. Sevilha, 31 de janeiro de 1765.»

Ao ler estas linhas, Pedro de Vasconcelos sentiu nas fontes as garras da morte, e no seio as do remorso. De feito, Maria Pereira tinha sido seduzida, e a vingança da pobrezinha estava ali escrita naquele papel. Pesou-lhe na cabeça a clava de ferro que faz dobrar os joelhos. O velho caiu para orar; mas o demónio da ira amparou-o na queda, ergueu-o, e assoprou-lhe à alma incêndios de furor.

Corre alucinado de sala em sala; manda chamar o corregedor do crime, e pergunta-lhe se pode fazer prender o filho em Sevilha. O magistrado cita-lhe os tratados negativos, e ministra-lhe boas doutrinas. Exaspera-se o velho, ruge, tarda-lhe a língua, lesa-se-lhe o braço que vai levantar amaldiçoando o filho, e cai abatido pelo primeiro insulto apoplético. É chamada a medicina, e logo a religião, representada pelo beneditino. Cede a enfermidade, aquieta-se o espírito, e volvidos quinze dias, Pedro de Vasconcelos levanta-se convaléscente.

Frei João vira a carta do sobrinho. Escreveu-lhe muito de espaço; a última linha dizia: «cada vez te considero mais perdido, meu desgraçado Gaspar!»

Vão correndo os dias.

Entrou a tristeza as portas da casinha em que, quinze meses antes, os arrobados amantes cuidavam que se alojara com eles a eterna alegria. Surpreendiam-se num olharem-se mutuamente com lágrimas. Abraçavam-se, infundiam-se ânimo, fantasiavam esperanças vindas de acasos, acasos vindos de Deus, dum Deus benigno que eles imaginavam amparador de duas pessoas boas e infelizes que se amam.

Já as noitadas por salas os intediavam, e com pretextos fugiam delas.

Francisco da Cunha adivinhava a mágoa que os nobres peitos calavam. E confrangia-se de compaixão, porque estava pobre, e de Portugal, onde ele solicitava a liberdade dos bens e prova de sua inocência, não recebia alguma nova que o habilitasse a dizer àqueles infelizes: «Vinde para minha casa.»

E os dias iam correndo, e as migalhas daqueles três mil e duzentos cruzados já não abonavam a sustentação de um mês.

Gaspar abraçou-se no fidalgo da Beira, e disse-lhe sufocado de soluços:

— Diga-me em que hei de ganhar dinheiro?

— Na pátria diria: aqui, não sei. Pergunta é essa que eu tenho feito a mim mesmo, algumas vezes, quando minhas filhas estão remendando a minha roupa branca, e lavando à noite os vestidinhos com que aparecem no dia seguinte.

— Mato-me! — exclamou de golpe Gaspar.

— Miséria! — redarguiu Francisco da Cunha — Seja homem, senhor! Espere... Eu vou escrever a seu pai.

— Não lhe responderá — disse o moço.

— E eu não me ofenderei. Nada se perde, e podemos ganhar.

— Eu não aceito a proposta vilã de fechar num recolhimento Joaquina, quando ele a repita.

— Pode ser que venha outra mais aceitável. Espere. O sr. Gaspar está em extremo apuro?

— Não, senhor. Ainda não temo a fome alguns meses. Joaquina já fechou o piano e quer vendê-lo. Arrancou do pescoço e orelhas o ouro, e quer vendê-lo. Eu vendo tudo para ampará-la... Vendome a mim!

— Que desesperação a sua!... — atalhou o expatriado — Bem se vê, amigo, que está pouco apalrado pela desgraça. Não sabe ainda o que é a perspectiva duma força, e depois o desterro com esposa e três filhas criadas na suprema abundância, e de repente lançadas na pobreza!... Alente-se, Gaspar!

E o mais é que o moço entrou em sua casa animado.

Quando chegou à sala, viu um homem ao lado de Joaquina Eduarda, contando duzentos duros. Era o comprador do *pianoforte*, que o havia vendido por quatrocentos.

O comprador saiu, e Gaspar murmurou com o peito varado de angústia:

— Vai-se o teu piano?

— Que tem isso, Gaspar? Ouvirás a minha voz desacompanhada de música. E hás de gostar dela ainda assim. Ora escuta...²⁰

E, a sorrir, cantou uma copla da seguidilha diletta, cuja toada inventara nos dias felizes:

De cien mil modos echizas,
Hables, calles, cantes, mires,
O te acerques, o retires,
El fuego de amor atizas.

E, estreitando-o muito ao seio, exclamou:
— Tu choras, fraco?

O amor dá-se mal nas casas ameaçadas de pobreza. É como os ratos que pressentem as ruínas dos pardieiros em que moram, e retiram-se. A comparação é por demais plebeia em matérias tão afidalgadas como são estas do coração; todavia, imolemos a polidez à verdade.

O amor é de condição mui desprendida dumas baixezas que nós rasamente chamamos almoço, jantar, ceia, aconchego, comodidades, e guarda-roupa abundante. Assim que ele dá tento de que o seu vizinho, chamado espírito, cogita distraído naquelas coisas vulgares, começa a infastiar-se, a franzer o sobrolho, a estorcer-se, a ver por onde há de fugir. O amor quer o monopólio das faculdades da alma. Se o intelecto o desdenha para se exercitar em estudos graves, o caprichoso arrufa-se, e vinga-se dos sábios fugindo para os corações dos tolos, que, tal qual vez, se senhoreiam dos espíritos das mulheres dos sábios, desastre de que o sapientíssimo Marco Aurélio se queixava numa carta à sua muito desonesta mulher Faustina. Cito um imperador para consolação da gente meã, ignorante dos eminentes camaradas de infortúnio, que a história lhe oferece.

Quando este despeito se dá com as inteligências absorvidas pela paixão do saber, que fará com os ânimos preocupados do prosaísmo da receita e despesa?

Está este lameiral chamado *terra* infamado de misérias que fazem chorar. Mulheres sem honra nem pão; criancinhas sem mãe

nem cama; homens sem coração nem remorsos; lajes salpicadas de sangue de desesperados que se matam; bancas de anfiteatros cobertas de cabeças separadas dos troncos; hospitais que sorvem podridão e revessam cadáveres. A gente vê isto, e passa. Não se inquirem causas. A filosofia viu tudo, e disse: «Corrupção congénial da humanidade.» A religião viu, e disse: «Caridade e misericórdia.» Os poetas viram e disseram: «Manon Lescaut, Cláudio Gueux, Margarida Gauthier.» A filantropia viu e disse: «Não façamos nada a favor dos que pendem à miséria, mas dê-se-lhes asilos e pão, depois que tombarem no abismo.»

Filósofos, religiosos, filantropos e poetas param em volta dos monturos sociais a contemplarem as fezes. E, porque o aspeto da desgraça tem tal qual magnitude, embora repulsiva, os contempladores não esquadrinham de tamanhos efeitos uma causa, ao dizer, insignificante. Pois eu encaro em tudo isto, e lembra-me o que pensava Francisco da Cunha Noronha e Távora, observando a sombra triste de Gaspar e as cores quebradas de Joaquina Eduarda: «É o amor que vai fugindo à vanguarda da pobreza.»

Estes pedaços esfacelados da humanidade, estas mulheres que se laceram e não choram, estas criancinhas acamadas na rua que acalentam a fome ao rugido noturno das carruagens que rodam, tudo isto que está a pedir uma providência melhor, são as ruínas dumas galerias luxuosas donde o amor fugiu, quando a miséria assalteou os vestíbulos. Tudo isto é uma agonia horrendíssima de corações que amaram, de filhinhos que não acharam leite em seios onde os corações tinham morrido na garra do desespero. Oh! Que escárnio seria a dádiva do viver, se não viesse com a certeza da morte!

As carícias que Joaquina recebia do seu amado algoz eram já aquecidas pela memória da paixão extinta. E não se iludia ela. Quem pode enganar a mulher que principia a desconfiar da felicidade no amor? Joaquina Eduarda de si mesma se espantava, sentindo-se transportada pela tristeza aos braços de uma saudade que a levava aos loureirais do passal de seu irmão, às florestas

solitárias e rumorosas das margens do Cávado! Tinha dor e pejo deste sentir. Calava-o, sufocava-o, e tão depressa olhava em fito os olhos tristes de Gaspar, que assim aquela amada e maldita saudade lhe tirava do peito ânsias sem desafogo.

E passaram dois arrastados meses nesta mútua e aflitiva contemplação, raras horas cortadas de intermitentes alegrias, emprestadas pela esperança do bom sucesso da carta que Francisco da Cunha escrevera a Pedro de Vasconcelos.

O fidalgo bracarense, prestando homenagem aos heráldicos apelidos que assinavam a carta, respondeu. Após breves linhas, em que historiava o procedimento ingrato e ignóbil do filho, trasladava o bilhete petulante com que ele respondera à proposta. Depois, acrescentara: «Diga-me V. Ex.^a que homem de bem consentiria que outro homem de bem lhe pedisse por tal filho?»

Francisco da Cunha ocultara esta resposta de Gaspar, e replicou em mais pungitiva súplica.

Pedro de Vasconcelos não respondeu; mas o frade de Tibães, conhecedor desta correspondência, enviou ao sobrinho vinte peças, havidas de empréstimo do dom abade, e escreveu-lhe:

«Não contes com teu pai, nem se canse o honrado Cunha. Tua prima vai casar. Os vínculos dos Vasconcelos vão para teu primo Lopo de Vilar de Frades. Teu pai reserva os bens livres, e fala em recolher-se a Tibães, depois das escrituras nupciais. Ontem me disse ele: “Se esse desgraçado voltar aqui um dia, e eu tiver falecido, deixarei em teu poder dinheiro com que ele possa dotar-se e professar num convento. Ao menos que vá para onde resgate a alma das penas eternas.” Que hei de eu fazer-te, infeliz? Já me lembrou ir falar com o irmão dessa senhora; mas disseram-me que ele saía da reitoria, e se recolhera ao convento de São Domingos de Viana, com o propósito de vestir o hábito. Vê tu, Gaspar, quantas mudanças, quantas infelicidades, procedidas duma cegueira, que a desgraça te arranca dos olhos agora com

ferro em brasa!... Se essa menina quisesse voltar para o convento de Santa Clara, eu iria ao Porto intender-me com a virtuosa tia, e moveria neste negócio o bispo D. António de Sousa, que foi da minha criação neste mosteiro. Quererás tu levá-la a essa grande prova de juízo, e compaixão pela sorte de ambos? Responde-me...»

Joaquina Eduarda viu a carta, e disse:

— Porque me mostras esta carta, Gaspar?... Queres que eu faça a vontade a teu tio?

— Não — respondeu o moço, com menos intimativa do que esperava Joaquina.

— Esse *não* dos lábios — acudiu ela — é um *sim* do coração?!...

— Que suspeita essa tão injusta!... — balbuciou Gaspar.

— Que grande desgraçada eu sou! — exclamou Joaquina soluçando nas palmas das mãos, com que tapava o rosto.

O moço abraçou-a com estremecida piedade, e não proferiu mínima palavra consoladora.

— Diz a teu tio que não quero entrar no convento! — exclamou ela de súbito, desatando-se-lhe dos braços.

— Direi... mas porque te afliges assim? Que culpa tenho eu desta proposta de meu tio?

— Nem eu te culpo! — tornou ela muito quebrada e quasi desfalecida — És também muito desgraçado, meu pobre Gaspar!... Sei avaliar as tormentas que vão em tua alma...

A chegada de Francisco da Cunha interrompeu este colóquio dilacerante. Joaquina levantou-se, e entrou no seu quarto. Chorou, enquanto a febre lhe não queimou os olhos. Quando Gaspar a procurou na alcova, e a quis tirar à sala onde o fidalgo desejava vê-la, Joaquina Eduarda já não podia segurar-se em pé. A febre aturdiu-lhe a cabeça e abrasava-lhe as faces.

Se Gaspar necessitasse duma alma consoladora, e pudesse com ela suavizar as raladoras consumições, Joaquina Eduarda não era certamente dotada da índole branda e paciente que santifica os anjos da bonança à beira das almas atormentadas. Sobejavam-lhe a ela dores, saudades, remorsos, e pressentimentos terríveis: carecia de paz e coragem para ser ameigadora de sofrimentos alheios. Logo que o homem, em cujos ombros a débil criatura se apoiava, desfaleceu, natural é que Joaquina sucumbisse com ele. Se Gaspar, fingidamente ao menos, sustentasse exteriores animados, ela, como todas as mulheres, faria milagres de força e conformidade. Na posição de Joaquina Eduarda, nenhuma mulher seria mais animosa, entrevedo já o abandono, a miséria, ou a esmola recebida, num convento, de mão inimiga, que assim lhe pagava a desonra e o silêncio.

Iniquamente Gaspar intendia que a pobre menina devia ser menos egoísta do seu bem-estar, e condoer-se de quem por amor dela sacrificara tanto. O desvairado moço não via ali naquele leito a mulher que tantos maridos ilustres desviara com o seu desdém para guardar-lhe para ele, e incondicionalmente, um coração com todas as fibras intactas; não via ali a esconder o rosto em lágrimas na dobra da coberta aquela mulher que parecia a divinização da beleza, e o galardão dos olhos que a fitavam, e por bem pagos se davam de que ela se deixasse contemplar. Não. O que ele via

era a mulher que o fascinara e perdera. E — oh baixíssima vileza da alma do homem! — já ele se espantava de sua fascinação e da cegueira com que se deixara perder!

E mais ainda. O desgraçado lembrava-se de sua prima Paulina. Amá-la não podia; mas ouvia uma estúpida voz interior a dizer-lhe que devia conformar-se à vontade do pai, e aceitar uma esposa, que lhe não seria jamais na vida empeço aos gozos da mocidade.

E, no entanto, Joaquina, enleada também em seus pensamentos, recordava-se da infância, das carícias maternas, das barbas brancas de seu pai, do cadáver que lhe tiraram dos braços, da ternura do irmão, dos silêncios daquela aldeia que ela, noite alta, quebrava com as melodias da sua voz.

E, ao cair destes assomos onde a levantava a saudade, via-se num leito em alcova triste, e aos pés desse leito via um homem com a fronte escondida entre as mãos.

— Gaspar!... — dizia ela maviosamente.

— Que é, menina?

— Tens saudades do passado?

— E tu?...

— Tenho. Pois não hei de ter?... Quando éramos ambos felizes... E mais tu pensavas que o não eras... Dizias-me que o inferno se te abrisse aos pés, se eu me desencontrasse do teu caminho... E que mal fizemos, meu amigo... Tanta gente a querer salvar-nos...

— Como o arrependimento te punge!... — ²¹ atalhou magoado o moço.

— E a ti, não, Gaspar?... Que silêncio!.. Então porque te ofendes?!

— Tu não compreendes a minha vida, Joaquina?! — perguntou ele de sobressalto e num tom de repreensão.

— Compreendo, compreendo, Gaspar... Não te irrites.

— Parece que me queres fazer responsável das más entranhas de meu pai!...

— Eu não...

— Vês que as minhas tristezas, o meu suplício incessante, é a falta de meios... e acusas-me porque eu não sei como se pode viver sem recursos...

— O que eu sei é que se pode morrer sem eles — disse Joaquina serenamente, abrindo um sorriso de sincera resignação.

— Ora!... Que resposta!... — resmoneou ele acremente.

Joaquina suspirou, e expediu um ai mal abafado com a roupa que puxou para o rosto.

Condoeu-se penetrantemente Gaspar: acurvou-se sobre o leito, e beijou-lhe os olhos, proferindo súplicas de perdão com as mais veementes expressões da alma que se confessa desonrada e desprezível.

Joaquina sorriu-lhe cariciosamente, e murmurou:

— Não te aflijas com o futuro que eu morro cedo. Depois irás para teu pai, e ele te restituirá o amor e os bens. Espera mais algum tempo, que eu tenho a alma de minha mãe empenhada no meu resgate e no teu.

— E desejas morrer, Joaquina? — exclamou ele com imensa dor.

— Desejo morrer, antes que me mates o coração. Quero morrer a amar-te... e pressagio que, se viver alguns meses, acabarei odiando-te.

— Porquê?

— Porque me hás de abandonar, e hás de fazê-lo sem motivo que te absolva. Dantes me dizias que te não fazia medo o infortúnio; desafiavas a desgraça a experimentar a tua dedicação. Tinhas valor, quando ele era desnecessário. Hoje, nem queres ver se podemos descer devagar ao fundo do abismo... aterra-te e precipitas-me contigo!...

— Pois que hei de eu fazer?! Diz-me o que hei de eu fazer, Joaquina? — clamava ele com as mãos postas.

— Não sei... não sei... — murmurou ela ansiadíssima — Quem me dera morrer, meu Deus!

— Uma ideia feliz! — exclamou Gaspar de Vasconcelos com veemente vivacidade — Uma inspiração!... Nós podemos viver

trabalhando; mas havemos de sair de Sevilha. Aqui, onde representamos e convivemos com as primeiras famílias, não faremos rir o mundo com a mudança de vida; mas iremos para outra cidade. Eu ensinarei dança, e tu piano e canto. Lutemos, Joaquina; sejamos nobres aos olhos um do outro, contanto que a sociedade ignore os nossos apelidos. Tens coragem?

— Tenho! — disse ela com transporte.²²

— Reanima-te, meu amor, que a tua enfermidade é o único impedimento que nos atalha.

— Eu estou boa daqui a horas. Olha... não te parece que estou menos febril?! E terás tu valor para prova tão cruel, Gaspar? Poderás sofrer os dissabores da dependência... tu!... Afeito às pompas, à representação, à liberdade!...

— Tenho. Vou dar esta boa nova ao nosso amigo Cunha. Deixo-te menos infeliz?...

— Deixas-me alegre, meu Gaspar!... Vejo que és um homem d' alma!...

Francisco da Cunha escutou o plano, que o entusiasta expendia com júbilos de bom coração. Sorriu-se e disse:

— É mais um elo que a desgraça está forjando para a cadeia de duas nobres vítimas. Não se iludam, pobres moços; não se iludam. A sr.^a D. Joaquina Eduarda ao quarto serviço que fizesse no solar dalguma soberba espanhola, e ao quarto menospreço que lhe fizessem os lacaios das educandas, preferia morrer. E o sr.? Pelo amor de Deus!... O homem que escreveu a seu pai um bilhete, cujo traslado eu vi, poderá tolerar que o pajem dalgum degenerado neto de Gonçalo de Córdova lhe venha dizer que espere no pátio enquanto o aprendiz de dança não acorda?! Não se enganem, meus desditosos amigos!...

Gaspar não replicou. Voltou com alma espedaçada ao leito de Joaquina Eduarda, e disse-lhe:

— ²³Francisco da Cunha despersuadiu-me. Pensemos noutro expediente.

Nenhum expediente de servir premiou a laboriosa imaginação de Gaspar de Vasconcelos. Todavia, Francisco da Cunha, que não cogitava menos que o seu deplorável amigo, saiu com o seguinte alvitre, comunicado a Gaspar, a ocultas de Joaquina Eduarda.

— É bom — dizia o fidalgo — que ela o ignore enquanto o meu amigo se não resolve a praticá-lo. Cumpre-lhe, no extremo em que está, romper por um ato extremo, sr. Gaspar. Seu pai está muito ofendido: V. S.^a justificou a severidade dele, ultrajando-o; e desarmou as pessoas que lhe quisessem agora irrogar a ele demasia de severidade. Benefícios de medianeiros é loucura esperá-los. Terceiras pessoas não vingam obra proveitosa neste caso. Resta um recurso: é ir o sr. Gaspar lançar-se aos pés de seu pai.

— Por motivos insignificantes — disse o moço — me quebrou ele nos braços uma bengala.

— E depois abraçou-o, e prezou-o com mais ternura. Que tem que ele lhe quebre outra bengala nos braços, com a condição de o remir desta má posição?

— E que espera V. Ex.^a de meu pai?

— Que o deixe esposar esta menina, e os acolha em sua companhia.

— Não viu que ele deu a casa a um sobrinho, e vai recolher-se a Tibães, e reserva o preço do meu cativo num convento?

— Esses desígnios vai o meu amigo destruir com a sua presença.

— Respeito o seu alvitre; mas espero dele mais um lance miserável da minha infernal vida.

— Se eu tivesse alguma confiança no seu juízo — replicou o velho — desistia do meu projeto; porém, como não tenho nenhuma, insisto em que o tente.

— Cumprirei, se Joaquina o não contrariar.

— Minha mulher é que se encarrega de o propor à sr.^a D. Joaquina Eduarda. A menina vem ser da minha família, enquanto o sr. Gaspar estiver ausente. Nós a distrairemos com as esperanças que já se me antolham realizadas prosperamente. Além de que, na hipótese de que o sr. Pedro de Vasconcelos é rebelde às suas súplicas, V. S.^a lança mão dum recurso desprezado. Comove seu ótimo tio frei João a que lhe dê ou lhe empreste recursos para concluir o seu curso jurídico. Assim que o meu amigo obtiver o grau, já pode ganhar pão mais ou menos abundante na pátria. Se eu alguma hora lá tornar, e readquirir os amigos que tive, conte com a minha proteção para entrar na carreira da magistratura. Não se lhe aclaram mais bonançosos os horizontes do futuro? Diga lá.

— Meu pai perseguir-me-á enquanto eu não abandonar esta pobre menina.

— Não ouse aconselhá-lo a que minta a seu pai — disse pausada e reflexivamente Francisco da Cunha — senão dir-lhe-ia que a sr.^a D. Joaquina Eduarda teria um talher entre os de minhas filhas enquanto V. S.^a carecesse de meios para sustentá-la independente de seu pai.

— Beijo-lhe as mãos, meu honrado amigo — exclamou Gaspar, abraçando-o com a efusão do reconhecimento.

— Vai a Braga, não vai? — atalhou animosamente o fidalgo.

— Se Joaquina consentir...

A esposa de Francisco da Cunha passou a manhã do dia imediato com a enferma. Empregou habilmente rodeios que modificassem a

impressão da surpresa. Joaquina ouviu-a primeiro com sobressalto, depois com uma serenidade mais dorida que a inquietação. Escutou as últimas expressões, e disse:

— Ele vai; mas não volta aqui.

— Jesus! Que ideia! — exclamou a dama — A senhora tem receios muito injustos deste cavalheiro!

— Não é dele que eu receio... é da fatalidade do meu destino. Mas que vá, que me diga, sem temor de magoar-me, que vai.

Entrou ao quarto depois Gaspar de Vasconcelos, com os olhos húmidos. Joaquina acercou-o de si, e disse-lhe:

— Vais fazer um enorme sacrifício: pões debaixo dos pés de teu pai o nosso pobre orgulho. Não importa. Se tens força, eu a terei para sofrer em minha alma as dores humilhantes da tua. Eu queria dizer-te que por amor de mim não te aviltasses até haveres pejo de tua queda; mas temo magoar-te, Gaspar... temo, senão dizia-te: «Se a tua felicidade está em me abandonares, abandona-me; obedece a teu pai.»

— Vê que me apunhalas o coração! — interrompeu Gaspar, beijando-lhe as mãos.

— Então perdoa-me. Vai, e cumpre o que a tua alma te mandar... Mas eu fico doente, meu querido amigo; fico doente, e muito só neste mundo... Tornarei eu a ver-te, Gaspar?... Terei eu morrido, quando voltares?!...

E, sentando-se aflita na cama, rompeu num chorar que lhe cortava os fios da vida.

E o consternado moço de joelhos sobre o leito, com a face dela estreitada ao seio, articulava umas vozes que os soluços entrecortavam.

O primeiro homem e a primeira mulher, que sofreram aquelas angústias, que perguntas fariam ao criador?

Provavelmente estas, que são dum santo:

«Porque não morri eu dentro do ventre de minha mãe?
Porque não pereci tanto que saí dele?»

«Porque foi concedida luz ao miserável, e vida aos que estão em amargura de ânimo?

«Acaso tens tu olhos de carne? Ou vês tu as cousas como os homens?»*

* Job, Cap. III, v. 11 e 20; Cap.X, v. 4.

Chegou à portaria do convento de Tibães Gaspar de Vasconcelos, e perguntou por frei João. O frade da portaria reconheceu-o, e disse-lhe:

— Seja bem-vindo o filho pródigo.

— Queira vossa reverendíssima chamar...

— Seu tio ou seu pai?

— Meu pai está aqui?! — exclamou Gaspar.

— Há seis dias entrou para aliviar aos pés da cruz o fardo das angústias... Deus perdoe a quem lhe encheu a medida do sofrimento... Qual deles avisarei?

— Meu tio, se me faz o favor.

— Pois espere que vai abrir-se.

Saiu o frade, e Gaspar entrou no pátio interior da portaria.

Passados minutos, desceu frei João. Gaspar abraçou-se-lhe nos joelhos, sem desatar palavra dos lábios convulsos. O frade alevantou-o, e levou-o consigo para a sua cela, silencioso como as imagens dos santos que pendiam em painéis nas paredes dos longos dormitórios.

Entrados à cela, disse frei João:

— Já sabes que teu pai está aqui. As escrituras fizeram-se há nove dias para o casamento de tua prima. Quando, porém, avisaram Paulina de que estava marcado o dia das bênçãos, ela respondeu que não casava. Teu pai cobrou disto grandíssimo desgosto, e para

logo mandou preparar aqui a sua aposentadoria para o restante da vida. Encontras, pois, o pobre velho no acume das aflições, que lhe preparaste. Agora diz-me tu se lhe trazes alguma nova dor. Queres falar-lhe? Ele ignora que estás aqui.

— E fala de mim? — perguntou Gaspar.

— Pouco e terrivelmente. Chama-te o azorrague da Providência divina, o abutre que ele criou no coração para lho dilacerares febra a febra. Vê, pois, nestas circunstâncias, o que vens dizer a este moribundo.

— Venho pedir-lhe perdão — balbuciu Gaspar, trespassado do terror que as expressões e gestos do venerando monge incutiam.

— E depois?... Tu não vinhas aqui simplesmente pedir perdão a teu pai. Vens pedir-lhe recursos? Fala verdade, que a deves a amizade de teu tio.

— Sim, meu santo protetor, eu venho pedir a meu pai perdão, recursos, e misericórdia, porque a fome já bateu à minha porta.

— Que fizeste à irmã de Sebastião Godim?

— Está em Sevilha.

— Recolhida?

— Em casa de Francisco da Cunha, daquele nobre sujeito que escreveu a meu pai.

— Vens, portanto, pedir recursos para voltar a Sevilha?

— Que hei de eu fazer àquela desditosa senhora, meu tio?

— Não mo perguntes, desgraçado. O que te eu direi é que não queiras ver teu pai, se lhe não podes dar uma nova consoladora.

— Mas eu quero vê-lo, embora seja expulso de sua presença — exclamou Gaspar.

— Verás... Mas não sei se o previna, se o surpreenda. Espera aqui: eu vou ao quarto de teu pai.

Voltou, pouco depois, frei João, e disse:

— Dorme.

— Poderei vê-lo? — acudiu Gaspar.

— Podes, e até quero que ele, ao despertar, te veja.

Entraram pé ante pé na cela.

O velho dormia encostado a travesseiras altas sossegadamente com os braços cruzados. Uma das mãos segurava umas folhas de papel manuscrito. Gaspar avizinhou-se subtilmente, e reconheceu a carta suplicante, a primeira que lhe escrevera de Sevilha.

Foi-lhe de bom agouro este encontro.

Contemplou as cavadas feições do pai, que, em dois anos, tinham precocemente envelhecido. As alvíssimas barbas cobriam-lhe o peito. As costas das mãos descarnadas, com os tendões incorreados sobre os ossos, eram cadavéricas. As lágrimas derivavam a quatro nas faces do filho. E a consciência dizia-lhe: «O que tu fizeste de teu pai, e daquela mulher feliz e pura, e do irmão virtuoso e extremo daquela mulher... e o que fizeste de ti, algoz de quatro existências!»

Descerrou Pedro de Vasconcelos os olhos: encarou Gaspar; estremeceu; espancou da frente a visão daquele sonho; seguiu os menores gestos do irmão e do filho; viu este que ajoelhava, e o outro que estendia o braço e abria a mão sobre a cabeça do sobrinho.

— Que é?... Que vejo eu?... — exclamou Pedro, sentando-se de salto na borda do leito.

— É o nosso Gaspar — disse com alegre sombra frei João.

E Gaspar, aproximando-se do pai, ia a tomar-lhe a mão. O velho saltou ao pavimento, desviou-se, e recuou ao filho que o perseguia de joelhos.

— Alto aí! — bradou o velho, alongando contra ele os braços — Que quer este monstro? Que vem aqui fazer este parricida? — prosseguiu Pedro, interrogando frei João, e outros frades que tinham entrado, atraídos pelos brados.

— Pedro! — disse o beneditino — Jesus Cristo não repulsava assim os pecadores...

— Sr. Vasconcelos, pois que é isto? — perguntava um dos monges, postando-se à direita do moço ajoelhado.

Outro monge pegou da mão do velho, e disse:

— Esta mão não fere, abençoa: na casa do Senhor as tempestades da ira são sacrilégios.

— Deixem-me por caridade! — exclamou o fidalgo — João, pela boa sorte da tua alma te peço que me não percas a minha... Leva-me daqui esta infernal tentação. Eu não posso perdoar ao filho que me chamou árvore infame.²⁴ Fora dos meus olhos!

Frei João tomou do braço do sobrinho, empuxou-o a si, e disse-lhe: «Vem.»

E, no dormitório, continuou:

— Isto esperava eu; mas era inevitável a explosão; agora esperearemos outro lançaço.

Entraram na cela. Gaspar sentia em sua alma o brigar de dois sentimentos avessos: compaixão de seu alucinado pai, e cólera de se ver tão rancorosamente expulso. Excruciava-o já o arrependimento de sair de Sevilha. Ali, naquele horrendo silêncio do mosteiro, e tristeza do cubículo em que o tio o deixou, é que as saudades de Joaquina Eduarda lhe alanceavam o coração. Figurava-se-lhe mudada para imprevisto inferno a sua vida, e já acorrentado ao poste de um cárcere. Temia-se de algum tirano procedimento do pai, fazendo-o lançar em ferros. Ao par destes sobressaltos, lampejava-lhe ante os olhos a imagem de Joaquina, enferma, atribulada, e carecida da comiserção da família que lhe dera abrigo.

Neste trance de incomportável angústia, entrou frei João de Vasconcelos, dizendo:

— Lá deixei o dom abade com teu pai. É um santo varão que tem instinto do céu nas palavras que diz. Entretanto, conversemos, Gaspar. Ainda não percebi bem o teu intento nesta vinda. Tu que queres, filho? Pensas em te reconciliar com teu pai?

— Pois decerto... se eu o conseguisse...

— Mas... essa senhora... que parte ainda tem ou terá na tua vida? Fala-me verdade como a Deus: estás solteiro?

— Como a Deus, lhe juro que estou.

— E pensas em casar com ela?

— Se o pai mo consentir...

— Ora aí está! Justo seria que o consentisse; mas não fales em tal... Se teu pai te dissesse: «recolhe-te à minha casa de Braga; estás perdoado», que farias tu?

— Que faria eu?... Que faria?... — repetiu Gaspar sem poder estremar resposta das confusas ideias.

— Sim: pergunto — insistiu o frade — se voltarias para Espanha, ou chamarias a tua desgraçada companheira para Portugal.

— Pois que poderia eu fazer senão uma dessas cousas? — perguntou o moço aflitivamente.

— Em tal caso, a reconciliação seria de má fé por tua parte, e o ódio depois recrudesceria. Dou-te um conselho, infeliz moço: vai-te nas boas horas: não caves mais na sepultura de teu pai.

— Mas eu careço de subsistência! — bradou Gaspar com a ousadia que dão as torturas — Tenho fome, tenho direito a pedir a este homem, que me deu o nascimento, que não me deixe morrer de fome e vergonha!

— Fala menos rijo, sobrinho — atalhou brandamente o frade — Tu és réu, e assumes catadura de juiz. Humildade, humildade, senão está tudo entornado. Continuemos a conversar placidamente: senta-te, e não chores. Guarda as lágrimas para melhor azo. Ora, diz-me: essa senhora não está fatigada de ser infeliz? A Providência ainda lhe não abalaria o ânimo para desandar deste mau caminho em que de mãos dadas vocês se lançaram? Nunca te mostrou desejo de recolher-se num convento com a sua subsistência segura, como tantas damas ilustres hão feito, como o fez em nossos dias aquela sr.^a D. Mariana de Sousa, que houve dois filhos do infante D. Francisco, e morreu nas ruínas da sua cela de Santana de Lisboa, quando foi do terramoto?

— Eu não sou o infante D. Francisco, meu tio — contrariou Gaspar. — Sou um homem igual em nascimento a D. Joaquina Eduarda Casado Godim, e valho menos do que ela, porque não tenho apelido de mãe...

— Eu não estou debatendo genealogias, rapaz — retorquiu frei João com apostólica serenidade. — O sabido é que não desistes de casar com ela...

— É um dever, um preceito de Deus.

— É. E mais te digo, filho, que se eu pudesse remediar as tuas necessidades, dizia-te: «Casa com a senhora a quem deves reparação.» Mas tu que já sabes minha pobreza fradesca, e por ventura saberás que devo o pouco com que te remediei as mais urgentes faltas, não é para mim que vens, é para teu pai. Em verdade te digo que não sei artes nem eloquência com que possamos trazê-lo da braveza, em que o viste, aos teus interesses, e desejos, aliás louváveis. Farei sentir ao prelado o teu intento; ele que se empenhe em tirá-lo a limpo, que eu de mim não sei nem valho para tanto. Volto a teu pai, e depois aqui. Olha lá: queres tu jantar, homem?

— Não me fale em comer, meu tio.

— Tu comerás, filho. O estômago é déspota entranha que protesta contra as paixões das outras.

— O dom abade ordenou que fosses agasalhado na hospedaria do convento — disse frei João, quando voltou — O prelado quer que vás à sua casa. Vem comigo.

— Já sei o que vou ouvir, meu tio — observou Gaspar — Venham todas as angústias! Vamos.

— Ouvirás, e farás o que intenderes. A ordem não é dominicana. Espero que te não ponham no potro da tortura... — redarguiu frei João sorrindo, sem descompor a gravidade do aspecto.

Acolhido benignamente pelo dom abade, que o conhecia desde menino, Gaspar, beijando-lhe a mão, disse:

— Espero que vossa reverendíssima não esteja do lado dos meus inimigos.

— Quem são os teus inimigos, pateta? Anda para aqui, senta-te aí, e conversa comigo enquanto frei João vai para junto de teu pai. Vamos a saber: a desgraça apalpou-te deveras, não é verdade?

— Sou muito infeliz...

— Pois então basta de o ser. Entendes tu que a tua felicidade está em casar com a mulher que seduziste ou te seduziu? Responde.

— Devo fazê-lo...

— E queres fazê-lo?

— Certamente.

— Pois então eu me responsabilizo pela inteira indiferença de teu pai neste casamento. Casa quando quiseres. Eu mesmo faço

saber ao sereníssimo D. Gaspar que teu pai não impede, nem quer saber que impedimentos possam existir. Se vieste ao conseguimento disto, venceste a demanda.

— Mas, sr. D. Teotónio... — balbuciou Gaspar.

— Que é, menino?

— Eu sou pobre como vossa reverendíssima sabe...

— E então?

— Esperava que meu pai se condoesse desta situação, e me desse as migalhas que lhe sobejam.

— São, portanto, duas as pretensões com que vieste: licença para casar, e dinheiro para subsistir. É isto?

— Sim, senhor.

— O segundo requerimento é indeferido. Teu pai não te dá nada.

— Positivamente?

— Positivamente nada.

— Bem! — disse Gaspar erguendo-se de golpe — Não tenho que fazer aqui. Desejava despedir-me de meu tio, e retirar-me.

— Senta-te.

Gaspar hesitou: o dom abade puxou-o pelo braço, e sentou-o.

— Teu pai não pode viver muito — continuou o prelado — Engana-o, que eu absolvo-te, homem. Diz-lhe que esqueceste essa criatura, contemporiza enquanto ele vive; e, falecido teu pai, casa, porque terás grandes haveres, com que premiar a dedicação e o sacrifício da senhora. Sacrifício digo, porque é mister que ela, no entanto, esteja recolhida em convento. Se lhe faltam meios, tê-los-ás abundantes que lhe dê. Entras na administração dos bens de teu pai; sobejar-te-ão recursos com que a tenhas mimosa em convento de primeira ordem. Que me dizes?

— Mentirei a meu pai — respondeu sem espaçar meditações.

— É a mentira louvável, donde promanam três boas ações: restauros a tal qual alegria de teu progenitor; sanas a chaga do remorso que te deve lavar nas intranhas; e, dando desde já posição honesta à senhora que amas, asseguras-lhe um porvir honrado, considerado, e abundante dos bens da fortuna. Estás, pois, resolvido?

— Estou, sr. D. Teotónio; mas necessito que a vontade de minha pobre amiga se não revolte contra este alvitre.

— Se se revoltar, não te ama: quer perder-se e perder-te.

— Não é assim, perdoe-me vossa reverendíssima.

— É assim, perdoe-me vossa toleima. E, se te quer perder, tem tu dignidade que te salve. Escreve-lhe. Disse-me teu tio frei João que está muito na vossa intimidade um honrado e sisudo fidalgo. Dá-lhe procuração para que ele corra lá com as despesas do raciocínio se for necessário convencê-la em juízo de que o não tem.

— Respeite o infortúnio, senhor! — clamou com fidalga altivez o moço — As suas palavras são facetas demais quando se trata de uma mulher para cuja morte eu estou conjurando.

— A isso não respondo — redarguiu severamente o dom abade.

— Mas perdoa — tornou brandamente Gaspar.

— Perdoo. Se eu pudesse rir-me dos infelizes, não saía de minha casa a negociar estas transações que destoam do meu ofício.

— O ofício dos virtuosos é baixarem a todos os abismos donde saem gemidos — disse Gaspar, abraçando-o.

— Amanhã espero conseguir que teu pai te receba. Gaspar, fita-me bem!... Olha que eu vou mentir àquele ancião. Faz que Deus me não puna o crime, pondo tu a virtude nos efeitos dele... Vai para a cela de frei João. Escreve. Tens o teu quarto na hospedaria. Até amanhã.

Gaspar escreveu até noite alta.

Na vinda para Portugal, o saudoso viandante escrevera de todas as paragens a Joaquina Eduarda e a Francisco da Cunha.

Sem embargo da veemência amorosa das frases, Joaquina, de cada carta que lia, murmurava sempre:

— Ele não volta cá.

O fidalgo beirão argumentava com as razões tiradas do contexto mesmo das cartas.

— Não volta cá! — recalcitrava a pobrezinha, com os olhos de vidente cravados numa visão hórrida que lhe vazava n' alma as fezes da desesperança, esta quinta-essência dos tormentos dos condenados.

Raros dias se levantava do leito, onde a rodeavam as filhas de Francisco da Cunha. Joaquina, contemplando-as uma vez, disse:

— Que imensa caridade!... O poder da religião!... Como estes anjos de pureza se avizinham de mim... da mulher...

E sentiu-se como estrangulada.

As meninas Cunhas inclinaram-se-lhe sobre o seio, e enxugaram-lhe as lágrimas.

Contava ela os dias em que já podia ter a primeira carta de Braga. Chegaram duas muito volumosas. O prudente fidalgo leu primeiro a sua, e exultou. O plano de Gaspar, ideado pelo dom abade, pareceu-lhe excelente. Era pensamento que ele, pouco mais ou menos, já tinha aventado. Correu alegre a entregar a Joaquina Eduarda, que nesse dia se erguera menos alquebrada, a sua carta.

Joaquina leu, e disse:

— Profetizei! Não volta cá. Não me enganei, meu Deus, não me enganei!

Esta exclamação, com os braços estendidos ao céu, foi seguida dum súbito acesso de frenesi.

E então bradava:

— Convento!... Convento!... A esmola do convento!... Não quero! Já disse que não quero!... Atira-se com uma mulher para dentro dumas grades com uma ração de pão!... Para quê? Para esquecê-la!... Infame piedade!...

— Oh senhora!... — exclamou o velho, saindo-lhe de frente nas voltas vertiginosas que ela dava — Atenda-me, sr.^a D. Joaquina!...

— Eu sabia... sabia isto!... — prosseguiu ela, como surda e cega às vozes e movimentos do espavorecido fidalgo — São os costumes da fidalguia!... Fecham-se na clausura as mulheres que estorvam os planos da riqueza e da representação!... Isto é atroz!... Mas eu não aceito a morte de agonias mais prolongadas. Morrer é um instante. E, morrer sem o ferrete duma vil dependência, é morrer nobremente, é morrer como ele, o ingrato, não pode viver!... Não lho disse eu, sr. Francisco da Cunha?... Não lho disse eu?... O meu Gaspar não volta cá!...

E lançou-se ao seio do velho debulhada em lágrimas.

Francisco da Cunha expendeu convencido quantas razões favoreciam o projeto de Gaspar. Leu-lhe a sua carta que, mais lógica e concludentemente, esclarecia as vantagens de esperarem, pouquíssimo tempo, uma felicidade segura. No tocante ao convento, dizia o moço que faria muito por que fosse Vairão, onde, todos os dias, se podiam trocar as cartas, e talvez falarem-se.

Joaquina Eduarda, ouvidas com aparente serenidade a carta e comentários do velho, disse com ar de zombaria:

— Tudo isso que aí está escrito é uma miserável emboscada à minha crença. Pois eu não dei direitos a ninguém de julgar-me néscia... Sr. Cunha, Gaspar respirou o ar da antiga liberdade, sentiu

estremecer o coração às reminiscências da sua mocidade... vê-me aqui às suas sopas, meu benfeitor, e tem piedade, e talvez sente o desaire de me deixar assim... No auge da sua magnanimidade, dá-me um convento, como Pedro de Vasconcelos dera há vinte anos um convento à pobre seduzida, mãe daquele filho. Aqui tem o exemplo da virtude paternal! É o que é!... Mas eu não sou Maria Pereira: sou Joaquina Eduarda, filha de Fernão Casado Godim!...

— Que deliramento, menina! — atalhou Francisco da Cunha — Eu começo a duvidar da sua razão!

— Não duvide, por quem é! — replicou a desvairada — Eu só aceito a piedade dos meus. Vou escrever a meu irmão, a minha irmã, a meu cunhado e a minha tia. Eles que se combinem todos para me darem uma enxerga e um caldo... Mas não! — bradou ela com exaltado exaspero — Não peço nada a ninguém, não quero nada de ninguém! Quero morrer, porque a minha vingança é morrer!...

As filhas e esposa de Francisco da Cunha seguravam-na naqueles ímpetos em que os cabelos lhe saíam arrancados entre os dedos. Consideravam-na já atacada de loucura, e ora faziam pé atrás de atemorizadas, ora com meiguices de muito amigas e impulsos de compaixão a tomavam nos braços. Ao cabo de infrenziado debater-se, Joaquina Eduarda caía desfalecida para o seio delas.

Esperavam as intermitências de sossego para lhe abrirem o entendimento às razões plausíveis de Gaspar. Pediam-lhe que animasse o seu extremoso amigo a não desistir do intento. Que não entrasse no convento, e vivesse em companhia delas, até à hora em que a Providência lhe recompensasse as dores da ausência.

Joaquina beijava as faces e mãos das condoídas senhoras, e murmurava:

— Não me demoro neste mundo. A desgraça não há de gozar-se muito tempo da sua vítima. Resignam-se com o abandono as infelizes que perderam pouco; mas eu perdi meu irmão... aquele santo!... Que escura vida lhe deixei!... Em que desamparo!... Lá está amortalhado no convento, donde vê as janelas da casa onde

nascemos. Vê a varanda em que nosso pai se assentava olhando sobre o mar, contando das suas batalhas aos amigos e aos filhos. Vê de lá a gelosia do quarto em que ele expirou. Fui eu que o fechei ali naquele sepulcro ao meu pobre Sebastião... E porquê, meu Deus? Porque me perdi eu assim!...

A pertinaz surdez de Joaquina Eduarda a reflexões e alívios seria motivo de enfado para Francisco da Cunha, se nele o condoimento não excedesse a pauta ordinária da comiseração.

Voltemos ao mosteiro de São Martinho.

Gaspar de Vasconcelos atirara-se vestido sobre o catre ao romper da manhã, pontualmente quando os proverbiais sinos de Tibães principiavam a dobrar a finados. Naquela noite passara desta vida um monge.

Triste alvorada aquela! O coração em trevas, o espírito quebrantado da prostração corporal, e aquele pungentíssimo ulular do bronze, e a toada lúgubre dos monges no saimento ao longo dos dormitórios!

Gaspar abriu a janela da sua alcova, e sorveu ar com o peito em arquejos, como se o ambiente do quarto lhe empestasse os pulmões. O céu estava nubloso, e o vento suão regelava-lhe as faces, sem lhe refrigerar o ardor da cabeça. A hospedaria tinha saída para a cerca, e lá pelas clareiras do arvoredo se tinham passado alegres dias da meninice de Gaspar, quando o tio o levava a estudar humanidades naquele colmeal de ciências. O moço percorreu por entre as árvores, sem atentar nos lugares conhecidos, ou fugindo-os instintivamente. Figurava-se-lhe desterro, e paradeiro de condenados aquele ermo contemplativo do qual frei Bartolomeu dos Mártires dizia que ali era o lugar de respirar e beber vida, louvando o criador de tudo.

O criador, naquela hora, para Gaspar de Vasconcelos, era um princípio de ironia bárbara, um árbitro de caprichosa flagelação.

Já o frio lhe coava aos ossos. Era de dezembro a manhã, e o vento ramalhava nos esgalhos desfolhados da mata. Frei João entrara de

manso à casa hospedeira, para não despertar o sobrinho. Como o não visse, mandou-o procurar na cerca. Encontraram-no tiritando e encolhido no oco de uma árvore, onde, vinte anos depois, Francisco Justiniano Saraiva, que o leitor melhor conhece por frei Francisco de São Luís, ministro, patriarca, e cardeal, se comprazia de sestar nas tardes de julho. Emerso do seu torpor, Gaspar foi conduzido à cela do tio, que se espantou do rosto macerado do moço.

— Que olhar é esse, Gaspar?! Não dormiste? — perguntou o frade.

— Não dormi... Quem adormeceu docemente foi o frade que está sobre terra... Tomara eu também cair naquele sono...

— Pois eu não, rapaz — disse frei João — apesar da monotonia da minha já muito comprida vigília em redor das lajes da clausura... Já fui saber de teu pai: encontrei lá o dom abade; deixei-o ficar. O semblante do teu juiz pareceu-me de bom agouro. A nossa batalha é apagar o feixe de raios que tu acendeste com aquela maldita carta!... Que demónio te inspirou aquilo?... Abriste a ferro o coração do velho, e verteste-lhe a peçonha do remorso na chaga! Para que lhe falaste de tua mãe, cuja morte ele tanto chorou, e por tanto chorar te amava a ti como doudo!? Valha-te Deus!... Aquilo não se escrevia a um ancião de setenta anos, que muitas vezes acordava lavado em lágrimas, de sonhar com tua mãe, seu afeto único neste mundo!...

— E, ainda assim, não me perfilhou!... — interrompeu Gaspar.

— E não sabes porquê, homem? Eu to digo: não foi a filúcia do nascimento nem a transmissão dos vínculos que motivou essa aparente desconsideração para contigo. Foi persuadir-se teu pai que, não te legitimando, te dominava mais e tinha debaixo da mão, e assim evitava que a tua mocidade se desbaratasse em paixões ruinosas da alma e remordentes da consciência na velhice. Esta foi a mal pensada precaução de teu pai. Oh! Tu não sabes como ele te quis e quer! Poupa este resto de vida ao lastimável velho. Não sacrifiques tudo à mulher que amas²⁵; dá a teu pai um pouquinho do teu coração. Ela é nova, e ele está à beira da sepultura. Essa senhora que espere, enquanto o ancião se encosta ao teu seio filial!

Os olhos de frei João reviam lágrimas. Gaspar não chorava; mas o abalo interno impelia-o a ajoelhar com sincera dor diante do pai. Joaquina Eduarda figurava-se-lhe vítima muitíssimo menos credora de lástima, defrontada com o velho, em fins de vida, sem hora de contentamento, esperando a morte debaixo daquelas abóbadas, cercado de homens já amortalhados. Nestas cogitações, afervoradas pelo dizer pungente de frei João, o encontrou o recado do dom abade que o chamava ao quarto do sr. Pedro de Vasconcelos.

— Ótimo! — exclamou o frade contentíssimo — Ótimo! Viva a natureza e o dom abade que fizeram o milagre! Vamos, Gaspar.

Abeirou-se o moço do leito do pai, que o fitava serenamente. Ajoelhou, beijou-lhe a mão, e balbuciou muito comovido:

— Meu pai, se pode perdoar-me...

— Posso — disse o velho — O que eu não posso é padecer por mais tempo. Se vens assistir ao meu trespasse com pena deste cadáver que estás vendo, o Senhor te abençoe; se me reservas mais outro golpe, Deus te leve para longe da minha agonia.

— Juro-lhe, meu querido pai, que serei digno do seu perdão! — ²⁶exclamou sentida e conscienciosamente Gaspar.

— Sobre este Cristo! — disse solenemente frei João tomando o crucifixo do oratório.

— Juro! — proferiu Gaspar, pondo a mão sobre a imagem.

E, neste lance, a imagem de Joaquina Eduarda figurou-se-lhe ao lado da imagem do Salvador. Foi visão que lhe traspassou o seio, e nublou de negro a vista.

— Ajudai-me a vestir — disse Pedro de Vasconcelos.

Saiu do leito, sentou-se ansiado, e chamou para junto dele o filho, que o abraçou pela cintura, ajoelhando-se. O velho inclinou o rosto à frente do filho, e chorou.

Assomou o dom abade com mesurado e solene passo, e disse:

— Ireis hoje para vossa casa, meus amigos. Já mandei aparelhar a minha carruagem. Não vos quero hoje aqui, porque é dia triste; os responsórios e os sinos é coisa importuna em Tibães. Lá para

a primavera vinde aqui passar uma temporada, se quiserdes, com vosso irmão e tio, e com toda esta fradaria que vos preza. Toca a vestir, sr. Pedro de Vasconcelos, que vai o almoço para a mesa.

XXVII

Recolhidos à casa de Braga, ao segundo dia da festejada reconciliação, Pedro de Vasconcelos falou²⁷ ao filho desta forma:

— Gaspar, eu sei que a irmã de Sebastião Godim está em Sevilha, favorecida pelo expatriado Francisco da Cunha, cujas virtudes admiro. Não aprovo que essa senhora continue a viver na dependência dum estranho. O dom abade disse-me que ela, aconselhada por ti, se recolheria num convento de Espanha ou de Portugal. Deixo à tua escolha o convento, contanto que não seja em Braga. Dirás o dinheiro que queres remeter a Francisco da Cunha para assegurar boa casa e tença abundante a essa senhora.

— Não tenho a certeza, meu pai, de que ela aceite a proposta do convento — disse Gaspar.

— Mal faz, se a rejeita —olveu o velho — E, rejeitando-a, que farás tu?

— Não posso responder-lhe, meu pai... Farei o que a sua boa alma me disser que faça. Esperemos a resposta.

A resposta de Joaquina Eduarda eram quatro linhas incluídas na longa carta do fidalgo beirão. Diziam:

«Agradeço a piedade dos teus. Não entro na clausura. Não tenho coração que dar a Deus. Como não sou estorvo à felicidade de ninguém, deixem-me chorar livremente fora de ferros, e esqueçam-me. A mim, para te esquecer, basta-me a separação duma pedra, que é a porta da eternidade. Adeus, Gaspar.»

Alguns períodos da carta de Francisco da Cunha explicavam o laconismo acre de Joaquina. Rezavam assim:

«... A primeira impressão da sua judiciosa proposta foi irritante; nem podia ser outra. O tempo e a reflexão espero eu que suavizem o espírito da sr.^a D. Joaquina Eduarda. Não cesso de aproveitar o ensejo de advogar a causa de ambos. No próximo correio pode ser que eu lhe dê melhores novas. Não desanime V. S.^a no seu salutar projeto. Eu não vejo caminho mais desabafado por onde fujam desta angustiada situação.

«A sr.^a D. Joaquina, a meu ver, escreve-lhe palavras aflitivas. Tenha paciência: desconte-as na veemência da paixão, e espere que os ventos caiam, e o coração acalme.

«Faz-me grande dó vê-la tão quebrada de cores, e recolhida num cismar que dantes lhe não via; isto, porém, é dor passageira. As minhas filhas prometem arrancá-la da tristeza.

«Hoje tive animadoras notícias de Lisboa. O marquês de Pombal mostra-se inclinado a ouvir os defensores da minha inocência. Se os acreditar, mandará levantar o sequestro dos meus bens. Acontecendo isto, pedir-lhe-ei ao meu amigo que escolha o convento em Viseu, porque a sr.^a D. Joaquina será ali frequentemente visitada por minha família. Se assim tivesse acontecido, V. S.^a e ela teriam em minha casa, depois de legitimarem a sua união, lugar de filhos...»

Gaspar mostrou lealmente as duas cartas ao pai. Leu Pedro de Vasconcelos as linhas de D. Joaquina Eduarda, e disse:

— É caprichosa esta menina!... As mulheres que deveras amam costumam sacrificar-se mais. Pouco ou nada se lhe dava a ela que a pobreza e a ignomínia te despenhassem!

Gaspar não proferiu um monossílabo.

Daí a pouco, o velho, que estivera lendo refletidamente a carta, continuou:

— Eram muito mais sinceras as minhas lágrimas e saudades, filho!... Que tom de orgulho!... *Como não sou estorvo à felicidade*

de ninguém, deixem-me chorar livremente fora de ferros, e esqueçam-me. Digna de ser esquecida é a mulher que prefere chorar onde a vejam... fora de ferros. Que amor tão avaro da paz, da honra, da felicidade do homem amado!...

E o moço não contradizia nem com o gesto às reflexões algum tanto injustas do pai.

Leu Vasconcelos a carta do expatriado, e confirmou o bom conceito que o fidalgo lhe merecia, lastimando não obstante que um pai de família, protegendo tão afetuosamente uma menina fugitiva com um filho desobediente, estivesse dando um ruim exemplo de tolerância a suas filhas.

Já Gaspar ouvia desagradavelmente as considerações do velho, bem que proferidas com brandura e delicadeza, como se desconfiasse da cura radical do filho.

Passaram alguns dias sem notável sucesso. Veio nova carta de Sevilha, volvida uma semana. Francisco da Cunha lastimava-se de não poder arrancar Joaquina da solidão do seu quarto, e receava desmancho no juízo da pobre senhora. Referia alguns dizeres disparatados dela, e acessos de raiva contra as próprias meninas que a rodeavam de carícias e disvelos, descaindo, depois da exaltação, em ternuras²⁸ e choro, pedindo de mãos postas que lhe perdoassem.

Gaspar não mostrou esta carta ao pai. Assaltaram-no ânsias de fugir para Sevilha. Chegou a meditar no furto de porção grande de dobrões, que deviam existir nos contadores do velho.

Subjugou-lhe a reflexão os ímpetos, a reflexão que já pode subjugar corações após dois anos de amor e de infortúnio. Cogitou em lançar-se aos pés do pai, suplicando-lhe licença para casar com Joaquina Eduarda. Foi a Tibães, e confessou ao tio o seu intento. Frei João levou-o ao quarto onde estivera o pai, tirou o crucifixo do santuário, e disse-lhe:

— Juraste sobre este Cristo!

— Qual Cristo?— bradou blasfemando Gaspar²⁹ — Não há Deus! Este horror da minha vida é a negação da Providência!...

Frei João pôs-lhe a mão na boca, e disse com solenidade majestosa, realçada pelo hábito:

— Essas impiedades nunca saíram de boca de homem debaixo destas abóbadas! Cala, cala, miserável, que és o mais eloquente testemunho de que há Deus! Cuspiste nas cãs de teu pai, perdeste uma mulher, envenenaste a vida inteira do irmão dessa mulher... e querias ser feliz? Há Deus, há Deus, blasfemo! Verme insultador! Átomo de lama que ousas chegar à face do Altíssimo! Ajoelha, covarde, nos infortúnios³⁰ que voltaste contra ti, ajoelha, e imudece a língua ímpia! Resistes? Não te prostras, alma embrutecida por paixões baixas? Eu peço a Deus que se digne perdoar-te!

E ajoelhou frei João com o Cristo nas mãos, e os lábios inclinados sobre a face ensanguentada da divina imagem.

Bagas de suor frio ressumbravam do rosto de Gaspar.

Foram cinco pavorosos minutos de sua vida aqueles!

O moço achegou-se do tio, e quis levantá-lo nos braços. Parecia êxtasis o olhar contemplativo do monge no rosto de Jesus. Não cedeu ao impulso, nem aos rogos. Gaspar retraiu-se um pouco transido de religioso terror. Passados minutos, ergueu-se o frade, e disse:

— Eu pedi a Jesus redentor que te resgatasse desse cativoiro da alma, ou ta separasse do corpo que ta quer perder.

— Não, meu tio! — exclamou Gaspar — Eu quero salvá-la! Quero honrar a mulher que perdi...

— Mas matas teu pai...

— A responsabilidade desse delito involuntário não me faria réu diante do tribunal divino.

— Então os parricidas são laureados no reino da glória? E os transgressores dos juramentos podem jamais nobilitar-se neste mundo?

A argumentação do monge claudicava nestas duas interrogações enfáticas. Frei João era mais sublime na oração que admirável na dialética.

O dom abade, ouvindo ler as cartas vindas de Sevilha, aconselhou friamente, obrigando o moço ao cumprimento da sua palavra. Prezava-se ele de conhecer bastante o coração dos homens, e alguma cousa o coração das mulheres; razão de ter entrado no mosteiro aos trinta anos, para não ver mais no mundo uma pérfida alma que vestia peregrinas formas, e fizera barato delas às seduções doutro homem.

Claro é que o sexo das delícias e das perfídias não podia contar com um estrénuo defensor na pessoa monástica e avelhentada de D. Teotónio Moniz Barreto. Mulheres mortas de paixão, dizia ele que não conhecia nenhuma, tendo vivido dez anos na corte e na roda mais suscetível de morrer d'amores por não ter objeto sério para distração. «Que esta doudice dos amores — dizia ele, citando Sá de Miranda — nasce da ociosidade e nela se mantém.»

— Olha, Gaspar amigo — continuava o dom abade, sacudindo a piparotes o tabaco da manga — Eu entrei aqui neste mosteiro com uma cara de inforcado ao sair do oratório. Cuidei e todos cuidaram que vinha largar quatro ossos que trazia a carregarem-me sobre a alma. Os primeiros quinze dias passei-os a caldos temperados com lágrimas. Ao cabo do primeiro mês, em vez das lágrimas, tomava a galinha com o caldo. No fim de três meses fez-se-me uma pele nova e elástica, ao ponto de se me avolumar esta barriga, que vês, no fim do noviciado. Quando professei, rapaz, vivia tão alegre

que a minha vontade era subir ao minarete da torre, e gritar de lá *urbi et orbi* que se fizesse toda a gente frade bento se queria ser feliz. Dir-te-ei mais que eu era literalmente um asno. Fazia versos à imitação dos do padre Chagas de infausta memória como poeta, e de eterna veneração como santo. Diliciava-me de o ouvir encarecer o pé duma mulher com aqueles versinhos, que eu achava invejáveis e bastantes a criar a reputação dum Camões épico de pés pequenos. Olha que ainda me recordo!... Por mais que tenhas dito dum pequenino pé, há de ficar envergonhado disto:

Instante de jasmim, conceito breve,
 Átomo de açucena presumido,

 Suspeita de cristal, susto de neve.*

Já chamaste a um pé *suspeita de cristal*? E *susto de neve*? E *instante de jasmim*? Pois eu, meu homem, sou do tempo em que se amavam mulheres que tinham assim os pés, e pude esquecê-las todas, e correr-me de pejo das parvoçadas que escrevi talhadas por estes moldes da *Fénix Renascida*. Cheguei aqui abarrotado de estupidez, e encontrei grandes letrados, sábios herdeiros dos tesouros do grande século de D. Manuel e João III. Comecei a estudar as ciências desde o alfabeto; e, se não vinguei dar pela barba aos mestres, consegui renovar o coração em amor à sabedoria, e olhar do outeirinho onde se alteou a minha alma instruída para as mesquinhas que deixei lá em baixo na lama dos caminhos trilhados pelo comum dos homens. Não vás tu cuidar, moço, que eu te estou convidando a ser frade. Em tempo aconselhei teu pai a que te deixasse criar e crescer muito entre nós, a ver se te afeiçoavas a estes costumes; porém, assim que te demos pronto de

* Declara-se em honra do varatojano António das Chagas que estes e outros versos escreveu ele, quando se chamava António da Fonseca, e apalpava *as suspeitas do cristal*, e não tinha ainda lido a vida de Santa Gertrudes, que lhe alumiou algum tanto o espírito escuretado pelos galhardos vícios do capitão de cavalos, com seus *fumos de Marte*, como diz o seu biógrafo MANUEL GODINHO.

humanidades, parecias melro de bico amarelo que pilhou a porta da gaiola aberta. Bom foi que te revelasses a tempo, e mau foi que o tributo ao mundo tão cedo e usurariamente o recebesse o desengano!... Ora pois, meu Gaspar, isto redundava em dizer que a sr.^a D. Joaquina não morre de saudade. É a minha opinião. Se tão cedo recomças a mortificar teu pai com lástimas, eu não te quero ver mais, porque és mau homem, e mentiste-me. Não sei que mais te diga, a não ser que esperes, e cuides em procurar alguma diversão. Tens tu livros? Vai à biblioteca, e escolhe por lá. Sobre receitas para curar o amor relê o Ovídio, que é catedrático na matéria, e o bispo Guevara que cita em abono das suas ótimas doutrinas Samotrácio³¹ e Nigídio, que não escreveram nada, que se conheça. Se queres consultar os casos funestos do amor, estuda Hércules e Mitrida, Menelau e Dorta, Pirro e Helena, Alcibiades e Dorbeta, Demofonte e Fílis, Aníbal e Sabina, Roderico e Florinda, António e Cleópatra, Gaspar de Vasconcelos e Joaquina Eduarda. Enfim, menino, *disce puer*. Estuda nos livros, e em ti. E, se ainda te lembra o teu Virgílio, aplica às mulheres o que o mantuano diz dos ramos da árvore consagrada à Juno infernal: *Primo avulso non deficit alter*.

Gaspar sorriu-se, e disse:

— Obrigado a vossa reverendíssima, sr. D. Teotónio. Se não vou feliz da presença de vossa reverendíssima, vou instruído!

— Então vossemecê joga-me ironias, seu ingrato! — acudiu de boa sombra o prelado. Ora venha merendar comigo e com seu tio frei João na minha cela.

— Graças, sr. dom abade. Meu pai espera-me com o jantar. Eu perdi o hábito de merendar em janeiro.

— Isso é epigrama ao estômago dos frades? — tornou o jovial D. Teotónio — Pois vai com Deus, e volta com Santa Maria, quando quiseres... Agora muito sério: juízo!...

Seguiram-se-lhe ao desamparado moço dias de abafadora tristeza, e noites de cruelíssima insónia. Difícil lhe era já trasladar ao papel as negruras da alma. Era um atormentar-se que lhe infernava todas

as horas, e nem sequer lhe deixava uma com o preciso sossego para escrever. As noites, sobretudo, eram-lhe incomportáveis, as noites infinitas, no seu quarto, sem voz humana que piedosamente lhe abrisse d'alma torrentes de lágrimas, o sangue dela! Ouvia, apenas, no quarto próximo, o suspirar e gemer do pai, que também velava as noites, como todos os velhos, e mormente os tristes, que parecem estar esperando alvoroçados o arraiar do dia eterno. Nas vigílias de Pedro de Vasconcelos era grande parte o ver ele aumentar-se a tristeza do filho, o refugiar-se nas solidões da casa, e o desmedrar cada dia a olhos vistos, passando alguns em que nem de leve provava alimentos.

E compadecia-se.

Mas não tinha o céu um anjo que baixasse ao coração daquele homem? Não seria tão de Deus o toque, a inspiração que o levasse a dizer ao filho: «Dá-me essa pobre menina como filha! Vai trazê-la, como sol da tua alma, às trevas desta casa e deste viver! Que eu não morra, sem que vos veja a estudar no meu rosto a alegria refletida da vossa, a consciência radiosa da felicidade que vos dei!»

Não: o anjo não desceu. Aquele homem devia contas a Deus, e precisava do suplício de duas criaturas para saldá-las. A expiação dum que delinuiu arrasta vítimas, que o exemplo despenhou. Altos segredos!

XXIX

Joaquina Eduarda recebia cartas breves, mas sucessivas. Transluzia nelas froixa luz de esperança, porque, em verdade, no sentimento de Gaspar pouquinha luz vasquejava. A morte do pai era um lampejo que, a intercadências, lhe alumiaava futuros. Mas moderadamente exultava o moço ao vê-los a tão incerto e rápido clarão. Já se lhe haviam esfriado n' alma os entusiasmos. Quebrara-o a desgraça, e pode ser que também a insofrida, única, e injusta carta de Joaquina. O infortúnio não vingara totalmente acalcanhar-lhe o orgulho, que a desconsideração da infeliz lhe ferira. Não obstante, escrevia-lhe com a verdade e angústia da saudade e do remorso.

As suspeitas de Francisco da Cunha eram acertadas. Joaquina desvairava por visualidades e deliramentos de conversações com as filhas. Algumas vezes desatava em risadas convulsas, referindo casos jocosos do convento de Santa Clara, principalmente o da sova que levaram os frades no rio Douro, e outros episódios irrisórios dos amores das freiras. De súbito, passava à descrição da sua fuga, e aos sustos da jornada por atalhos e fragedos³². Depois, pedia à imagem do irmão que a não perseguisse, e a deixasse morrer encostada ao seio dele. Ria-se-lhe em seguida o semblante, e

cantava as seguidilhas da Gitana do Cervantes. Por último, caía em síncope, e adormecia ansiada. Ao despertar, tinha recobrado o juízo, e conversava com serenidade não menos temerosa que a excitação da loucura.

A medicina contemplava o espetáculo miserando, e dava aos ombros confessando-se ineficaz. «Só pode restaurá-la a presença do homem que a reduziu a isto», diziam os médicos.

— As novas são excelentes, sr.^a D. Joaquina — disse-lhe o fidalgo — Seu futuro sogro está doente, e é de presumir que não dure muito. Brevemente aqui nos aparece Gaspar.

— Não volta aqui! — disse ela — Porque não vem ele?

— Se viesse já, ficavam sem recompensa os sacrifícios que ambos têm feito! Que é uma demora de dois ou três meses? Eu não julgo necessário que a menina entre em convento. O melhor é esperar em nossa companhia que ele venha. Provavelmente estaremos em Viseu, quando os estorvos desaparecerem. Robusteça-se para irmos embora. Os meus negócios em Lisboa vão decidir-se favoravelmente.

— Deus permita! — acudiu Joaquina — Eu queria deixá-los muito felizes, quando morresse. São tão dignos de o serem!

— E sê-lo-emos todos. Gaspar há de mudar a sua residência para Viseu. Conviveremos lá como convivemos aqui.

— E eu hei de cantar muito — interrompeu ela, tirando alegres notas da voz sempre clara e forte, como no vigor da saúde. Eram as trevas da demência que lhe caíam na alma.

E então choravam as senhoras, e o velho fugia com o coração lanhado, já resolvido a pedir a Gaspar que, a todo o custo, viesse salvá-la.

Num destes trances, bateu à porta de Francisco da Cunha um frade dominicano. Conduzido à sala, disse:

— É em casa de V. S.^a que está uma senhora portuguesa chamada Joaquina Eduarda Casado Godim?

— É aqui onde está essa senhora. Vejo que vossa reverência é português.

— Sou português, senhor. Ser-me-á permitido ver Joaquina Eduarda, minha irmã?

— Sua irmã! — exclamou Francisco da Cunha — É o irmão dela! O chorado daquela aflita alma!...

— Pois ela sabe que eu vivo?... Não me terá ela já ouvido para me correr aos braços?

A esta pergunta respondeu o cântico das seguidilhas.

E frei Sebastião, com assombro, disse:

— Muito feliz é ela que pode cantar!... Cuidei que a viria encontrar muito quebrantada pela desdita!...

— Sua irmã tem intervalos de demência, senhor; agora está numa dessas horas negras.

— Demência! — clamou o frade, com as mãos postas — Posso vê-la, sr. Cunha?

— Sim, senhor. Vamos.

Avizinhou-se da alcova frei Sebastião. A douda encarou nele com os olhos cravados, e um jeito de afastar a cabeça. Aproximou-se mais o irmão, e ela fugia-lhe até encostar-se à parede. Sebastião apenas disse:

— Minha irmã! — e caiu sobre uma cadeira, murmurando muito baixinho: — Mataram-ma, está morta... já não é ela!

— Minha irmã! — repetiu Joaquina — Que voz!... Que som de voz!...

Levantou-se o frade, tomou-lhe as mãos ambas, e, por entre soluços, balbuciou:

— É a voz do teu Sebastião! Joaquina, olha bem para mim... Eu sou teu irmão, o teu querido amigo, o teu eterno amigo, o teu segundo pai, a voz misericordiosa do Senhor que te fala pela minha boca! Joaquina!...

E ela, expedindo um grito estridente, atirou-se ao seio do irmão, arrancando vozes inarticuladas.

Seguiu-se o habitual desfalecimento. Sebastião transportou-a ao leito, e sentou-se à beira do travesseiro, com a barba ajustada ao peito, e as mãos nas fontes.

As senhoras olhavam-no com religioso respeito. Francisco da Cunha hesitava de espertá-lo daquela letargia.

Volvida a si, Joaquina encontrou os olhos do irmão. Saltou do leito, e ajoelhou-se-lhe aos pés inclinando a face ao pavimento. Sebastião levantou-a, saiu com ela do quarto, sorriu com muitíssima brandura, e disse-lhe:

— Aqui me tens, minha pobre menina. Queres voltar às nossas árvores do Minho? Vamos. Vem recomeçar a vida no teu paraíso, que eu despirei este hábito para tornar contigo às solidões onde fomos felizes.

— Pois, sim: vamos... — murmurou ela com olhar espasmódico, e um sorriso pouco menos de idiota.

Sebastião olhava fitamente nela com indizível assombro. Aqueles gestos e ar de sua irmã não tinham que ver com os espíritos, vida e graças doutro tempo.

Poucas mais palavras se trocaram os dois desaventurados. Frei Sebastião saiu a hospedar-se no convento dos dominicanos, prometendo voltar no dia seguinte para combinarem o dia da partida. Joaquina ouviu isto insensivelmente, e já quando o irmão descia as escadas, foi depós ele para lhe beijar sofregamente as mãos.

À tarde, Francisco da Cunha procurou o frade no convento, e disse-lhe:

— Venho visitá-lo; mas um objeto mais importante que a cerimoniosa urbanidade me traz aqui. Peço licença para intervir nas suas deliberações, respeito a levar para Portugal sua irmã. Não cuide vossa reverência que a sr.^a D. Joaquina Eduarda esqueceu Gaspar de Vasconcelos...

— Não?! — interrompeu o frade — Fui enganado então... E eu refiro a V. S.^a o que há passado. O prior do meu convento de Viana recebeu recado do dom abade de Tibães, para que eu lhe falasse em um determinado dia. Muito longe de conjeturar esta chamada extraordinária, fui a Tibães, e aí soube da exposição do prelado que minha irmã estava em Sevilha e Gaspar em Braga; que a fome os tinha separado, e tão somente uma maior desgraça os reuniria;

e acrescentou que eu cristãmente devia estender mão piedosa a minha irmã — conselho que eu dispensava. Ouvido isto, voltei a Viana a pedir licença ao meu prior para esta jornada, e aqui estou.

— O dom abade — disse Cunha — não mentiu, a meu ver. Foi omisso em explicações, e vossa reverência pronto em interpretar o mais natural, quando estes desenlaces se fazem. Sua irmã está, segundo o juízo dos médicos, a descair em completa loucura; todavia, se Gaspar de Vasconcelos aqui viesse, a infeliz restaurava-se. Supondo que vossa reverência a conduz para o Minho, há grande perigo na reincidência dos passados desatinos, porque, repito, não se separaram inimigos: houve uma convenção a que não faltou Gaspar; e da parte de sua irmã uma suspeita que a reduziu à lástima em que a vê. Claro é, penso eu, que ela ainda o ama muitíssimo, e que o avizinharem-se um do outro nesta ocasião é avizinhá-los ambos de mais fundo abismo. Além de que, sua mana está em muito melindroso estado de saúde; não a considero capaz de viajar, nem vossa reverência está, julgo eu, nas especiais circunstâncias de velar a convalescença duma louca, não falando no depercimento das forças, e grave achaque de peito que se vai declarando. Venho, pois, instar com o sr. frei Sebastião a fim de que permita o demorar-se mais algum tempo sua mana em companhia de minha mulher e filhas. Brevemente vamos todos para a minha casa de Viseu, porque muito próximo espero sentença que me restitui a pátria e bens. Logo que a sr.^a D. Joaquina Eduarda se recupere, eu e alguma de minhas filhas vamos acompanhá-la onde vossa reverência ordenar. Isto lhe peço em nome da razão e do melindre que requer o curativo desta senhora.

— Condescendo muito agradecido à sublime caridade de V. S.^a — disse o frade — Não há duvidar: aproximá-los é grave erro; minha irmã ficaria a três pequenas léguas distante de Braga. Forra-me V. S.^a a mortificações maiores, e à pobrezinha dá-lhe uma família que a defende nos seus caridosos braços. Em virtude disto, sr. Cunha, irei amanhã receber as ordens de V. S.^a, e despedir-me de minha irmã.

— E não dispensaria vossa reverência despedir-se?... — perguntou o fidalgo — São aflições inúteis. Eu lhe direi a ela que seu irmão voltou a Portugal a preparar-lhe acomodações, visto que as antigas já não existem. Esta esperança pode converter-se-lhe em pensamento fixo, e, como tal, divertir-lhe o ânimo da lembrança de Gaspar. Quem sabe se o melhor começo de cura é este? Experimentemos, sr. frei Sebastião.

— Pois sim, meu respeitável senhor; — obtemperou o frade — eu não irei despedir-me dela; mas V. S.^a terá a bondade de lhe entregar este pouquinho dinheiro, que me é desnecessário na jornada e no convento. — E, dizendo, oferecia-lhe um embrulho de moedas d'ouro.

— De que lhe serve o dinheiro a ela? — atalhou o fidalgo, recusando aceitá-lo — Talvez dissessem a vossa reverência que eu vivia pobremente?... É certo: apenas livre do sequestro uns bens insignificantes que minha mulher herdara em S. Tiago, e deles temos vivido com severíssima economia, e relativa miséria. Sem embargo, os amigos de Lisboa, ao verem aproximar-se a restauração dos meus haveres, ofereceram-me dinheiro, e eu já fiz os saques, por maneira que ousou pedir a vossa reverência que me não prive da satisfação de ter sua irmã por hóspeda.

Sebastião Godim inclinou a cabeça, e apertou ao seio o magnânimo beirão, o tipo que ainda se não perdeu dos lusitaníssimos fidalgos daquelas montanhas, gente dum coração tão à flor dos lábios e tão lavada alma, que não os vedes sem estranheza, nem os deixais sem saudade.

Gaspar de Vasconcelos recebia esta carta dias depois:

«Meu amigo. Aqui veio frei Sebastião Godim, no propósito de levar sua irmã. Anunciaram-lhe o desamparo em que ela estava, e desligação de V. S.^a. Consegui que o excelente homem deixasse ficar sua irmã em nossa companhia até convalescer da enfermidade d'alma e corpo. Obtive o consentimento, e frei Sebastião voltou ao seu mosteiro de Viana.

«Agora, sr. Gaspar, corre-me obrigação rigorosa de lhe dizer que, enquanto o futuro se não prosperar, é da honra de V. S.^a não perturbar o sossego que por ventura os meus cuidados possam restituir aos atribulados espíritos desta infeliz.

«Qualquer passo que V. S.^a dê, que não seja legitimado pelo casamento, é inconvenientíssimo, e despropositado. Causar o meu amigo a morte de seu pai, sem com isso ganhar o melhoramento de sua fortuna e da sr.^a D. Joaquina, será uma crueldade das que se não podem desculpar com a palavra amor. Pouco sei do coração dos homens; todavia, oferece-se-me cuidar que V. S.^a já não está cego desta paixão, porque a desgraça lhe alumiou os olhos. E, portanto, conforme-se, e triunfe, como homem, dos seus instintos de piedade, que,

no caso sujeito, são nocivos. Não roube terceira vez a esta senhora o mais sagrado esteio, único e só que ela tem — o esteio fraternal.

«Breve iremos para Viseu³³. As suas cartas em toda a parte as prezarei deveras, e mais gratas hão de ser-me quando V. S.^a me disser que é feliz, sem causar dissabores a ninguém. Que a felicidade, à custa de lágrimas alheias, é uma traição aos nossos gozos: é um licor saboroso em taça de prata, com as fezes no fundo, fezes que afinal somos obrigados a tragar. Deus o guarde por muitos anos, meu estimado amigo, e sou, etc.»³⁴

Foi numa daquelas horas de torvo desesperar, que esta carta passou fechada das mãos de Pedro de Vasconcelos às do filho. Leu-a o moço, e impedreniu-se, cravando os olhos cegos de lágrimas no papel que não podia reler. O velho observava-o ansiado.

— Que é? — perguntou o pai — Que é, filho? Deus não se compadecerá de ti?

— Compadeceu! — disse Gaspar— acabou tudo! Aqui tem... — E, dando-lhe a carta, passou a fechar-se no seu quarto. Aí se deteve alguns minutos, e saiu de ímpeto, com o rosto abraseado, em demanda do pai. Encontrou-o relendo a carta — digamo-lo tristemente — com íntimo contentamento. Pôs-se-lhe em joelhos o filho, e exclamou:

— Ainda é tempo, meu pai! Ainda é tempo!... Deixe-me casar com essa desgraçadíssima senhora.

Pedro de Vasconcelos encarou-o sem vislumbre de piedade, solevou-se da cadeira em tremuras, e bradou com voz desencavernada:

— Casa! Casa na capela deste edifício porque lá está³⁵ o meu jazigo. Quero que se abra a minha sepultura ao mesmo tempo!

— Oh! Que entranhas!... — clamou Gaspar, e fugiu da presença do pai, bradando no interior do palacete: — Que entranhas!... Que coração de ferro!...

Por noite alta, Gaspar de Vasconcelos ainda não tinha recolhido ao seu quarto, e o ancião passeava na vasta sala dos retratos, monologando frases incongruentes, e olhando como apavorado, para a sua sombra. A luz froixa dum castiçal verberava lampejos trémulos no retrato de Simão de Vasconcelos, pai dele. Acaso, circunvagando a vista, Pedro encontrou os olhos coruscantes daquele retrato, os quais o seguiam sinistramente d'ângulo para ângulo do salão. Parou, contêrrito e transido, o velho, preso daquela fascinação dos olhos penetrantes de seu pai. Então lhe entraram como frecha na memória da alma os padecimentos daquele velho, nos seus últimos anos, infligidos pela vida libertina do filho, pela desonra a que ele vitimara uma família honesta, roubando-lhe a filha única, a mãe do filho que lhe era agora amor e flagelo. Fugiu dali, como a esconder-se no seu quarto, e na passagem, chamou para a sua beira o capelão, que pela primeira vez de sua vida fora interrompido no sono das duas horas da manhã.

O padre estremunhado ouviu-o três quartos de hora em silêncio.

— Que diz a isto, padre Joaquim? — perguntou o velho.³⁶

Arregalou o padre os olhos piscos, e respondeu:

— Fidalgo, o melhor é deixá-los casar. É o que eu fazia no caso de V. S.^a

— Vá-se deitar! — replicou o colérico Vasconcelos.

O capelão levantou-se, fez uma cortesia, e foi-se deitar, murmurando:

— Tanto se me dá que casem como que os leve a breca! Já se não pode dormir nesta casa!

Ao romper da manhã, Gaspar de Vasconcelos entrava na quinta de São João de Rei, e escrevia ao pai estas linhas:

«Se meu pai consente que eu me recolha a um quarto desta casa, aqui esperarei a morte. A minha presença é-lhe odiosa, porque eu não pude ainda reduzir a cinzas o coração. Eu de mim também me convenci de que meu pai é cruel, e não posso amá-lo. Reduza-me à fome, se quer. Da miséria me não temo eu já, porque sou sozinho a sofrê-la. A desgraçada achou um irmão, eu não achei ninguém. Dizem-me que minha mãe tinha um irmão, que fabricava chapéus; se me faltar valor para sofrer a fome, irei pedir pão ao irmão de minha mãe. Beijo-lhe as piedosas mãos, senhor, como filho e escravo, *Gaspar.*»

Lida a carta, partiu, como era de esperar, um laçao com a liteira para Tibães. Frei João era o sempre invocado nas tragédias da família. De Braga, seguiu a liteira para São João de Rei.

Gaspar tinha ido para a serra, e recolheu por noite. Encontrou o tio a cear a mais gorda galinha da capoeira, e a lasca de presunto menos entreveado. Sentou-se a um canto da casa, e assistiu silencioso à silenciosa deglutição do monge.

Acabado o repasto homérico, e entoada a ação de graças, o frade disse ao sobrinho:

— Vamos lá, se estás para conversar.

Fecharam-se na sala. Frei João disse, espivitando os dentes com um palito de marfim:

— Vi teu pai na cama, vi a carta do Cunha, e vi a tua carta. Teu pai está ali, está na sepultura. D. Joaquina, mais dia menos dia, está com o irmão. Saibamos agora o que vai ser de ti. A minha paciência está quasi esgotada. Tu és o homem mais trabalhoso que veio a este globo!... Que queres fazer?

— Quasi nada: morrer.

— Não se morre assim.

— Em Roma e Grécia morria-se por menos. Eu li Catão e Séneca.

— Cala-te, pagão! Tu devias ler o Evangelho.

— Também li essa história: acho-a menos verosímil que Séneca e Catão.

— És um burro! Quem te deu as *Cartas Filosóficas* e as *Cartas Inglesas* de Voltaire, que estão no teu quarto?

— Provavelmente comprei-as.

— Fizeste bem... Mata a fé, e veremos o que te fica, desgraçado!

— Fica-me a certeza.

— De quê?

— Do nada.

— Isso é muito saudável... Vamos, porém, à questão principal. Ficas aqui?

— Se meu pai me não manda expulsar...

— Não manda; pede-te, e não ordena, que vás para Braga.

— Se não ordena, fico aqui.

— E, se eu te peço que vás, Gaspar?

— Que vou eu fazer em Braga, meu tio? A vida lá é-me insuportável. Aqui estou só, fatigo-me, despedaço-me de rochedo em rochedo, atiro-me aos fragedos dessas serras, e consigo adormecer de prostrado. Nem este desafio me querem deixar?

— Fica, pobre rapaz! És digno de muitíssima piedade!... Fica: eu de madrugada irei com essa má nova a teu pai.

E decorreram seis meses sem que Pedro de Vasconcelos avistasse o filho, conquanto lhe enviasse criados, cavalos, armas, e dinheiro superabundante.

Gaspar via com indiferença estes preciosos enfeites das vidas felizes. Ao abrir da manhã, com um pouco de pão e queijo na bolsa de caça, galgava aos visos dos montes, e por lá se ficava até noite. De volta, ceava outro pedaço de pão e queijo; recolhia-se ao seu gabinete, e dormia escassamente.

Longo espaço de tempo havia que não chorava. Um dia, porém, como encontrasse na serra o mendigo, que três anos antes lhe trazia as cartas de Joaquina Eduarda, abraçou-se nele em pranto desfeito.

Perguntou o pobre se a senhora tinha morrido.

— Morreu! — disse Gaspar, e apertou o passo para embrenhar-se num matagal.

Neste tempo, Francisco da Cunha estava já redintegrado nos seus abastados haveres. O marquês-rei mandara-o recolher e cobrar do erário o rendimento dos bens sequestrados em 1758. Ainda assim, o contentamento daquela família era agorentado pelo espetáculo duma senhora³⁷ douda, sem remédio, sem esperanças ao parecer dos médicos. A demência de Joaquina Eduarda subiu de ponto, desde que o irmão, visto numa hora lúcida, desapareceu, e os dias e meses voltaram sem ele.

— Fez-lhe medo a minha desgraça! — exclamava ela.

A demasiada e indiscreta comiseração do fidalgo foi muito neste desastre. Se a deixasse ir com o irmão, se a deixasse chorar e recordar-se nas margens do Cávado, por ventura aquela alma voltaria à luz; aqueles cruelíssimos espinhos de sua vida revičariam ainda alguma flor das que se criam e medram ao orvalho de Deus. Inexorável desgraça a daquela mulher, que até nas boas almas se insinuava, sob capa de caridade, para atirá-la à extrema baliza do seu império!

Singularidade que enchia de dor quem ouvia cantar divinamente a pobre louca! Dor e espanto daquela formosura de cadáver, entoando, ora triste ora alegre, os cantares monásticos da semana da paixão, ou as seguidilhas voluptuosas de Espanha. As senhoras Cunhas entrajavam-na primorosamente; e ela deixava-se vestir com marmórea quietação. Ia com elas à sala, sentava-se ao piano, erguia-se para sentar-se no canapé, e não respondia a pergunta nenhuma, salvo às da família que ela denominava os seus querubins.

E, no concurso de cavalheiros que afluíam a ouvi-la, havia um de apelido de Melo e Nápoles que se introu duma paixão invencível daquela mulher morta, que tinha uma hora de ressuscitada, quando as teclas do piano a galvanizavam. Este cavalheiro chorava na ausência e na presença dela. Votou a Deus que lhe levantaria um templo, se alvorecesse luz de razão naquela eterna noite.

Como Francisco da Cunha usava chamar-lhe a sua sereia, Joaquina era assim conhecida de fidalgos e humildes em Viseu. Diziam: «A SEREIA apareceu ontem na sala; a SEREIA teve um acesso depois que cantou.» E o povo, na sua linguagem cândida e pitoresca, dizia: «Vimos hoje a SEREIA numa janela do palacete: olhava para o céu que parecia uma santinha.»

Soube Gaspar de Vasconcelos que Joaquina Eduarda estava perdida. Esta nova já lhe não achou coração vivo. Foi colosso de ferro que lhe esmagou cabeça e peito.

Viram-no, uma noite, sair de casa, os criados. Era já no inverno de 1766. Rugia a tormenta fora nos arvoredos. Os servos seguiram-no de longe, porque o temiam, e podiam segui-lo de perto, que a negridão do céu, o estridor do vento e das cachoeiras não os denunciavam. Viram-no subir uma encosta, ao cimo da qual se achava a lomba da serra, até descair sobre um barrocal profundo. Estugaram o passo, receosos de que o amo se despenhasse. Ele pressentiu-os, e aperrou uma clavina. Fizeram pé atrás, e proferiram palavras suplicantes. Gaspar arrojou a clavina, e despenhou-se.

— Está morto! — conclamaram todos, correndo à borda do precipício. Alguns mergulhavam a vista nas trevas, enquanto outros desceram a quebrada para rodearem o outeiro até entrarem à garganta. Não o viram, nem ouviram gemidos.

Conjeturaram que o amo tinha ficado entre a penedia, que se interpunha a meio do alcantil, sobressaindo ao nível da aresta. Desceram os mais corajosos³⁸ retorcendo e cravejando os dedos nos sargaços, e fendas das rochas. Encontraram o corpo de Gaspar entalado na cavidade aberta entre duas fragas. Ergueram-no eles, e sentiram-lhe o calor do bafo. Escorria-lhe sangue da cabeça e do

pescoço. Uns correram a buscar cordas e escadas para guindarem o moribundo ou o cadáver, enquanto outros foram chamar cirurgião, e avisar o pai.

Foi custoso içar aquele corpo inerte, que, a cada impusão que lhe davam, arrancava um grito rouco, e reversava golfos de sangue.

Transportaram-no ao leito. O cirurgião curou-lhe as feridas principais; declarou, porém, que se não morresse logo, pouco viveria, porque tinha, entre o queixo inferior e a clavícula, uma saliência, que o cirurgião denominou tumor sanguíneo, e nós hoje denominaríamos aneurisma. As fraturas da cabeça, conquanto profundas, não lhe amolgaram o cérebro.

Gaspar assistiu com os olhos abertos e silencioso à cura das feridas: não desprendeu sequer um suspiro, que parecesse gemido. Quando, porém, viu entrar o pai ofegante e quasi em braços dos lacaios, fechou os olhos, e murmurou palavras ininteligíveis. Em seguida ao pai entrou frei João, e chamou-o. Gaspar encarou nele, e disse:

— A expiação é maior. O seu Deus não está ainda satisfeito... — E fechou novamente os olhos, quando o pai se aproximou.

Frei João olhou para o espaldar do leito, e viu debaixo do travesseiro um livro, que tirou. Estava aberto, com uma página dobrada. Eram as cartas de Séneca. A página assinalada dizia:

«Há nada mais estúpido que ser delicado no morrer? Digno e generoso é o homem, cujo acabar de sua mão está. Vede-o com que bravura se imbebe um punhal! A coragem com que se ele despenha às profundezas do mar, ou d'alto a baixo por sobre espantosos fragedos! Quando todos os recursos lhe escasseavam, ainda tinha de seu com que dar-se a morte, para ensinar ao universo que o morrer está no querer. Pensem o que quiserem desta ação; mas concedam que a mais torpe morte é preferível à mais brilhante servidão.»*

* Epist. LXXI.

O frade fechou o livro, e disse entre si:

— Tinha perdido a fé!... E não teve mãe, cujas orações lhe lembrassem naquela hora!...

Pedro de Vasconcelos mandou sair os criados do quarto. Abeirou-se do filho, e disse-lhe:

— Casa com Joaquina Eduarda, e vem com ela para a companhia de teu pai.

Gaspar, sem descerrar as pálpebras roixas, disse:

— Não venha escarnecer sobre dois cadáveres!... Joaquina Eduarda está morta, e eu vou morrer.

— Pois ela morreu?! — exclamou o velho voltado para o irmão.

— Doida sei eu que está... Verdadeiramente está morta... — respondeu o frade.

— E que me querem agora? — perguntou Gaspar exagitado, revolvendo a língua pelos lábios ressequidos — Que me querem agora?

— Salvar-te a alma, se não pudermos mais — respondeu frei João.

— A alma!... — replicou o suicida, sorrindo ferozmente — a alma é este sangue maldito que me abrasa as artérias!... Eu queria uma pessoa que me ajudasse a morrer! Queria minha mãe!... Onde está minha mãe, sr. Pedro de Vasconcelos?... Onde está a filha do chapeleiro?... a Maria Pereira?!... Unja-me o rosto com algumas das lágrimas que ela chorou aos seus pés!...

— Jesus, valei-me! — exclamou o velho.

— Gaspar! Tem piedade!... — suplicou fervorosamente o frade.

— Pois deixem-me! Deixem-me, que eu quero morrer desamparado como ela, sem pai, sem mãe, sem amigos!

Pedro de Vasconcelos estrebuchava na sala próxima prostrado sobre um escabelo em ânsias de morte.

Frei João ajoelhara aos pés do leito do sobrinho, e orava com a face de rojo.

Pedro de Vasconcelos e o irmão assentaram residência em São João de Rei. O pai escutava a respiração do enfermo; do limiar da porta, encoberta pelo reposteiro, não passava. Os médicos recomendaram-lhe a remoção de causas que excitassem o doente, sob pena de sobrevir uma febre traumática. Ora, o aparecimento do pai incendia-lhe o rosto, e exasperava-o em contorções e vertigens.

Frei João era o enfermeiro, e o apóstolo. Ministrava-lhe os linimentos do corpo e da alma. Os primeiros iam operando eficazmente; os outros pareciam a semente da parábola que caiu sobre pedra. As chagas fecharam; mas o distendimento da artéria subclávia não se retraiu. O aneurisma estava formado. Tinha ali a morte certa para uma hora imprevista. Poderia viver meses, ou ainda anos, se o não sobre-excitasse alguma forte comoção física ou moral.

Ao fim de trinta dias, levantou-se. Frei João, como lhe visse no semblante insólita serenidade, disse-lhe:

— Teu pai quer ver-te.

— Aqui estou às ordens de quem quiser ver-me — respondeu Gaspar.

— Não o trates com desabrimento — observou o frade.

— Meu pai está castigado: é necessário que dois réus do mesmo crime se abracem, e não se dilacerem.

Saiu o monge e voltou com o irmão.

Gaspar levantou-se da poltrona, e inclinou a cabeça diante do pai, que lhe incutiui dó. Era a decrepitude repulsiva. Já parece que as herpes lhe corroíam as faces.

— Venho despedir-me de ti, filho— disse muito comovido o ancião — É tempo de acabar... Deixo-te, e vou para Braga.

O filho apertou-lhe a mão compadecido, e murmurou:

— Adeus, meu pai. A tragédia está finda. Digamos agora como os autores romanos: «aplaudi, homens!» Se meu pai me antecipar na saída deste mundo, rogo-lhe, em nome de minha mãe, que me deixe uma esmola com que eu possa recolher-me a um convento.

— Convento! — exclamou frei João — Por ventura desceu um raio da graça divina à tua alma, Gaspar?

— Não desceu raio de coisa nenhuma.— respondeu Gaspar — Escolho o mosteiro porque é lá a solidão e o esquecimento; porque não verei lá mais as testemunhas desta enorme calamidade, destes vestígios de sangue, que hão apagar-se à porta do mosteiro dos paulistas da Serra d'Ossa.

— Serra d'Ossa! — contraveio o monge — Que ideia é essa? Convento pobre e austero...

— Que tenho eu com as riquezas dos outros conventos? Enquanto à austeridade, eu não tenho já liberdade que sacrificar.

— Essa ideia há de desvanecê-la a súplica de teu pai. Quererás que eu ajoelhe a teus pés? — disse Pedro de Vasconcelos.

— Não, senhor: não me humilhe, nem me faça mais desgraçado com a sua humildade, meu pai. Porque me não há de consentir que eu viva só, e procure num mosteiro um pouco de sossego para esta pobre alma?

— Embora o faças, meu filho; mas escolhe outra casa, e outro hábito.

— Que faz a diferença das mortalhas?... Bem... eu tiro a partido que não seja Tibães, nem mosteiro em cidade.

— Irás para Grijó... serás cónego regrante de S. Agostinho; mas enterra-me primeiro.

— Poupemo-nos, meu pai— redarguiu Gaspar. —³⁹ Irei para Grijó; e, se lá o raio divino me alumiar, pedirei a Deus que lhe alongue os dias, e lhos doure de contentamentos.

Pedro fitou os olhos aguados no irmão. Frei João, como inspirado a súbitas, disse:

— Deixa-o ir, Pedro; deixa-o ir: é Deus que o encaminha.

E, com efeito, era Deus que o encaminhava... Em poucas horas se aviaram licenças para a entrada do noviço no mosteiro dos Crúzios de Grijó.

A fatal nova chegou à quinta de Vila Verde, onde uma menina de dezenove anos, aquela Paulina Roberta, de tão alegre condição e exuberante saúde, se definhava e ia como anjo corrido da desgraça a esconder-se na sepultura. Ninguém falara dela a Gaspar, nem ele perguntara pela doce alma que rejeitara o esposo eleito pelo tio. A mãe tinha-a entre os braços, e via de dia para dia o ir-se apagando a sua luz, a sua filha única.

Chegou, pois, a nova do destino de Gaspar a Valverde.

Paulina pediu à mãe que⁴⁰ a levasse a despedir-se do primo. E ajuntou:

— Não lhe pedirei mais nada neste mundo.

Entraram à casa de Vasconcelos, quando Gaspar se despedia do pai e do tio.

Frei João, chamado fora, voltou a dizer que estava na sala sua irmã e Paulina, para se despedirem do primo e sobrinho.

Gaspar entrou na sala; e, ao ver Paulina Roberta, estremeceu.

— Espantou-se!... — disse a menina sorrindo — Admiras-te de me ver assim, Gaspar!... também tu estás muito mudado!

— Vejo que padeces, prima... Que é? — disse ele.

— Há três anos — respondeu a mãe — Há três anos que a vejo finar-se... Foste tu — rompeu a mãe em gritos e lágrimas — foste tu que mataste a minha filha!...

— Oh mãe! — exclamou a menina, impedindo-a de prosseguir.

— Em que a matei, minha tia?... — objetou Gaspar — Por ventura, Paulina...

— É minha mãe — acudiu a menina — que tem aquelas ideias... Que culpa tens tu na minha doença, primo? Mãe... pelo amor de Deus, não chore assim, que me faz piorar!

— Santo Deus! — exclamou Gaspar com as mãos agarradas na fronte — Santo Deus, que mal fiz eu à Providência para perseguição tão incansável!...

E, como delirante, fugiu da sala, afogado de soluços, e desceu ao pátio, onde o esperava a liteira, e dous lacaios com os machos à rédea.

O esbofado frei João de Vasconcelos seguiu-o, e ajudou-o a embarcar na liteira.

Quando saiu à rua a locomotiva, abriu-se uma janela do palacete, e Gaspar ouviu a voz da prima, que lhe dizia:

— Primo, olha que eu vim para me despedir... E então... adeus! Meu primo, adeus!...

E recolheu-se, amparada nos braços da mãe.

Sete dias depois deste transe, o cadáver de Paulina Roberta descia ao jazigo da família, situado na capela daquele palácio. A mãe conseguiu do irmão que lhe cedesse um quarto, com porta para o interior do coreto donde os fidalgos assistiam à missa. Duas vezes cada dia foi ela ver do rótulo do coro o mármore que fechava os ossos de Paulina; mas, ao fecharem-se três meses de saudade, a pobre mãe mudou de quarto para o leito glacial da filha.

Frei Sebastião Godim, no correr do ano de 1767, passou em Viseu duas temporadas, hospedado em casa de Francisco da Cunha. Eram sensíveis as melhoras de Joaquina Eduarda. Os desvairamentos daquela abrasada fronte aplacavam-se quando a mão do frade lhe tocava; as síncofes eram menos espaçosas, se a enferma caía extenuada nos braços do irmão.

Esperançou-se a medicina, aconselhando frei Sebastião⁴¹ a permanecer o mais tempo que pudesse junto da irmã.

Quisera ele transferi-la para a casa paterna de Viana; mas a família Cunha contradizia o intento alegando, com o beneplácito dos médicos, que a desconvivência duma família carinhosa lhe seria nociva ao progredimento da cura, e que a posição cativa do irmão a forçaria à soledade, e, pelo conseguinte, às reminiscências agravadoras da loucura.

Como disse, voltou segunda vez a Viseu o frade. Mais sensível se manifestou a cura de Joaquina. Exultaram todos, quando ela, depois de estar-se recordando atentivamente com dois dedos ajustados aos lábios, perguntou de golpe:

— Mano Sebastião, que é feito de Maria Amália?! Há muito tempo que não sei nada de minha irmã...

— Está em Pernambuco, para onde nosso cunhado foi despachado corregedor.

— Nunca te escreve?

- Tive uma carta.
- Pergunta por mim?
- Pergunta...

O frade mentira discretamente. Maria Amália, cônica da fuga da irmã, recebeu ordem do marido para não mais falar dela, nem consentir que lhe falassem. Este requinte de honra não contrariou a esposa. Maria cumpria à letra as ordens do marido, e apagara de sua alma os derradeiros vislumbres de amizade e piedade da irmã.

Começou Joaquina, depois que o irmão a enganou, a recordar a beleza de Maria Amália, o donaire da sua presença, as alegrias de sua vida, bem que tivesse um marido muito mais idoso. Notou os defeitos que maculavam algumas excelentes qualidades dela, e observou que a soberba de ser formosa a cegava a ponto de cuidar que as outras mulheres eram tão soberbas como ela.

Estas reflexões justas indicavam inteireza e claridade de juízo. Frei Sebastião deliciava-se, escutando-a.

É verdade que, nalgumas conversações, passava bruscamente do acerto ao disparate; ainda assim, as névoas eram passageiras, e o espírito desnublava-se assim que o irmão a espertava daquele adormecer-se d'alma em escuridade súbita.

Decorridos dezoito meses, depois que Joaquina Eduarda passara de Sevilha para Viseu, frei Sebastião, confiado na quasi completa cura de sua irmã, tratou com Francisco da Cunha ir ao Minho, a fim de secularizar-se, reassumir a posse da sua reitoria, recompor como noutra tempo o interior da residência, e levar a irmã para si. O fidalgo acedeu, vencido pelas razões terminantes de frei Sebastião, tirando a partido que iria ele e uma sua filha acompanhá-la, segundo estava prometido.

Deliberado assim, por assentimento de Joaquina Eduarda, o frade despediu-se alegremente da irmã, e foi ao Minho diligenciar as coisas que se retardaram três meses.

Em fevereiro de 1768 avisou ele Francisco da Cunha de estar tudo a ponto de receber os seus prezados hóspedes e a sua pobre irmãzinha.

Escrevendo a Joaquina dizia ele:⁴²

«...O tempo está agreste; mas daqui a pouco florescem as tuas árvores. Mandeí alimpar os canteiros que estavam a monte. Lá encontrei ainda as raízes que tu semeaste há seis anos. Novamente as enterrei: quero que elas te festejem ainda, e te reconheçam nesta primavera. Anda-se agora em construção daquele tanque entre os loureiros, com que tu andavas sempre a fantasiar delícias. Lá para junho já hás de tê-lo rodeado de escabelos de cortiça e coberto de maracujás. Já sacudi o pó do teu piano, que o reitor meu substituto guardou, e respeitou com tal excesso de milindre que as aranhas urdiram pacificamente as suas teias em volta dele...»

Leu Joaquina, com lágrimas, estas cariciosas amizades do irmão, e sentiu ânsias de se ver no seu ermo, a sós com o amparador, com o enviado do Senhor misericordioso.

Preparou-se para a partida, com promessa de voltar a Viseu no inverno seguinte.

Alguns cavalheiros concorreram a despedir-se de D. Joaquina Eduarda desde a antevéspera da saída. Entre estes, faltou o mais assíduo nos saraus de Francisco da Cunha, aquele Melo e Nápoles em cujo seio flamejara o primeiro amor à formosa cantora, à douda divina, que fazia chorar com os trenos de Jeremias, e rir com as seguidilhas de Miguel Cervantes. Perguntou Joaquina Eduarda por ele, em cujos olhos tantas vezes se vira espelhada nas lágrimas. Disseram-lhe que vivia muito incerrado na sua câmara, e muito dessaboreado da vida.

— Pois diga-lhe — rogou ela ao cavalheiro interrogado — que eu nunca me hei de esquecer de que o vi chorar por mim.

— E de que foi amada por ele como ninguém mais o será nem foi neste mundo — ajuntou o cavalheiro.

Joaquina espasmou os olhos no semblante do sujeito, e desatou uma casquinada de riso arripiador, e logo exclamou:

— Amada! Amada eu!... Eu! Falarem-me a mim em amor!... Pois eu não me perdi?!... Eu não fui atirada ao asco da lama por aquele moço gentil que não voltou mais...

O delírio prosseguiu. Recaíra a infeliz nos acessos desde muito apaziguados. Seguiram-se dias terríveis, e tornaram as desesperanças da cura. Dilatou-se a partida para mais tarde. Já o padre Sebastião Godim se dispunha a voltar a Viseu, quando recebeu a fausta nova das melhoras da irmã, bem que os médicos davam como impossível a perfeição da cura, conjeturando lesão cerebral irremediável.

O noviço de Grijó passara o ano do noviciado, entre os companheiros e os mestres, com a reputação e respeitos dum grande desgraçado. O arcebispo bracarense D. Gaspar recomendara ao dom abade de Grijó que se houvesse mui singularmente com aquele noviço, não o compelindo a rezas e cerimónias. Acrescentava que era prudência e caridade esperar que a divina Providência influísse no ânimo de Gaspar de Vasconcelos o amor às coisas de Deus e à vida propriamente.

Com recomendação de tal porte, o noviço nem levemente era espertado de seu torpor e abstraimento.

Concluído o prazo do noviciado, Gaspar vestiu o hábito, com a indiferença de quem muda de trajo. Acolheu-se outra vez à sua cela D. Gaspar, cónego regrante de Santo Agostinho.

Depois de professo, poucos dias decorridos, recebeu carta de frei João de Vasconcelos, pedindo-lhe que acudisse ao chamamento do pai que estava em perigo de morte, com um terceiro insulto apoplético. O frade crúzio, no mesmo ponto, pediu licença ao prelado, mostrando-lhe a carta do tio. Aprestou-se a liteira do mosteiro, e partiu.

Aproximou-se do leito da agonia do pai, e ajoelhou, beijando-lhe a fronte. Ergueu-se, tomou da mão de um frade carmelita um livro chamado *O Director Funebre*, e folheou até achar a página intitulada: *Do modo de ajudar a bem morrer*.⁴³ E leu, voltado para

o crucifixo, que dois castiçais alumiam: *Delicta juventutis, et ignorantias ejus, quæsumus, ne memíneris, Domine: sed secúndum magnam misericordiam tuam memor esto illius in gloria claritatis tuæ.** E prosseguiu, até ao final do salmo: *Retribue servo tuo.*

Pedro cerrara as pálpebras como para arrancar da vida. D. Gaspar aspergiu água benta sobre o leito e sobre os circunstantes. Os sinos dobraram à agonia na igreja próxima, e logo em todas. O moribundo já não podia dizer a palavra *Jesus*, que o filho proferiu três vezes. Aqui faleceu a coragem ao moço. Dobraram-se-lhe os joelhos, e inclinou-se com os lábios sobre os do pai que já não bafejavam. Ajoelharam todos, e frei João de Vasconcelos, com a voz convulsa, entoou⁴⁴ os formidáveis versos do *Responsorio*:

Subvenite sancti Dei, occurrite Angeli Domini, suscipientes animam ejus. Offerentes eam in conspectu Altissimi... †

Cessou o troar da agonia nas torres, e começou o dobre a finados.

* Não te lumbres, ó Senhor, dos delitos e cegueiras da mocidade dele. Antes, conforme à tua grande misericórdia, lembra-te dele para o acolher ao esplendor de tua glória.

† Vinde, santos de Deus, correi anjos do Senhor, a receber esta alma, e a depô-la na presença do Altíssimo.

Quinze dias volvidos depois deste successo, saíram de Viseu, em direitura a Barcelos, D. Joaquina Eduarda, Francisco da Cunha, e uma filha.

A enferma cobrara muita lucidez de espírito na semana última e anterior à jornada. O fidalgo saiu animado pelos médicos, e mais ainda pela quietação e judiciosas ideias de D. Joaquina.

Ao terceiro dia de jornada anoiteceu-lhes nos Carvalhos; e, como chegassem por volta das dez horas a Vila Nova de Gaia, resolveram pernoitar na estalagem da terra, como coisa indiferente a viandantes que não tinham demora no Porto.

Joaquina Eduarda reconheceu, logo à entrada, a hospedaria em que pernoitara na primeira noite da fuga. Mostrou certa hesitação em subir as escadas, e um revolver temeroso de olhos, em que reparou a filha do fidalgo, que a levava pelo braço, ao lado da lanterna do estalajadeiro.

Subiram ao sobrado da estalagem. Joaquina dispensou-se de ceiar, e recolheu-se ao seu quarto com uns ares de conturbação ou medo, cuja explicação ela não deu às reiteradas perguntas de Francisco da Cunha.

Ora, o quarto que lhe deram, aconteceu ser pontualmente o mesmo em que tinha passado a primeira noite da fuga. Assim que entrou, e deu d'olhos no leito, cobriu-os com as mãos, e esteve assim quieta, imóvel, largo espaço naquela postura. Sentou-se, quando se

sentia vergar ao chão desamparada, deixou pender os braços, e logo o rosto se lhe cobriu de gotas de suor frio. Os olhos não ousava ela erguê-los sobre o leito; mas, relanceando-os temerosa, aos ângulos da parede, viu um painel da Senhora das Dores. Ajoelhou; e, como não pudesse orar, abateu o rosto até ao pavimento, e abafou os gemidos colando os lábios à tábua. Esforçou-se para levantar-se e fugir daquele quarto. Erguida, sentiu um vágado que a fez cair sobre o leito. Ressaltou vertiginosamente como se a mordesse a farpa duma víbora, e foi de encontro ao castiçal, que se apagou no roçar do vestido. Palpando as paredes, e proferindo já palavras desatinadas, esbarrou com as mãos no espaldar do leito, e refugiou gritando, até bater de costas na porta, que facilmente cedeu ao empuxão.

Acudiram ao ruído e aos gritos o fidalgo, a filha, e a gente da estalagem. Encontraram-na caída no corredor, com a face ensanguentada: ferira-se na chave de uma porta, quando a síncope a derrubou.

Tomaram-na em braços a senhora Cunha com as mulheres da casa, e trasladaram-na para sobre o leito de que ela fugira. Com breve demora de letargo. Joaquina, espertando, circunvagou os olhos pávidos; e, como reconhecesse o local, escabujou nos braços d' amiga, exclamando:

— Morro, morro aqui!...

Não na intendiam; porque ela cessava de gritar e revolver-se, e dizia extravagâncias com o seu timbre de voz natural, e cantava as seguidilhas gesticulando com os braços à feição de bailarina sevilhana.

Francisco da Cunha, prevenido pelos médicos, saiu a comprar uma poção opiada, e ministrou-lha em chá. Joaquina Eduarda bebeu cantarolando, e ficou, daí a pouco, prostrada.

A senhora Cunha passou a noite à beira do leito, e o pai a passear no próximo corredor.

Aí, pelo romper da manhã, Joaquina levantou um alto choro, exclamando:

— E Gaspar nunca mais voltou!... Ó meu amor, porque não quiseste mais saber de mim? Ó maldito de Deus, e amado da minha alma, que não morreste de remorsos e piedade!

Fez estranheza a Francisco da Cunha esta angustiadíssima invocação ao homem de quem ela, raras vezes, articulava o nome, nos deliramentos.

— Ela ainda o ama! — disse a menina, quasi em segredo ao pai.

Joaquina sorriu-se, e disse:

— Se eu ainda o amo!... Amo, amo! É o amor da mulher que deseja ver morto o seu algoz!

Como o pensamento era absurdo, o fidalgo entendeu que o delírio continuava.

Sobreveio uma febre ardentíssima. O médico chamado ordenou uma copiosa sangria. Executou-se a sentença. Copiosamente dessangrada, Joaquina esvaiu-se tão mortalmente ao parecer, que Francisco da Cunha gritou que a tinham assassinado. E não havia espertá-la daquela modorra. Chorava o velho, julgando-a a trespassar; a filha, abraçada nela, chamava-a a gritos, levantando-a para si.

Os reagentes vitais deram-lhe sintomas de vida. Joaquina abriu os olhos, e murmurou baixinho:

— Estou melhor... Vamos embora, vamos para meu irmão.

— E terá vigor para a jornada? — perguntou o Cunha.

— Hei de ter: os meus queridos anjos hão de ajudar-me a entrar na liteira... Depois...

E, quando fazia um jeito de sentar-se, recaiu muito cortada de alentos, dizendo:

— Não posso... Morrerei aqui?...

Os mais hábeis médicos do Porto, chamados pelo fidalgo, foram de parecer que a enferma não podia jornadasear sem perigo certo. Contradizia o Cunha argumentando com dois anos de sofrimentos iguais, sem todavia seguir-se tamanho quebranto de forças.

— Foi a sangria que a reduziu a isto! — exclamava o velho.

— Seria, não duvidamos — diziam os médicos — mas o certo é que a vida foge-lhe do pulso, e nós não temos outro indicador da força vital. Deixe-a estar alguns dias...

— Mas ela quer partir já.

— Não lhe faça V. S.^a a vontade.

De Vila Nova de Gaia, saiu um portador para Barcelos a chamar o padre Sebastião Godim. E, no entanto, Joaquina Eduarda pedia a brados que a tirassem daquela estalagem.

Por volta do meio-dia, repetiu-se um mais longo delíquio, piorado em sintomas de morte.

— E morrerá sem confissão nem sacramentos esta senhora? — perguntou a estalajadeira ao fidalgo.

— Eu não me posso convencer de que ela está perigosa; — disse Francisco da Cunha — porém, bom será que se lhe ministrem os socorros da igreja...

— Que fazem bem, e não mal — concluiu a mulher, e desceu ao pátio no propósito de mandar chamar o reitor.

Neste comenos, parou à porta da hospedaria uma liteira, com um passageiro em hábitos de frade crúzio. Os liteireiros pediram pão e vinho para os machos. O frade não queria apear, e pareceu à estalajadeira que ele escondia o rosto entre os braços, cobrindo a cabeça com as mãos.

Perguntou ela a um criado se sua reverendíssima era crúzio, e como se chamava.

— É o sr. D. Gaspar de Vasconcelos — respondeu o criado.

Acercou-se da liteira, e disse-lhe:

— Vossa reverendíssima vai doente?

— Não, mulher, não vou.

A estalajadeira disse de si para consigo: «Eu já vi muitas vezes esta cara!»

— Se vossa reverendíssima fizesse a esmola de apear um instantinho para absolver uma criatura que está em artigos de morte... — continuou ela.

— Aonde? — perguntou o cónego.

— Lá em cima num quarto. Vou mandar chamar o sr. reitor; mas afigura-se-me que ele foi para a cidade.

— Eu vou — disse D. Gaspar.

— Pois venha com a graça de Deus!... Que pena me faz aquela senhora! Ir-se tão nova deste mundo!...

Subiram.

E o frade, ao avizinhar-se do quarto fatal, tremia como o condenado em presença do patíbulo.

A estalajadeira entrou adiante a anunciar a vinda dum sr. frade crúzio de Grijó.

Francisco da Cunha saiu à porta a recebê-lo com as honras devidas a monge daquela categoria.

É indiscreto o lance! Gaspar reconhece o fidalgo, e vibra dos lábios uma expressão, um som, uma conglocação de gritos inexprimíveis num só grito. Francisco da Cunha reconhece-o, e estende-lhe os braços, clamando:

— Não entre, não entre, por quem é!

— Pois quê? — tartamudeou Gaspar — A minha suspeita é certa?... Quem está a morrer, sr. Cunha?

Nisto, Joaquina Eduarda ressaltava do leito como se um ferro ardente a trespassasse dos colchões até ao seio. A horrorizada amiga quer segurá-la, chamando o pai. Gaspar rompe ao quarto, levando diante de si o velho. Joaquina, com⁴⁵ os olhos a saltarem-lhe das órbitas, os braços estirados e trementes, a boca rasgada e aberta na expressão pavorosa do terror, corre para ele, exclamando:

— Acode-me!... Acode-me, Gaspar!

O frade recua; cinge-se hirtos com a parede; arranca um rugido soturno que devia ser o nome daquela visão; carrega com as mãos ambas sobre o coração, e resvala morto nos braços de Francisco da Cunha.

Rompera-se a última membrana do saco aneurismático: foi a onda de sangue represado que o afogou.

Joaquina Eduarda foi arrancada de sobre o cadáver, no qual enroscara os braços, e fixava os olhos com uma fixidez horrível. Transferiram-na a outra alcova, inteiriçada, rígida e fria como morta. O povo, alarmado pelos gritos da estalajadeira, entrava em chusmas até ao interior dos quartos. Ao convento de crúzios da Serra chegou a nova da morte do frade, e ao Porto o boato de um suicídio ou assassínio.

Concorreram os crúzios e os magistrados simultaneamente. Averiguada a morte instantânea de D. Gaspar de Vasconcelos, o cadáver foi trasladado à igreja do mosteiro da Serra.

O corregedor, ouvindo a exposição de Francisco da Cunha acerca das antecedências que prepararam aquela catástrofe, disse que mais felizes teriam sido os dois criminosos e já punidos amantes se ele os tivesse capturado ali naquela estalagem quatro anos antes; e que o não fizera por comiseração de D. Joaquina Eduarda, que ele tinha conhecido e admirado em casa do seu colega o corregedor de Pernambuco Silva Pereira.

Um respeitável cidadão de Vila Nova, conhecedor da tragédia corrida na estalagem, e da curiosidade importuna da população, que não desistia de ver a senhora douda, por amor de quem morrera o frade, procurou Francisco da Cunha, e rogou-lhe que sem demora se passasse para a casa dele, que partia com os muros do convento das religiosas de Corpus Christi sobre o rio Douro. Aceitou o Cunha

este valioso serviço, e fez entrar Joaquina em uma cadeirinha de mão. O atribulado fidalgo alimpava o suor da fronte, e dizia: «Estas enormes desgraças acabam-me com a vida! Depois de sete anos de expatiação, venho gozar na pátria estas delícias!...»

Joaquina Eduarda saíra da cadeira como entrara: um autómato impassível. Rodearam-na de compassivos afagos muitas famílias de Vila Nova, porque o infortúnio, aos olhos das pessoas mais superciliosas em pontos de honra, tinha santificado aquela mulher.

A demente circunvagava os olhos por todas as fisionomias estranhas com um ar de desconfiança e susto; se, porém, encontrava os da menina Cunha, abria um sorriso de consolada segurança.

Os médicos recomendaram que a deixassem deitar e sossegar. Levaram-na a um quarto cujas janelas abriam sobre a praia. Lançaram-na sobre o leito, e ficou a sós com ela a filha de Francisco da Cunha.

Cuidava esta senhora que a sua amiga recaíra em profundo dormir; escutou-lhe a respiração serena e regular; e abriu subtilmente a porta da alcova para dizer ao pai que Joaquina adormecera. Voltou de novo ao alcance da respiração, e viu-lhe os olhos abertos.

— Estás melhor, filhinha? — perguntou a menina.

— Que horrendo sonho!... — murmurou Joaquina.

— Sonhaste?...

— Sonhei que o via morrer diante de mim.

— A quem?

— Gaspar... Sonhei que o via morrer naquele quarto em que me ele disse: «Fulmine-me o céu, na hora em que eu me esquecer do que te devo.» Sonhei que o vi morrer naquele quarto!... Como ele estava vestido!... Que horrível visão!... Que rosto o dele!... Estava velho!... Eu ia para abraçá-lo, e a dizer-lhe: «Acode-me, acode-me», e então... caiu, caiu... morto!... fulminado!... Que sonho, meu Deus!...

E aqui expediu um grito estrídulo que incutiu pavor na senhora que a escutava lavada em lágrimas.

Concorreu muita gente à porta do quarto: as senhoras da casa entraram, e Joaquina exclamou:

— Que é?... Que me querem?... Eu não o matei... Eu queria salvá-lo!...

Mostrou vontade de levantar-se, encarando sinistramente nas pessoas que se abeiraram do leito. Ajudou-a a menina Cunha. Avizinhou-se da janela que dava sobre o rio. Encostou a face à vidraça, e começou a cantar uma das lamentações da Paixão de Cristo, como se elas entoavam no convento de Santa Clara.

Neste momento, viu ela um homem parado em frente da janela. Fixou-o, acenou-lhe com a mão, correspondendo à cortesia do chapéu. Voltou-se para dentro, e disse:

— É aquele cavalheiro de Viseu que chorava por mim...

Francisco da Cunha chegou à vidraça, e conheceu o Melo e Nápoles, o homem que faz lembrar aquele convencional que se apaixonou por Carlota Corday, quando as pranchas do patíbulo se pregavam.

— Outro infeliz! — disse entre si o fidalgo, e perguntou a Joaquina Eduarda:

— Quer que o chame?

— Não, que ele chora por mim, e faz-me compaixão... — disse ela comovida.

Voltou-se de salto para as damas que se agrupavam no quarto, e perguntou:

— São visitas? Há hoje baile?... Eu vou cantar as seguidilhas todas que sei; mas a minha é a mais graciosa. Gaspar gostava muito de ouvi-la... Ah!

Esta exclamação fez pavor: foi o estalar derradeiro daquele peito! O coração devia diluir-se nesse instante, porque em seguida os olhos de Joaquina pareciam nadar em sangue. Correu de encontro à porta, que Francisco da Cunha lhe impediu encostando-se, e afastando-a com gestos e palavras suplicantes. Retrocedeu para o leito a demente alumuada, como todos os loucos, à luz da alvorada eterna. Debruçou-se no leito, cravou os dentes na coberta, e gemeu em gritos longo tempo, até esmorecer extenuada e inerte.

Deitaram-na. Cerrou os olhos, e disse mansinho:

— Quero dormir.

A senhora Cunha sentou-se ao pé do leito. Joaquina chamou-a; deu-lhe um beijo; beijou-a mais três vezes, e murmurou:

— São três beijos para tua mãe e irmãs. Nunca me chorem... O tempo de me chorarem... acabou.

— Filha... porque falas assim?! — exclamou a menina — Tu não morres...

— Ai!... Meu anjo do céu... morro, morro... Agora queria sossegar...

E voltando-se para a parede, fechou os olhos, e fingiu um profundo dormir. A lagrimosa enfermeira acreditou-a.

Era ao cair da noite. Decorreram duas horas, e Joaquina Eduarda ainda dormia. Chegaram-lhe a luz perto do rosto, viram-lhe a humidade das lágrimas, e cuidaram que ela chorava sonhando.

Uma das senhoras da casa disse à hospeda que fosse tomar uma chávena de chá, enquanto ela ficava velando a sua querida enferma. Hesitou a menina Cunha; porém, muito rogada, obedeceu.

Instantes depois, Joaquina Eduarda ergueu-se de súbito. A senhora, que a vigiava, espavoriu-se, e correu à sala a chamar Francisco da Cunha e a filha.

Quando entraram, viram aberta a janela que dava sobre o areal, e descobriram na escuridão de fora um indeciso vulto correndo para o cais.

— Vai afogar-se! Acudamos! — exclamou Francisco da Cunha.

Como a janela era baixa, o velho e o dono da casa saltaram por ela; mas, ao chegarem à borda do cais, ouviram um estrugido de ondas, e divisaram um vulto estrebuchando à flor d'água.

Mas, já perto daquele vulto, enxergaram eles outro, cortando as ondas com velocidade espantosa.

— Vai alguém salvá-la?... Dou tudo que tenho a quem a salvar!... — exclamava Francisco da Cunha, ao tempo que das janelas da casa hospedeira saía um temeroso alarido de brados.

Volvido um quarto de hora de horrível ansiedade, viram avizinhar-se do cais o nadador, com Joaquina Eduarda segura pelos braços em volta do pescoço. Vieram muitas luzes. Rodearam o corajoso homem que saía d'água com a suicida apertada ao seio. O salvador era João de Melo e Nápoles; mas Joaquina Eduarda estava morta.

CONCLUSÃO

Ao fim da tarde do dia seguinte, o padre Sebastião Godim chegou ao Porto com o coração a desbordar de contentamento.

Apeou à entrada da ponte das barcas, para levar o cavalo à rédea, e viu do lado d'além uma fileira de tochas, ao tempo que dobravam os sinos. Perguntou a um grupo de homens que estavam olhando na direção das luzes, se havia morrido alguém de consideração em Vila Nova.

Um dos interrogados respondeu:

— Foi uma senhora que se atirou ao rio.

— Quem era? — perguntou o padre ainda insuspeitoso.

— Era uma senhora do Minho, e pelos modos fidalga, que amava um frade de Grijó, que hoje de manhã morreu de repente no quarto dela na estalagem da Micaela de Gaia.

Padre Sebastião perdeu a consciência de sua individualidade naquele instante e em cinco minutos seguidos; todavia, maquinalmente, foi atravessando a ponte; e guiado pelo clarão das tochas, parou à porta da igreja.

Entrou; encostou-se a um recanto do templo; ouviu os ofícios fúnebres, e proferiu as palavras do ritual. Terminados os respostas, avizinhou-se do esquife, que se levantava em essa pouco alta, descobriu o rosto da irmã, beijou-lhe a fronte, cobriu-lhe o rosto; e murmurou:

— Dai-lhe, Senhor, eterno descanso.

Indagou da residência de Francisco da Cunha, e soube que ele partira para Viseu, logo que a defunta foi amortalhada, e pagas as despesas do saimento.

Não tenho precisos esclarecimentos do destino de Sebastião Godim. Sei, porém, que em 1778, dez anos depois, morreu no Buçaco um eremita com aquele nome e apelido.

Doutros personagens, que mais ou menos entram na urdidura destas páginas torvas, não merecia a pena indagação. É crível que frei João de Vasconcelos se finasse muito velho, porque tinha contra a desgraça dos seus e desgostos próprios dois admiráveis escudos: um era um leal e laborioso estômago; o outro era uma fé sólida na bem-aventurança dos que sofrem com paciência e esperam em Deus.

D. Maria Amália voltou viúva de Pernambuco, e casou em segundas núpcias com um desembargador da Suplicação, e em terceiras núpcias com outro desembargador da Suplicação. Dizia-se em Lisboa que D. Maria Amália era um cabido de garnachas.

Quando lhe falavam pessoas indiscretas das desgraças de sua irmã, respondia:

— Consequências inevitáveis dos erros. Eu, de mim, tenho-me sujeitado a viver esposa de velhos, para ter juízo e consideração.

Era tolo o raciocínio; mas os corolários judiciosos. Maria Amália, quando enviuvou pela terceira vez, estava considerada e rica. Não sei em que ano se foi para o céu aquela virtuosa matrona.

Ora, João de Melo e Nápoles, o salvador do cadáver de Joaquina Eduarda, morreu na flor dos anos, depois de haver escrito os apontamentos essenciais desta história, que foram encontrados na livraria do barão de Prime, fidalgo de Viseu, falecido há poucos anos.

FIM

NOTAS

P. 13. ... *festejos dum casamento que nunca se realizou.*

«Chegou no entanto (1682) a comitiva do Duque de Saboia a Lisboa, e foi esta ocasião a primeira, que se ouviu em Lisboa música italiana, devendo então tanto escárnio, como hoje apreço.» *Memorias da Serenissima princeza D. Isabel por Pedro Norberto d' Aucourt e Padilha.*

Parece que, decorridos quatro anos, alguns fidalgos portugueses, enviados à corte do príncipe Filipe Guilherme, a fim de conduzirem para Portugal a Rainha Maria Sofia Isabel, segunda mulher de Pedro II, sofreram na cidade de Heidelberg uma indigestão d' ópera, a qual indigestão o secretário do conde de Vilar Maior delicadamente argui na seguinte narrativa: «A comédia foi cantada ao modo de Itália com muitas aparências, em que se ostentou tudo o que compreendem os limites do esplendor, e da magnificência. Era o título da comédia *Ulyssea*, e o argumento a fundação de Lisboa, em que a formosura da ninfa Calipso, e os afetos de Ulisses davam matéria ao poeta para alegorizar a ação presente, concluindo sempre com faustas aclamações à felicidade deste real consórcio; e como a comédia era grande, e a música com que se representava a fazia maior, ocupou a sua representação duas tardes, rematando-se o ato com um bailete, em que entraram os príncipes varões mascarados...» *Embaixada que fez o Ex.^{mo} Sr. Conde de Vilar-Maior, etc.*

P. 14. *Ó Schiattini, infeliz tenor que pedias nas árias que te pagassem e os empresários ofendidos te levavam, no fim de cada récita, para o Hospital dos doudos!*

Em uma já bastante vulgarizada nota do poema herói-cômico de Dinis, vem graciosamente contado o caso pelo teor seguinte:

«Zamperini cómica cantora, veneziana, que veio a Lisboa em 1770, com a qualidade de primadonna, e à testa de uma companhia de cómicos italianos, ajustados e trazidos da Itália pelo Sr. Galli, notário apostólico da Nunciatura, e banqueiro em negócios da Cúria Romana.

«Entregou-se a essa virtuosa sociedade o teatro da Rua dos Condes. Como havia tempos que não se ouvira ópera italiana em Lisboa, foi grande o alvoroço que causou esta chegada de tantos virtuosos, mormente da senhora Zamperini, que logo com sua família foi grandissimamente⁴⁶ alojada. Esta família Zamperini compunha-se de três irmãs, e de um pai, homem robusto e bem-apeçoado que, apesar duma enorme cabeleira com que de balde pretendia dar quinau aos espertos alvidradores de idades, mostrava todavia no semblante poder exigir da sr.^a Zamperini menos alguma coisa que piedoso e filial respeito, ou dever-lhe outorgar alguma coisa mais que a sua paternal bênção.

«Sendo forçoso custear esta especulação teatral, os agentes, interessados nela, lembraram-se de recorrer ao filho do Marquês de Pombal, o conde d’Oeiras, então presidente do senado da câmara de Lisboa, que, já preso e pendente da encantadora voz da Sirea Zamperini, anuiu sem dificuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seus auspícios, ideou-se uma sociedade, com o fundo de 100 mil cruzados, repartidos em 100 ações de 400 mil réis cada uma. Para alcance pronto desta quantia, lançou-se uma finta sobre alguns negociantes nacionais e estrangeiros que, em dia assinalado e a horas fixas, sendo juntos no senado, sem saberem a que eram chamados,

ouviram da boca do conde presidente as condições dessa nova sociedade teatral. Nuns, o receio de serem malvistas do Governo, noutros, a vontade de agradar ao filho do primeiro Ministro, foram as poderosas considerações que os arrastaram a todos assinar as ditas condições, das quais a mais penosa era a da soma, que logo preencheram.

«Parece que os agentes e inventores desta sociedade tiveram por alvo singular o de multar a austera sisudeza de alguns negociantes velhos; pois no rol dos assinantes, a maior parte dos nomes era de pessoas idosas, que nunca haviam sido vistas em públicos divertimentos. Nessa mesma junta foram logo nomeados quatro administradores inspetores do teatro, os quais, com o maior desinteresse, rejeitando comissão e ordenado, se deram por pagos e satisfeitos com a simples e módica retribuição de um camarote comum a todos quatro. Inácio Pedro Quintela, provedor da companhia do Grão-Pará e Maranhão, e tio do Ilustríssimo Barão de Quintela, Alberto Meyer, Joaquim José Estolano de Faria, e Teotónio Gomes de Carvalho foram os nomeados Inspectores administradores, nemine discrepante.

«Poucos meses depois da abertura deste teatro, assim montado e administrado, morreu o já indicado pai da sr.^a Zamperini: a administração fez-lhe um sumptuoso funeral, e no trigésimo dia após o óbito, magníficas exéquias na igreja do Loreto, onde fora sepultado. Alguns críticos de má-língua haviam espalhado o boato de que, nessas exéquias, havia de recitar a oração fúnebre o padre Macedo, a esse tempo muito bom, e justamente acreditado pregador, e poeta que já cumprimentara a Zamperini com vários sonetos, odes, etc. O Patriarca D. Francisco de Saldanha, receando que assim sucedesse, mandou vir à sua presença o padre Macedo, proibiu-lhe de orar em tais exéquias; de ir à Ópera; de fazer versos à Zamperini; e ordenou-lhe de substituir por uma cabeleira o cabelo que trazia, à italiana, bem penteado, e

muito apolvilhado. Em vão alegou o padre Macedo com o exemplo dos clérigos da Nunciatura, que todos usavam de pomada e pós; e que a cabeleira ofendia os cânones: pois até os padres, que dela usavam por causa de moléstia, eram obrigados a impetrar breve de Roma, que na nunciatura era taxado em um quartinho, por tempo dum ano de indulto. O Patriarca foi inexorável sobre este ponto da cabeleira, e somente moderou a ordem de não ir à ópera, com o preceito único de não aparecer na plateia, e com a faculdade de acantear-se em fundo de algum camarote, ou em frisura pouco aparente, como a do auditor da nunciatura, Antonini, e do secretário do Cardeal Conti, o padre Carlos Bacher, e outros padres italianos que, como ele, frequentavam a ópera, e a casa da Zamperini.

«Não foi o Padre Macedo o único apaixonado admirador da Zamperini; muitos poetas nacionais e estrangeiros tributaram-lhe obsequiosas inspirações de suas musas. Entre eles distinguiu-se o encarregado dos negócios de França, o Chevalier de Montigni, cujos lindos versos ainda são lembrados. Em todos os estados, e em toda a idade, encontrou essa Sirea rendidos e rendosos adoradores. Em dias santos, à última missa, a que ela costumava assistir, na igreja do Loreto, era o concurso que após si chamava, numeroso e luzidíssimo.

«Antes de findos dois anos, e logo depois da morte do administrador Inácio Pedro Quintela, o fundo da sociedade teatral achava-se exausto, e as receitas montando a tão pouco, que mal cobriam as despesas indispensáveis do serviço mais ordinário, os administradores deixaram de pagar os salários dos cómicos e dos músicos da orquestra. Entre os primeiros havia um chamado Schiattini, tenor acontraltado, homem jovial, e poeta que, por haver pedido o que lhe era devido, em estilo que não agradou aos administradores, foi por estes aquartelado na casa dos orates, donde era conduzido ao teatro,

todas as vezes que havia ópera. Schiattini,⁴⁷ valendo-se então do privilégio análogo à residência a que fora condenado, vingava-se em parodiar sobre a cena a parte que no drama lhe tocava, com sátiras recitadas e cantadas que divertiam os espectadores à custa dos agentes da administração. Recresceu a provocada raiva destes, e o pobre Schiattini,⁴⁸ vendo-se em maior aperto, recorreu a El-Rei D. José que, informado da injustiça com que era tratado, o admitiu na sua capela.

«Escusado é, parece-me, dizer que esta negociação teatral apenas durou até meado de 1774, que o Marquês de Pombal fez sair de Lisboa a Zamperini; e ainda mais escusado relatar as causas desta ordem do governo; direi somente que os acionistas não colheram coisa alguma dessa empresa; pois achando-se empenhada e devedora a infinitos credores, não tiveram outro benefício que o que lhes resultava do privilégio especial de não serem obrigados a mais do que o fundo, que cada um julgou perdido, logo que com ele contribuiu.»

P. 15. *O patriarca dos folhetinistas em Portugal*, P. Francisco Bernardo de Lima, que então escrevia a GAZETA LITTERARIA, obra de tal cunho, que daria hoje em dia nome⁴⁹ e honra a quem assim a escrevesse.

Como *specimen* de vernaculidade, ilustração, e atilado espírito, extratamos um fragmento do folhetim que o Padre Lima escreveu acerca desta ópera. É tão raro o livro donde o trasladamos que para a maioria dos leitores será o extrato uma agradável novidade.

Diz assim:

«Que a música, geralmente falando, é mais eficaz do que a declamação, e que dá mais força aos versos do que esta, é uma verdade, que só pode negar o que tem o ouvido muito longe do coração, ou não tem absolutamente instinto algum. Assim como o pintor imita as cores da natureza, da mesma sorte o músico imita os tons, os acentos, os suspiros, as

inflexões de voz, e todos os sons com que a natureza exprime os sentimentos, e as paixões. A mesma natureza nos mostra os cantos que são próprios para exprimir os sentimentos, de sorte que, quando recitamos uma poesia terna, insensivelmente lhe vamos dando certos tons, acentos e suspiros próprios, à proporção de cada sentimento. Todos estes sons ou vozes inarticuladas têm uma força maravilhosa para nos mover, porque são os sinais das paixões instituídos pela natureza, de que aqueles receberam a sua energia, e se conhecem em todo o mundo, ao mesmo tempo que as palavras articuladas são sinais arbitrários das paixões, instituídos pelos homens, e conhecidos em um só país. Os sinais naturais das paixões, que a música ajunta, e emprega com arte para aumentar a energia das palavras, têm uma força maravilhosa para nos mover; e esta, que é derivada da mesma natureza, faz que o recreio do ouvido venha a ser recreio do coração, como já advertiu Cícero, um dos maiores observadores dos afetos humanos.

«As paixões dos homens naturalmente se exprimem pela ação, pela voz, e pelos sons articulados. Nos séculos incultos parece que o gesto seria grosseiro, e horrível, a voz só bramidos, e a língua ou sons articulados seriam à semelhança do grasnar dos patos, como ainda hoje vemos na língua dos Hotentotes, que não admitiu cultura alguma.

«Pelo decurso do tempo, em que se foi observando o mais agradável, pela natural inclinação que temos à melodia, mudou-se a voz em som, o gesto em dança, e a fala em verso, seguindo-se naturalmente por frequentes experiências os instrumentos musicos à imitação da voz humana. Tal é a origem, e união da música, dança e poesia, que achamos ainda há poucos séculos continuada nas tribos selvagens de todos os climas, como nos Iroqueses, nos Hurões, nos habitantes do Peru, etc., e o mesmo vemos na Grécia, se examinarmos bem esta origem. O judicioso Browne, que fez uma enumeração

das consequências naturais de uma suposta civilização entre as nações selvagens quando entrassem a cultivar as artes, diz que os seus legisladores seriam os principais músicos, que os seus mais antigos heróis, e deidades seriam louvados por serem iminentes na música e dança, e que as suas primeiras histórias seriam compostas em verso, e cantadas, assim como as suas máximas, provérbios, leis e ritos religiosos. Estas deduções se realizam mostrando-se que tais consequências se seguiram de facto na antiga Grécia; e se provam com o testemunho de Platão, Luciano, Estrabão, Plutarco, Homero, Hesíodo, e outros antigos escritores.»

P. 15. ... *quinze literatos de maior polpa.*

Oferecemos, como subsídio, para a História literária do Porto os nomes dos quinze poetas e prosadores portuenses, coevos e panegiristas do governador João d'Almada e Melo. Neste nosso tempo de academias a cada esquina, e ilustração a rodo a cada canto, procurem quinze literatos no Porto...

Eis aqui nomes que não devem extinguir-se com o folheto que faz hoje cem anos ao justo que saiu da *Officina Portuense*:

Álvaro Leite Pereira do Lago Vasconcelos¹

Francisco Joseph de Sales

Francisco Maria de Andrade Corvo Palhares e Melo²

Frei Joaquim Rebelo de Santa Ana³

Manuel Pedroso de Lima⁴

Luís de Santa Ângela de Fulgino Fiuza⁵

Sebastião José de Godoy Moreira

Francisco Dias de Oliveira

Luís Manuel Guedes d'Oliveira da Silva

Bento Gomes Delgado⁶

António José de Brito Sousa Abreu de Lima

Joaquim José Lino de Sá Camelo

João Xavier Moreira da Silva

Manuel Guedes de Santos Oliveira da Silva ⁷
 António da Costa Correia de Sá.

¹ Fidalgo, e abade de Santo Ildefonso, *extramuros*.

² Fidalgo.

³ Frade de São Jerónimo.

⁴ Opositor às cadeiras da Universidade.

⁵ Frade. *Poetou em latim virgiliano*.

⁶ Guarda-mor da Alfândega.

⁷ D. Prior da colegiada de Cedofeita.

P. 17. ... *o elegante prosador José Gomes Monteiro.*

É extraído o chistoso folhetim do *Nacional* de 11 d'abril de 1851.

O teatro italiano no Porto em 1762

Se eu me propusesse a falar da pólvora na batalha do campo d'Ourique, não causaria isso talvez mais estranheza a muitos de meus leitores, do que falando-lhes do teatro italiano no Porto, há noventa anos! E contudo é este capítulo da Crónica portuense extraído de documentos coevos e tão autênticos, que assim os tivesse o milagre operado naquela famosa jornada. De facto nós os portuenses, em que pese⁵⁰ a nossos detratores, já somos europeus há muito mais tempo do que geralmente se cuida. Há quasi um século, já os nossos antepassados conheciam a bernarda patriótica, e a ópera italiana; duas cousas, sem as quais não há europeísmo, nem progressismo possível.

Política e teatro são o sangue venoso e arterioso que vivificam uma cidade civilizada. Que seria das plateias, do Café, do salão, do pasmatório, se à risca se executassem a lei das rolhas e os editais policiaes sobre os espetáculos públicos? De todas as artes e ciências, a música e a política são sem dúvida as que mais contribuem para a obra da civilização. Anfion, fazendo mover as pedras dos muros

de Tebas sem outro guindaste mais que os sons da sua gaita, não é a meu ver menos progressista do que Licurgo e Sólon dando constituições aos povos, ou Bruto proclamando a república por meio de uma bernarda. É por isso que eu sou de voto que esta invicta cidade deve levantar estátuas colossais ao grande João d'Almada, e aos não somenos heróis *Chêta*, *Cozido* e *Tatevitate*. Quasi pelo mesmo tempo foram estes beneméritos cidadãos os inauguradores destes elementos de civilização e progresso; o primeiro criando o teatro italiano; os três, pondo nas ruas do Porto em 1757 a primeira bernarda, ou, como eles diziam, a primeira *léria* de vulto, que viu esta nobre cidade.

O magnífico sargento-mor de batalha e governador general da província e cidade do Porto João d'Almada e Melo tinha, é verdade, comprimido a *léria* a golpes de espadão; mas não deixava por isso de ser um bom progressista a seu modo — sem *léria*. O governador era do partido do absolutismo ilustrado, pois segundo se exprime um seu panegirista e protegido, ele odiava as «subtilezas que a ociosidade inventa para destruir e confundir o juízo da mocidade com o pretexto de o apurar»; mas amava apaixonadamente a ilustração, as ciências, as artes úteis e agradáveis. Daí a proteção aos homens de letras e aos artistas; a criação de um jornal literário de bastante merecimento; a instituição de uma academia de artes e ciências em seu próprio palácio; daí os grandes edifícios, o luzimento de sua casa, e finalmente o teatro italiano.

Era pois por um dia do mês de maio de 1762, quando os lacaios, pajens e escudeiros de Sua Excelência andavam avisando pela Rua Chã, Rua das Flores, Rua Nova (dos Ingleses), Bainharia, Praça Nova das Hortas, e em geral pelas moradas da nobreza e rica burguesia da cidade, que se tinha definitivamente marcado o dia seguinte para se pôr em cena a famosa ópera de Pargholesi *Il Trascurato*. Já se vê que o cartaz, levado hoje à perfeição pelo nosso amigo G., era ainda um progresso por conquistar.

Desde logo começam a chover os recados para a calçada do Corpo da Guarda, quasi toda habitada pela então importantíssima

classe dos cabeleireiros. Estes saem aos bandos, embrulhados em amplos capotes, sob os quais levam a competente caixa de lata, de prevenção. Digo de prevenção, porque em geral os fregueses de ambos os sexos tinham este indispensável estojo d'empolvilhar, que continha, além dos polvilhos e cosméticos, um par de pentes, e uma borla de volátil e subtilíssima penugem, que sacudida com esquisita desteridade pelo mestre cabeleireiro, tornava de neve uns belos cabelos de ébano e ouro, penteados à Marraffi.

A hora da partida aproxima-se, e as belas, ataviadas e penteadas, pedem uma última aprovação ao espelho e à sua aia. «Eufrásia, diz uma, estas anquinhas ficam-me horrivelmente; que ridicularia de volume. E esta marrafa! Se isto é marrafa que se apresente na comédia! Olhem que belo feitio eu hei de fazer ao pé das filhas do Almada e do Chanceler? E os *sinais*... só três e tão pequenos... Que raiva!...» E nisto de chorar, de raiva, como ela dizia. — «Anjo bento, dizia a lépida lacaia, a menina escusa de chorar por tão pouco. Eu lhe avolumarei as anquinhas e o topete, que até não caiba pela porta da comédia. E por falta de sinais não há de parecer mal ao pé dessas senhoras. Ali está ainda um côvado de tafetá e goma arábia que farte, para lhe sarapintar a cara, que a falar a verdade era melhor ir lisa, como Deus lha deu, tão galantinha.»

Similhantes cenas se passavam em diferentes mansões do *beau monde* portuense; e, diga-se a verdade, não eram os peralvilhos menos impertinentes em seus atavios e penteados.

Afinal os *dilletanti* d'ambos os sexos começam a pôr-se em movimento para o largo do Corpo da Guarda, local do primeiro teatro lírico que teve esta cidade. A noite era escura, e como as necessidades públicas ainda não tinham reclamado a iluminação da cidade, nesta ocasião extraordinária o archote era o sol elétrico daquele tempo. E confessemos que, ainda hoje, quem não quizer expor-se a quebrar as pernas nos traiçoeiros barrancos que a excelentíssima câmara manda abrir por essas ruas, o archote é uma coisa indispensável.

Banhados pois pelo imenso clarão de archotes, empunhados por escravos negros, caminhavam os diferentes grupos de pedestres burgueses, que hoje tomaríamos por bandos de máscaras em noite de Carnaval. A fina flor da aristocracia, e a burguesia aristocratizada rodavam soberbos por estes grupos em velozes carruagens, tiradas por belas parelhas de muares bem ajaezados, e muitas também por belíssimos cavalos. Tal era a *magnífica Estufa ou Faetonte* do faustoso governador, tirada por quatro bizarros frisões, a que, em dias solenes, costumava juntar mais uma parelha.

A cadeirinha transportada pelo súbdito espanhol com tanta firmeza como serenidade, também foi posta em movimento. Um só veículo deixava de contribuir para a animada cena que se passava nas ruas da cidade. Já meus leitores sabem que falo do carroção — do carroção-omnibus — emblema do pausado e refletido progresso portuense — *festina lente*. A verdade é que este capacíssimo veículo, a que o nosso engenho inventivo se lembrou de aplicar a força motriz do boi, ao mesmo tempo que os ingleses aplicavam o vapor às carruagens; estas cómodas arcas de Noé que transportam para o teatro e para a Foz os amos, as crianças, as criadas, os cães e os gatos, o papagaio e o cochicho — este veículo, digo, era invenção mui superior ao desenvolvimento intelectual de nossos antepassados de há cem anos.

Mas eis a companhia reunida na casa da ópera. Os camarotes estavam radiantes de formosura e de riqueza. Magníficos vestidos de cabaia, elegantes enfeites de diamantes, cintilando em alvos seios, e alvíssimas cabeças, davam uma brilhante aparência às duas ordens de camarotes de que a sala se compunha. Se estas não tinham que invejar às quatro ordens de que hoje se compõe o teatro de São João, é justo confessar que a plateia do século XVIII era infinitamente mais pitoresca do que a nossa. O costume de nossos avós, ou tataravós, para falar com mais precisão, rivalizava em luxo e variedade com o do belo sexo. As casacas de seda de vívidas e variadas cores, os punhos de finas rendas, a prata que resplandecia nas guardas de seus fains, o fio d'ouro que serpeava

nas bordaduras de seus coletes e calções; tudo dava um brilhantismo àquela reunião, que contrasta⁵¹ profundamente com a nossa moderna plateia. Lá brilhava a seda, o ouro, a prata; aqui, numa massa compacta de lutuosos panos pretos, só brilham as luzidias calvas dos nossos diletantes.

Mas os leitores estão impacientes por assistir a esta curiosa representação de 1762. Também não era menor a impaciência do respeitável público daquela noite. Porém o magnífico governador ainda não tinha chegado, e sem chegar Sua Excelência seria um desacato começar uma função, que era toda sua.

De passagem advertirei que suposto eu desse ao público o título de *respeitável*, a que hoje ele tem tão bom direito como o consciencioso deputado ao título de *ilustre*; fi-lo por mera cortesia para com os nossos honrados avós, e não porque o público d'então soubesse fazer-se *respeitar* como o de agora. O tacão estava ainda longe de ser um dos poderes sociais, e um meirinho do chanceler Crasbeeck, com a terrível rosca de junco a sair-lhe pela portinhola da casaca, era capaz de prover de paciência os mais insofridos peraltas daquele bom e chorado tempo.

Mas enfim Sua Excelência apareceu na frente de seu espaço camarote. Toda a companhia, damas e cavalheiros, se levantou e fez um respeitoso salamaleque ao poderoso e magnífico vizir. A um nuto seu a orquestra rompeu a sinfonia, e os espectadores, e das espectadoras as que sabiam ler, abriram o *libreto* do *Trascurato*.

O *libreto*? Pois acaso o nosso amigo G. não é também o introdutor deste género de literatura nesta cidade? Não, meus senhores, o *libreto* data já de 1762. Eis aqui o seu título por extenso. IL TRASCURATO, *dramma grazioso per musica da rapresentarsi nel Teatro della molto illustre citá del Porto. Na officina do capitão Manoel Pedroso, 1762*. Deste título parece inferir-se que esta ópera fora composta expressamente para o teatro do Corpo da Guarda, circunstância que lhe daria uma decidida superioridade sobre o nosso moderno teatro. Diz-se que o respeitável público d'agora é exigente em demasia; mas sinceramente creio que ele tem dado

uma grande prova de moderação, em não bradar ao estrondo de martelos, mascotos, estalos e apitos — queremos doze peças novas, e duas pelo menos compostas expressamente para o nosso teatro! E com razão. Porque seremos nós eternamente condenados a ouvir essas peças que têm feito o giro do mundo, e que nos chegam cantaroladas pelo rapazio de toda a Europa! Os nossos nove patacos, que, ao fim de seis meses teatrais, sobem a uma soma enorme de contos de réis, não valerão, por serem de bronze, tanto como o dinheiro dos estrangeiros! Na verdade temos retrogradado em *dilettantismo*; mas é de esperar que a publicação desta importante antigualha desperte em nossos tacões uma nobre emulação, que nos coloque a par de Paris, Londres e Milão.

O pano de boca subiu vagarosamente, e os espectadores ficaram extáticos e boquiabertos admirando o bellissimo cenário que acabava de descortinar-se a seus olhos. Compunha-se ele de dois bastidores por lado e um pano de fundo, representando tudo um peristilo ou colonata de ordem coríntia. Esta vista de *sala régia*, segundo o technismo dos entendedores, foi imutável durante os três atos da peça, ainda que ela pedia diferentes mutações, de jardim, bosque, praça, etc.

A colonata foi entusiasticamente aplaudida, e pelos camarotes se fizeram os maiores elogios ao artista. Uma dama espirituosa, conversando com um entendido cavalheiro, fazia as mais engenhosas observações sobre aquele *chefe d'obra*. «Na verdade, sr. D. Pascoal, é até onde pode chegar o génio: parecem mesmo umas colunas! — Exatamente, minha senhora; colunas sem tirar nem pôr; colunas *ogivais*. Mas porque dinheiro não estão aí essas colunas. — Oh! Isso decerto.— Faça ideia, minha senhora, que foi preciso que o nosso empresário roubasse ao teatro da Escala o seu primeiro pintor. Enfim, minha senhora, ordenado, multa paga ao teatro de Milão pela quebra do contrato, despesas de viagem, etc., etc., custa o tal pintor ao nosso empresário entre 40 a 50 mil francos! — Isso, sr. D. Pascoal, também é demais. Eu não estou agora certa de quantas moedas fazem 50 mil francos; mas

sempre me parece um despropósito só por estas colunas, ainda que admiráveis. — Assim parece, minha senhora; mas por isso o sr. Almada que tem tomado a peito pôr o nosso teatro a par dos primeiros da Europa em luxo, elegância e conforto; para aproveitar esta ocasião única, ordenou ao insigne artista que pintasse por conta de Sua Excelência mais um par destas mesmas colunatas para nos ficarem de reserva. — Sua Excelência é dum gosto admirável, sr. D. Pascoal.»

As colunas agradaram geralmente; não faltou porém quem pela boca pequena dissesse nos corredores que o famigerado artista era apenas um moedor de tintas do primeiro pintor do teatro da Escala, e que tinha vindo a Portugal por pouco mais de uma dúzia de moedas. Alguém também embirrou com a estafermidade das tais colunas durante toda a representação; e conquanto não fosse isento de perigo criticar um espetáculo debaixo da imediata proteção do omnipotente governador, o reverendo folhetinista *Padre Francisco Bernardo de Lima* disse na sua *Gazetta Litteraria*:

«Como o senado do Porto não concorre hoje com a menor despesa para este necessário divertimento, que pode interter os cidadãos na mais viva alegria, livrando-os, quando menos, *daquelas indiscretas reflexões sobre matérias que só tendem a procurar-lhes a sua ruína*; dizem os amantes das representações teatrais que a ópera pública é por esta falta defeituosa; porque, sem embargo de serem imperfeitas as primeiras pantomimas, até estas se suprimiram por falta de meios, e que por este mesmo motivo as vistas do teatro apenas são duas de colunatas, ou a cena da ópera se finja em uma cidade, ou em uma praça, ou em um jardim, ou em um bosque, ou em uma sala, ou nas margens do mar, etc.»

Este precioso trecho dava para graves considerações acerca do espírito portuense no século passado; por agora contento-me com lembrar aos nossos brilhantes folhetinistas modernos que o primeiro folhetim teatral português foi escrito, há noventa anos, nesta nossa boa cidade do Porto, a qual, em boa consciência, não é tão exclusivamente dada às idolatrias utilitárias do arroz e da manteiga como alguns têm pretendido. Mas tornemos ao espetáculo.

A célebre *Giuntini* apareceu em cena. A *Giuntini* era uma destas mulheres adoráveis que fascinam, subjagam, embriagam uma plateia, sem exceção de classes ou idades. A extremada formosura de seu rosto, o voluptuoso desenho de suas formas, a elegância do pisar, os ademanos, sem afetação aparente, e produto contudo de uma arte consumada; este complexo de graças produziu um efeito maravilhoso sobre uma plateia ainda não gasta pela saciedade dos prazeres teatrais. Não houve peralvilho que mentalmente não fizesse infidelidade à dama de seus pensamentos. *Elas*, coitadas, aperceberam-se facilmente desta tácita preferência, e sentiram-se humilhadas com a presença da encantadora sílfide. Os mesmos *pés-de-boi*, que com muita relutância e só por ordem superior tinham ficado com a sua cadeira de plateia, sentiram um estrelecimento, um choque elétrico, que os despertou do sono que quotidianamente os costumava visitar àquela hora. Algum houve que levou maquinalmente à testa o polegar da mão direita, como para esconjurar um pensamento menos puro.

A *Giuntini* cantou divinamente. Os aplausos foram gerais. Os próprios moradores de Sant' Ana, de que acabei de falar, acharam que o sr. João d' Almada fizera bem em os compelir a ser filarmônicos, e sustentaram o aplauso com pezadas⁵² e retumbantes palmas. Estes aplausos férvidos e sinceros, pelo menos por parte do batalhão da cidade velha, foram dados ao andante da ária, que a divina *Giuntini* cantara com indizível expressão, mimo e suavidade. Os nossos antepassados menos gastos, ou de uma organização mais delicada do que a nossa, davam largas à expansão de seu entusiasmo na primeira oportunidade que se lhes oferecia. Nós hoje aguardamos, com toda a nossa fleumática gravidade, que as notas finais dos timbales venham exaltar a nossa sensibilidade, para rompermos, quando isso acontece, em parcas e compassadas palmas.

Seguiu-se o *alegro*, que foi executado num estilo verdadeiramente extraordinário.

Entusiasmada pelos aplausos colhidos no andante, a *Giuntini* olhou para o regente da orquestra com uma expressão que o maestro

compreendeu perfeitamente. Este, alçando o arco do violino, fez um sinal aos seus subordinados, que foi igualmente compreendido. Era um duelo a todo o transe rapidamente proposto e aceite entre a música vocal e a instrumental.

Só a magnífica descrição virgiliana dos ventos, saindo impetuosos de suas cavernas à voz do padre Éolo, nos pode auxiliar a imaginação, para fazermos uma pequena ideia desta luta extraordinária. Um turbilhão de fusas e semifusas se desatou d'ambos os lados, e adquirindo cada vez mais velocidade e violência, mugindo e bramando, formavam rodemoinhos, em que centenaes das esfuziadas notas vinham cair aos pés dos azafamados instrumentalistas. Os pobres rebecas, com os cabelos estacados, já não podiam dedelhar sua difícil escala. Os *contrabassos*, com as faces sulcadas de grossas bagas de suor, lutavam arca por arca com seus monstruosos instrumentos. Os trompas, os serpentões, não *inchando à tuba o brônzeo ventre*, como diz Filinto; mas enchendo as afogueadas bochechas com toda a valentia dos pulmões, e esbugalhando horrivelmente os olhos, chegavam a causar horror. Foi por eles que principiou a manifestar-se a derrota da orquestra. Com efeito já ela estava em pleno charivari. Ainda a gloriosa *Giuntini* soltava um niagara de notas, quando os pobres instrumentalistas se renderam à sublime cantarina. Então os aplausos foram estrepitosos, frenéticos, delirantes. As coroas, as flores caíam às canastras e *a prumo* sobre a cabeça da triunfante atriz; os pombos arrastavam a asa por entre os bastidores, donde tinham saído, e os sonetos *improvisados* diretamente para o *componedor*, caíam copiosos como foleca sobre as gaforinas do respeitável e escandecido público.

«Que belo triunfo, — dizia uma senhora para um cavalheiro que a fora visitar no entreato —; que merecidos aplausos! No *andante* andou bem; mas no *alegro* foi prodigiosa. Que corda de voz! Que mimo! Que expressão! Não reparou, sr. Adolfo, com que pureza subia aos mais altos pontos da escala cromática, e que volume de diapasão apresentou nos baixos? — Pois não havia de reparar, minha senhora, se eu era todo olhos e ouvidos. Confesso o meu fraco, se

o é; quem me quiser ver esquecido de tudo neste mundo é dar-me um bocadinho de música. Era capaz de estar dois dias e duas noites, sem comer nem beber, a ouvir este admirável *alegro*. — Exatamente como eu, sr. Adolfo. E aqueles pobres músicos, como ela os pôs fora de combate. Coitados, cheguei a ter pena deles; parecia que queriam arrebentar. — Parecia, diz V. Ex.^a? Pois não sabe ainda o que aconteceu? — O quê? O quê? Sr. Adolfo? — Um dos contrabassos deslocou um braço, e um desgraçado trompa arrebentou, no sentido literal da palavra. — Deveras? É possível? Pobre homem, que falta não fará à sua família. Mas também quem mete estes pobres velhos, a maior parte deles homens d'ofício, a acompanhar uma atriz desta força? — Minha senhora, não é a primeira vez que isto acontece. A famosa *Salvaia*, em uma luta semelhante, fez arrebentar o melhor trompa siciliano do rei da Sardenha, e foi esta vitória que tornou o seu nome imortal nos fastos da *melodia*.»

Esta rajada histórica, que o peralvilho pilhara ao padre Lima, que depois a reproduziu na *Gazetta Litteraria*, fortaleceu o coração da gentil donzela, que se ia sensibilizando com o trágico sucesso do trompa. O peralvilho disse ainda algumas palavras sobre o merecimento da partitura, que ele classificou de música científica, e fazendo com toda a elegância a sua despedida, foi tomar o seu lugar na plateia.

O segundo ato passou sem novidade notável, a não ser que a fascinante *Giuntini* não foi acolhida com o mesmo entusiasmo pela coorte dos peralvilhos, enquanto que o primeiro *basso* fez numerosos e ferventes admiradores nessa porção da plateia. E é preciso confessar que os aplausos dados a este artista eram merecidos; pois, segundo diz o antigo folhetinista, *o bufão era dos melhores da Europa*. Parece que nesse tempo a Itália ainda tinha bastantes bufões de primeira ordem para si, para a Europa e até para nós. Hoje é contentar com *lo che... donna dio*.

No terceiro ato o arrefecimento para com a *primadonna* foi mais pronunciado. A fascinante *Giuntini* cantou como no *andante* do primeiro ato, com mimo e frescura; mas a plateia guardou um

silêncio sepulcral e mortificador para a bela atriz. O batalhão de Sant'Ana quis aplaudir, mas um *ciu* estridente lhe fez meter a viola no saco, ou antes as mãos nos bolsos dos calções. Durante os entreatos se tinha espalhado que o filho de Sua Excelência, aquele Francisco d'Almada, que depois veio a adquirir tão grande nome, tinha recebido umas leves demonstrações de preferência da formosa *Giuntini*. Os peralvilhos não o levaram a bem, e daí a sua pouco generosa frieza e a decidida predileção pelo bufão, que no primeiro ato tinha sido ouvido com imerecida indiferença.

Assim acabou, com menos animação do que tinha principiado, esta memorável representação do *Trascurato*, nesta nobre e antiga cidade, em 1762.

Bibliófilo Joseph.

P. 28. ... *bailado, arte em que portugueses não primavam.*

Refere o já citado António Rodrigues da Costa nas suas memórias da *Embaixada* ao príncipe palatino que «a sr.^a eletriz... tirou por várias vezes a dançar a João Gomes da Silva, filho do conde embaixador (depois marquês de Alegrete), e ao visconde de Barbacena, que suposto pretenderam escusar-se com o pouco uso que daquela arte havia em Portugal, foi forçoso obedecer aos soberanos rogos de sua Alteza...»

ANEXO

CARTA DE UM AMIGO A OUTRO ESCRITA DO PORTO
OU HISTÓRIA DA VIDA DE D. JOAQUINA ANTÓNIA,
CHAMADA A SEREIA *

Les verrouills et les grilles
sont de foibles garants
de la vertu des filles.
[Fénelon, *Les aventures de Télémaque*]

Amigo:

Pois que vós me não dispensais de vos fazer uma fiel relação do nosso divertimento haveis de ter a paciência de dispender algumas horas a ler umas poucas de bagatelas: mas como quem vive em uma aldeia lhe é preciso aproveitar-se de tudo para enganar os dias, julgo que vós de boamente me perdoareis a restituição do tempo que vos roubo.

* A *Sereia de Camilo* — *História da protagonista, segundo um manuscrito do século XVIII*, com uma notícia por Júlio Dias da Costa, Lisboa, 1930.

Um dia que nos achávamos três amigos na casa do jogo, sem o exercitarmos, nos pusemos todos três a conversar em uma janela que caía sobre o Douro.

A presença das águas, o sereno da tarde e a vista de alguns barcos, a que costumam chamar de fúrias, nos moveu o apetite de ir passar o resto da tarde e a noite fazendo um par de giros no rio.

Tomámos todos tão uniformemente esta resolução, que logo saímos da palestra e nos fomos meter no primeiro barco de toldo coberto que encontrámos. Mandámos preparar uma ceia ordinária e conduzir capotes para a noite; e em tanto ordenámos ao nosso Palinuro que encaminhasse o barco para defronte do mirante de Santa Clara, onde parámos afastados alguma cousa de dois barcos em que havia alguns músicos que tocavam rabecas e flautas, e uma quantidade de frades de... e de... que se desfaziam em acenar para o mirante que estava bem guarnecido de senhoras.

Nós, postos à capa, estávamos feitos observadores de tudo quanto se obrava de uma e de outra parte; e como um dos nossos companheiros trazia um bellissimo óculo, pudemos observar e conhecer distintamente a maior parte das madres que correspondiam ao aceno dos reverendíssimos: e talvez que algum de nós ficasse com aquela vista bastantemente melancólico. O certo é que dos divertimentos se passa bem facilmente para os desgostos; pois estando nós os três companheiros logrando alegremente da boa companhia, do fresco da tarde, da música dos nossos vezinhos, e mais que tudo da assistência que eles faziam para o mirante, o amor veio de um golpe perturbar todo o nosso sossego.

Como vós sabeis que o nosso amigo Félix Luís corresponde há muitos anos a senhora D. M... E..., guardando-lhe uma lealdade que passa a ser escrupulosa, ficareis justamente admirado de saber que aquela mesma senhora se achava no mirante para onde se faziam os acenos; e muito mais de ver que ela também os correspondia: julgai agora como ficaria o pobre Félix? Pegou no óculo uma e mil vezes: tornava a entregá-lo para que cada um

visse, e perguntava : «Aquela não é a senhora D. M... E...?» Eu lhe respondi que o parecia: «Não, não pode ser», dizia, olhando sempre, «não pode ser aquela». «Não será», lhe tornava eu a dizer: mas ele outra vez gritava: «Ah! amigos, que vós me enganais; é a mesma!» E depois, voltando-se para o mirante, como se ela o ouvisse, continuava: «Bárbara: cruel: perjura: falsa...» E parando nas suas queixas tornava a dizer para nós: «É a mesma, é: freira inconstante: pobre Félix!»

Enquanto isto se passava lhe estava eu notando as ações, as vozes e o semblante; e em tudo se via suceder confusamente a mágoa, a ira, os zelos e os afetos. Todas estas paixões iam atormentando aquele triste coração que deixava ver o que dentro padecia pelos desconcertos exteriores que acabo de dizer, mas não de explicar, porque só quem já foi ferido de uma semelhante dor, lhe pode avaliar o sentimento.

Principiei a querê-lo consolar, mas o outro companheiro se pôs a rir de tal sorte que, avivando-lhe com a sua zombaria a sua mágoa, me deu bastante que fazer para evitar que os dois não fizessem algum maior excesso. O furor do nosso amante se converteu imediatamente para um dos frades que estavam no barco vezinho, por lhe parecer que a sua bela infiel dirigia para ele os seus acenos. O único remédio que pude dar-lhe foi mandar aos barqueiros que navegassem para longe daquele sítio, o que fizeram apesar das ameaças que o nosso zeloso lhes fazia para eles abordarem o barco dos frades.

Fomos parar junto de Gaia já quase noite, e para por algum modo descobrirmos meio a F... L... de tomar vingança, fui falar com a senhora Micaela de Gaia, que era a que nos fazia a ceia, e lhe pedi nos havia de descobrir três pequenas que ceassem connosco, e que nos fizessem passar a noite mais divertida.

A boa mulher fez logo tão bem a diligência, que depois de entrar a ceia para o barco imediatamente entraram três rebuçadas com mantilhas pequenas. O amigo Félix não ficou muito satisfeito com esta visita, porque estava lá consigo premeditando outro modo de

vingança mais generoso contra a sua ingrata: mas não teve remédio senão acomodar-se. Enfim tomada a ceia, as pequenas, os capotes e duas flautas, nos apartámos da borda, e cada qual com a sua pequena ao lado se assentou à mesa.

Principiou-se a comer ao mesmo tempo que o barco ia com a vazante da maré descendo insensivelmente para S. João da Foz. Cada qual fazia o prato à ninfa que lhe coubera em sorte; e só o nosso queixoso tinha nisso alguns descuidos; porém depois que algumas saúdes entraram a desterrar um pouco o humor melancólico, principiou enfim a conversação a ser mais alegre e mais viva.

Passando nisto mais de uma hora, gritou o barqueiro que estávamos no Cabedelo, junto da barra; a noite estava sem vento e com luar: o mar sossegado e nós alegres; de sorte que tudo nos incitava para fazer um passeio pela praia.

Sáímos, pois, trazendo cada qual pela mão a sua ninfa, que como estavam já sem mantilhas e vinham sofrivelmente vestidas com seus guarda-pés e ventais, para lhe chamarmos divindades faltava só vê-las em uma grade de qualquer convento.

Tocaram-se alguns minuets e alguns se dançaram com duas das pequenas, que o faziam muito bem. A que me coube em sorte também cantava de ouvido muito bem ajustada: e eu fiz gosto de lhe ouvir uma ária da ópera do Alecrim e a moda de «vá-se embora não me toque» com tanta graça que, a não ter eu horror do estado de semelhantes mulheres, pode ser que fizesse companhia aos dois amigos que a este tempo, cada qual por diversa parte se tinha retirado, levando pela mão a sua ninfa. A minha, como me viu só, entendeu que a esperava o mesmo destino, e caminhando um pouco para a borda do mar, onde a descida da areia a encobria do barco, que todavia estava à vista, me chamou, dizendo-me que viesse apanhar conchinhas: fui. Sentei-me junto da minha bela e depois de brincar um pouco e dizer-lhe algumas coisas que lhe podiam confirmar o pensamento de que eu queria levar o meu divertimento ao galarim do amor, fiquei um pouco suspenso. A lua estava clara e a luz dela caía para a parte donde nós estávamos

voltados, de sorte que era bastante para eu notar as perfeições da minha ninfa e não era de todo suficiente para se lhe divisarem alguns pequenos defeitos, se os tivesse. Além disto como eu a tinha já visto às luzes que vinham no barco, e recordando-me das prendas que lhe vira exercitar, não pude deixar de suspender-me, contemplando o lastimoso estado de uma pessoa que fora dele se faria amar por qualquer homem de bem.

Ela, que notou a minha suspensão, me disse: «Senhor, eu sinto na alma que a minha companhia lhe dê motivos tão grandes de tristeza que o obriguem a um tão profundo silêncio: permita-me, pois, a licença de ir para outra parte, porque não é bem que com a minha presença faça entristecer uma pessoa que veio a este sítio só para se alegrar.»

«Não», lhe respondi eu, «não é a tua presença que me desagrada, bem que dela nasce a minha suspensão.»

«Eu não sei», tornou ela, «como isso se possa acordar: pois se a sua suspensão não procede do horror da minha vista, como me afirma, também não chega o meu desvanecimento a presumir que este infeliz semblante tenha incentivos que possam suspendê-lo.»

«Suspendo-me, lhe disse, de te ver reduzida a um estado que é o mais infeliz para uma mulher.»

A isto me respondeu ela com um suspiro que parecia ser formado no mais vivo do coração: e depois de estar calada um pouco continuou: «Ah!, senhor, se soubesse os meios que me trouxeram a esta lástima, pode ser que acusasse mais depressa a fortuna do que o meu procedimento.»

Como era preciso fazer horas para esperar pelos companheiros, pedi-lhe que, em tanto que eles não vinham, me contasse a sua vida, ao que ela, depois de alguma repugnância, satisfez deste modo.

História de D. Joaquina Antónia:
ou, por outro nome, da «Sereia»

Tal qual, senhor, me vê, nasci de pais honrados, sem que a falta de boa criação, ou a do necessário para passar a vida,

me reduzissem à miséria da em que vivo. A minha pátria foi a vila de Viana: meu pai serviu ao rei muitos anos na infantaria e morreu no posto de ajudante. Deixou minha mãe, inda não muito velha: uma irmã minha casada com um bacharel que servia a sua majestade nos lugares de letras: um irmão único, eclesiástico com um pequeno benefício; finalmente deixou-me a mim de doze anos, sem outro dote mais que uns papéis em que se continham os seus serviços, porque os bens que meu pai possuía foram parte dotados a minha irmã mais velha: parte património de meu irmão; e parte ficaram em poder de minha mãe, que se casou segunda vez.

O casamento de minha mãe desarranjou toda a casa. Meu irmão foi viver para Barcelos, onde tinha o seu património: minha irmã seguia seu marido pelos lugares: minha mãe foi para casa do seu; e a mim me meteram por educanda no convento de B... na companhia de uma tia.

Eu que estava na sujeição com que me criaram, sem ouvir falar de outra coisa mais que de honra, recolhimento e recato, fiquei bastantemente admirada de ver que no convento se praticava tudo pelo contrário. Entendia que na clausura se não ensinava outra coisa mais que a rezar o ofício divino e os exercícios da penitência; porém as primeiras lições que minha tia me deu foram ensinar-me o modo como havia de tratar as mais freiras: como havia de fazer as medidas; e como me havia de haver no cortejo dos homens com quem falasse.

Nisto passei os primeiros quinze dias; e querendo minha tia ver se me aproveitavam as lições, me levou um dia a uma grade, das que chamam de galhofa, na companhia de outras freiras e seculares. Da parte de fora estavam dois padres loios, um cônego, um estudante e dois homens mais, que me pareceram cavalheiros. Como eu estava pouco acostumada à vista dos homens, não satisfiz muito pontualmente às lições que me tinha dado minha tia, porque se me entraram logo a fazer vermelhas as faces e ao mesmo tempo me embaraçava nos cumprimentos.

Sentou-se cada qual e se principiou a conversa, dando os hóspedes o parabém a minha tia de sua educanda, e a mim mil louvores sobre a minha gentileza.

Aqui foi que eu me envergonhei, de sorte que toda a tarde me durou a cor que o pejo acende no semblante, ao mesmo tempo que interiormente tinha tal ou qual satisfação de me ver elogiada de uma coisa que todas as mulheres apreciam.

Passou a conversa sobre outras matérias, e eu, como pouco prática nelas, fazia só o papel de ouvinte: porém como menos ocupada comecei a fazer algumas observações.

Reparei que minha tia olhava para um dos padres loios por um modo que me parecia menos lícito a uma mulher, e mulher que aos quarenta anos de idade apenas conservava um resto da primeira gentileza. Vi mais que uma religiosa inda rapariga olhava para o cónego, e este igualmente para ela, com uma vista tão branda que parece respirava por ela a quinta-essência do esmorecimento. Outra também rapariga olhava para um dos cavalheiros, a quem não tinha dado uma só palavra, com um aspeto carregado, de sorte que em cada voltar de olhos parece que disparava um corisco.

Eu por um instinto natural ia formando uma ideia, mas confusa, do que todas estas ações significavam; porém o sucesso me aclarou em bem pouco tempo todas as minhas confusões.

Minha tia fez as pazes do cavalheiro com a senhora agastada, que por certas suspeitas estava cheia de zelos: o cónego descobertamente falava com a sua bela nos seus afetos; e minha tia dava cada vez mais novas demonstrações de que também não era insensível ao amor.

Enquanto eu estava notando todas estas diferenças que o amor causa nos corações que avassala, reparava que o estudante me lançava algumas vezes os olhos, semelhantes aos com que minha tia olhava para o seu padre: eu quando com os meus o encontrava, me tornava a fazer novamente vermelha. Não porque desgostasse de que ele por aquele modo me quisesse dar a entender o seu afeto, mas porque me envergonhava de que os circunstantes conhecessem

que eu o correspondia; porque, ou porque o destino assim o tinha decretado, ou porque para amar basta só um instante, eu logo fiquei inteiramente presa do meu belo estudante.

Mas as lições que eu tinha aprendido em casa de meus pais, bem diversas das de minha tia, e o pejo natural nos poucos anos, me obrigaram a esconder quanto me era possível uma paixão que sentia pela primeira vez.

Veio o fundo da tarde: como a grade principiou a estar com menos luz, fiquei eu mais senhora de mim, porque se me não podiam ver tanto os movimentos do semblante. Nos demais julgo que fez um semelhante efeito, porque a conversa era mais alegre, mais viva, e, para melhor me explicar, mais fresca. Por último, e para ratificação das pazes dos dois arrufados, houve um brinco de casamentos.

Para minha tia e para as outras duas freiras não foi preciso fazer eleição; há muito que o amor os tinha unidos antes daquela cerimónia. Como da parte de dentro estavam mais senhoras, do que homens de fora, disse eu que ficava excluída daquela ventura, e retirando-me um pouco dei lugar a que duas fossem dar a mão uma a um dos cavalheiros, outra ao estudante: e aceitando elas a minha deixação, porque os meus poucos anos parece que as dispensavam de usar comigo alguma atenção, a que ficou defronte do estudante lhe disse: «Ora, senhor, se ele há de ser...» e ficando-se nestas palavras ia a dar-lhe a mão, mas, vendo que ele não estendia a sua, continuou: «Parece-me que vossa senhoria deve de estar já casado e que eu vim já tarde.»

«Senhora,» respondeu ele, «inda não estou casado, mas o deixar de contrair agora com vossa senhoria um matrimónio, que certamente me faria feliz, não é deixar de conhecer as suas prendas, é, sim, reconhecer os meus deméritos.»

Mas isto o disse tão friamente que logo eu pude conhecer que todo o motivo por que o meu estudante rejeitava aquela galantaria era por meu respeito; e fiquei tanto mais satisfeita quanto aquela senhora era prendada e gentil.

Foi tal o contentamento que tive que me não pude reprimir que lhe não dissesse: «Senhor, console-se, que também eu fiquei sem marido, porque não sou tão desvanecida que não veja os meus poucos merecimentos para uma ventura tão alta.»

Quem presumira que estas palavras, ditas em uma ocasião de galantaria, haviam de vir a ser uma das causas das minhas desventuras?

O certo é que as maiores desgraças se levantam às vezes de um bem pequeno princípio.

Finalmente despedimo-nos todos: eu subi para cima cheia toda das ideias do meu primeiro afeto, e a minha competidora revolvendo na memória as fatais palavras que nunca jamais pôde digerir.

Este foi o meu primeiro ensaio nas matérias de amor: e minha tia nem por isso ficou muito agradada de eu representar tão bem o meu papel, porque à noite na cela me repreendeu do remoque que dei à minha companheira, e me lembrou que as seculares nos conventos deviam viver com recato e que eu não havia de tornar a falar mais na minha vida àquele estudante: com esta bela colação me fez ir deitar. Jamais noite me pareceu tamanha! Em toda ela não dormi, porque estive recopilando tudo o que me tinha acontecido no dia de antes. Amanheceu; mas o dia nem por isso me trouxe alívio. Eu queria saber de onde era o estudante: eu queria comunicar os meus cuidados a alguma amiga: eu queria desabafar; mas não encontrava com quem.

Tudo isto me fazia andar como fora de mim mesma, e para mais ter que sentir, a cada passo me encontrava com a senhora que ficou sem marido. É verdade que eu me alegrava de a ver vencida mas o querer ela competir comigo era motivo bastante para me afligir a sua presença.

Assim passei alguns meses, sem que em todo este tempo pudesse ter notícias do meu fugitivo estudante; e como (por um modo desusado) tanto maior era a ausência, tanto maior era o meu amor, vim a cair pouco a pouco em uma febre que me obrigou a fazer uma cura dilatada, sem que, porém, pudesse cobrar a antiga saúde.

Destituída de remédios e desamparada dos médicos, me enviaram para os ares pátrios a tomar banhos: veio meu irmão conduzir-me e me levou consigo para Barcelos.

Assim que estive na companhia de meu irmão, outra paixão bem contrária à do amor principiou a consolar-me das minhas primeiras inquietações, e por consequência a restabelecer-me a saúde. A honra, o meu dever, a presença de meu irmão, me inspiraram uma ideia bem diferente do que a liberdade dos conventos costuma induzir: só ao nome de homem estremecia. E um dia que meu irmão me contou a novidade de uma nossa vezinha, irmã de um cavalheiro, a quem tinha acontecido um desastre de amor, me fez esquecer de todo do belo estudante, porque depois de ponderar o descrédito daquela mulher e da sua casa, acabou dizendo: «Ah! Pobre irmã!»

E isto com tal energia que me deixou capacitada que meu irmão sentiria mais que a morte, que me sucedesse outro semelhante desastre. A isto juntava eu o carinho, o amor e o cuidado com que meu irmão me tratava; que seria ser bastante ingrata se me esquecesse destas obrigações.

Com os ares da pátria e os da aldeia, onde passei a maior parte do verão, em uma pequena quinta que meu irmão tinha sobre o rio Cávado, e mais que tudo com os meus bons propósitos de fugir toda a minha vida das violências do amor, sarei das minhas queixas, ou mo pareceu.

Assim que meu irmão me viu restabelecida me levou outra vez para o convento, onde me deixou unicamente magoada da sua falta, que para me ser mais sensível, me deu na sua partida um belo rosicler, um anel de brilhantes e, com outras prendas mais, algumas moedas que disse serem para eu fazer um par de merendas com as amigas.

A saúde, o sossego de ânimo, a alegria, os belos vestidos que meu irmão me dera, e dezessete anos de idade me faziam passar por uma das pessoas mais belas do convento. Eu só cuidava em me divertir com algumas amigas que fui adquirindo, sem que

nada deste mundo me perturbasse a paz em que vivia: mas como a duração dos gostos é mais breve que a das penas, veio a fortuna despojar-me daqueles para me fazer sentir estas toda a vida.

Havia uma religiosa no convento, cujo nome não repito, que não obstante uma aparência grande de modesta e de sisuda, uma idade que a habilitava já para algum dos cargos honoríficos da comunidade, concebeu por mim um afeto que nos princípios me pareceu que não passava de uma amizade sincera: chamava-me à sua cela: todos os dias tinha uma nova prenda que me desse; e como tinha uma grande tença, a dispendera toda comigo se eu, por um impulso, não sei se de generosidade, se de soberba, me não opusera às suas liberalidades, pois como lhas não podia corresponder todas, não queria ficar por algum modo sujeita aos seus benefícios. Tinha feito grandes instâncias para me dar um bom relógio, mas eu depois de não poder-lhe já resistir, lhe disse que aceitaria a sua prenda se ela tivesse a bondade de me aceitar um anel. Depois de várias controvérsias fizemos a troca, ficando eu com o relógio e ela com o anel que meu irmão me tinha dado e que minha tia ainda não vira.

Havia já meses que passávamos nestas demonstrações de amizade, sem que eu pela falta de experiência pudesse presumir mais outra coisa, quando uma tarde que minha tia estava na grade com o seu padre loio, indo eu à cela da minha amiga a encontrei deitada sobre a cama, a janela quase toda fechada, e assim que entrei me mandou fazer o mesmo à porta. Cheguei-me para a borda do leito, e perguntando-lhe se estava mal, me respondeu suspirando, que sim, mas que eu era a causa do seu mal. A estas palavras fiquei eu atônita e depois de tornar alguma coisa em mim lhe disse que eu lhe desejava todo o bem, para lhe causar o seu mal! «Ah!», continuou ela, «se tu, minha pupila, me quisesses tanto como eu te quero?» E ficou-se. «Abaixo de minha tia,» tornei a responder, «não há pessoa neste convento que me deva maior afeto.» «Ai, minha pequena,» tornou a continuar, «se isso é assim certamente sou eu a mulher mais venturosa.»

Juntamente me principiou a abraçar, mas por um modo tal, e com tal eficácia, que eu me principiei a envergonhar; e muito mais quando dos abraços ela passou a fazer outras ações que só pareciam serem próprias entre dois amantes que se querem bem. Julgue agora, senhor, que tal eu ficaria; e muito mais não sabendo até então que entre duas mulheres também o amor arma semelhantes laços?

Retirei-me da borda do leito: não ousava levantar os olhos; e querendo abrir a porta para fugir, se levantou a senhora, tirou a chave e fechou de todo a janela. Eu, que suposto não sabia o que aquilo queria dizer, contudo sempre, por um instinto natural, me parecia que era coisa má, estive tentada a gritar, que me acudissem; porém o respeito que tinha a esta freira, a confusão em que estava e a terrível lembrança dos favores que lhe devia, me deixaram levar para cima do mesmo leito, inda que forcejei alguma coisa para que ela me não deitasse.

Enfim foi esta a primeira vez que conheci que coisa era aquilo a que chamavam *manice*. Passámos toda a tarde na cama; e suposto que ao princípio tive um grande horror daqueles brincos, a minha amiga tais coisas me disse, tanto se familiarizou comigo, que eu também cheguei a fazer tal ou qual gosto daquela galantaria.

Ela, suposto que tinha quarenta e cinco anos de idade e que nada tinha de gentil, contudo tinha belos dentes, não respirava com mau cheiro e tinha um agrado e uma chulice naquelas matérias que me não desagradava.

À noite fui para a cela: minha tia veio contente da grade; e passámos alegres até que foram horas de dormir: mas em vez de o fazer me pus a contemplar no que tinha passado por mim. Então é que a fantasia me pôs diante dos olhos toda a fealdade do que tinha feito: resolvi nunca mais tornar a cair em semelhante delírio; e com esta resolução adormeci já perto da madrugada. Mas assim que amanheceu, e foram horas de minha tia ir para o coro, me entrou na cela a minha nova amante (por lhe não chamar mana) e fechando a porta, sem me dar tempo para me

levantar, se deitou comigo. Eu estava bem firme na resolução que tinha tomado: mas o recordar-me que tinha recebido dela tantas prendas e generosidades, me fazia ter por uma ingratidão não lhe satisfazer ao seu apetite; e como as dádivas são o melhor ensaio para o amor, vim com efeito a consentir, não só esta vez, mas muitas, no nosso galanteio.

Assim passámos alguns meses, não já sem suspeitas de que a nossa amizade encobria outro género de trato, que merecia diverso nome. Vivíamos em paz, quando sucedendo fazer-se eleição de abadessa na pessoa de uma tia da que foi minha competidora para o casamento do meu estudante, pela ocasião dos festejos fui a uma grade onde o vi. Com a vista dele se me esqueceram todos os meus bons propósitos de fugir dos homens; e achando oportunidade de falar-lhe em uma roda da mesma grade, sem que os circunstantes presumissem que havia mistério, assentámos ambos de nos querermos até à morte e ajustámos logo os meios para a nossa correspondência.

Tinha eu já adquirido uma amiga que me estava obrigada por eu lhe ter emprestado algumas das moedas que meu irmão me deixara: abri-me com ela e lhe achei tão boas disposições que debaixo da sua proteção correu a nossa correspondência. Houve cartas de parte a parte, e como o amor que eu tinha ao meu estudante era verdadeiro, não o mortifiquei muito primeiro que lhe falasse em uma grade, porque no terceiro dia, que era o último do abadessado, a nossa confidente nos meteu a ambos em uma grade, ficando ela de fora por espia.

Estivemos nesta grade como rapazes: a natureza e não o artifício era a que inspirava as ações e as palavras. Contudo, quando o meu querido quis passar a pedir-me aqueles favores com que o amor costuma suavizar as penas dos amantes, sempre senti aquele pejo e rubor natural que deve ter uma mulher quando se chega a ver a vez primeira em semelhantes transes. Mas enfim venceu o afeto todos os meus remorsos: eu vi: ele viu: e isto basta para dar a entender o que fizemos.

Contudo a minha mana conhecia-me distraída, e que eu já não frequentava tanto a sua cela: entrou em suspeitas. Que não fez para as averiguar? Que queixas me não disse? Mas eu sempre lhe neguei que tivesse outro afeto mais que o seu.

O meu amante não se tinha ido embora depois do abadessado, e passava por tratar a nossa confidente, quando um dia que eu estava falando em um ralo com ele, veio observar-nos a nossa [...]*, sem que nós a sentíssemos. Ouvia-nos algumas palavras e não podendo reprimir o furor dos seus zelos me arrancou do ralo por um modo bem descomposto, e para encobrir às mais, que viram esta ação, o seu intento, disse que vinha mandada de minha tia. Não houve remédio senão subir eu para cima, suportando-lhe tudo quanto ela me quis dizer de falsa, de ingrata e de aleivosa. Soube minha tia parte desta história, e também houve de sofrer as suas repreensões. Em tanto que isto se passava, a senhora zelosa e minha tia de concerto armaram de sorte que a minha competidora, de que já falei, tratasse o estudante, e para isso se valeram de um primo dele que tinha uma dependência da madre abadessa e a encaminhava por sua sobrinha.

Isto se passava sem eu o saber. Mas mandando-me informar de tudo o meu amante, por uma carta, e dizendo-me nela que não tinha remédio, por atenção a seu primo, senão corresponder a minha inimiga fingidamente mas que sempre seria o mesmo: fiquei com esta bela notícia tão desesperada, tão fora de mim, tão cheia de ira e desejo de vingança, que sem reparar no que fazia, encontrando em um dormitório a sobrinha da prelada, a descompus de palavras e de ações; porque depois de dar-lhe alguns bofetões e de lhe rasgar a touca, me engadelihei nela, de sorte que, se não lhe acudissem, a esganava. Os zelos me davam ânimo e forças.

* *Lacuna aparente de uma palavra.*

Foi logo pública esta história em todo o convento: minha tia me amofinava: a minha mana me dava contínuas queixas: a minha inimiga premeditava vingar-se e sua tia me queria castigar.

Neste tempo chegou um parente meu frade com licença do provincial para me levar para casa, para assistir a meu irmão que estava gravemente enfermo. Fiquei em parte contente por fugir da vista de tantos objetos que se me faziam odiosos.

Concertei com a minha confidente o modo de escrever ao meu amante, e com algumas lágrimas de minha tia e muitas da minha mana, saí pela última vez de um lugar onde teve princípio a minha desventura.

Cheguei a casa de meu irmão que achei na aldeia e de pé: e dizendo-lhe eu que estimava vê-lo assim, porque entendia encontrá-lo na cama, ele me deu a entender que a sua doença era das que se apanham pelos cantos da Universidade; e com efeito principiou a sua cura ocultamente.

Passadas já três semanas, vejo vir um homem vestido de galego, carregado com uma condessa de doces e uma carta de minha tia para meu irmão, e outra para mim da nossa confidente. Eu estava em uma janela quando vi vir este homem: mas que tal não ficaria eu quando, apesar do grosseiro dos vestidos, conheci que era o estudante. Via o perigo a que ele expunha a sua vida e via o risco que corria a minha reputação se ele chegasse a falar-me só por só; mas mais que a minha honra temia pela sua vida. Contudo não me desagradava ver que ele por meu respeito se aventurasse ao que lhe pudesse acontecer: o amor causa esta diversidade de afetos.

Leu meu irmão a carta e mandou-me que lhe respondesse, por ele o não poder fazer. Como a noite se veio avezinando perguntou pelo portador e o mandou vir para diante de si. Aqui foi que eu mais que nunca me vi embaraçada, temendo que o fingido galego fosse descoberto. Mas como era de noite, os vestidos bem próprios, e ele fez o papel bem, depois de meu irmão lhe fazer algumas perguntas, me disse lhe mandasse dar de cear e pela manhã o impusesse.

Enquanto à ceia assim o fiz, e ficando um pouco só com ele, fingindo a uma criada, que me assistia, que lhe queria procurar por algumas coisas do convento em particular, lhe disse: «Senhor, vá-se embora, não me deite a perder, e saiba que a casa de meu irmão merece outra atenção que um convento.»

É verdade que eu lhe dizia isto, mas interiormente me não pesava de vê-lo: a honra e o meu amor combatiam o pobre do meu coração, incertos de qual venceria; porém um lançar de olhos brando, umas palavras suaves, uns protestos que ele me fez sobre a minha honra, e finalmente as promessas de casamento que me deu, fizeram com que o amor vencesse, de sorte que logo conviemos de que eu deixaria uma porta aberta para ele vir ter ao meu quarto.

Estabelecido deste modo o nosso ponto: acomodada a gente de casa, me retirei para o meu quarto, quasi arrependida do que tinha prometido, quando nisto senti uns passos leves e me começou o coração a palpitar e a honra a dizer o precipício a que me expunha.

Assim que avistei o meu querido me cobri de tal pejo que apaguei uma luz que comigo tinha, para encobrir a mim mesma a própria confusão.

Desacerto certamente grande: que como a vergonha é o maior rebate que tem uma mulher para conservar a sua reputação, perdida ou encoberta a vergonha é fácil o perder-se tudo.

Entrou finalmente o homem que o fado destinou para fundamento da minha ruína, e sem que eu diga o que passei nesta triste noite, se pode conjeturar o quanto diversamente me amanheceu.

Foi-se embora o usurpador da minha honra, e eu fiquei de sorte que fugia à vista até dos meus criados porque entendia que todos me liam no semblante o meu sucesso. Mas mais que tudo me abatia a funesta consideração de ver que, ingrata a um irmão, que tanto me estremecia, lhe tinha feito uma tão grande ofensa: mas no meio de tudo isto se aumentava o meu grande amor por um sujeito que acabava de funestar todos os dias da minha vida.

O que mais acendia o meu afeto, e em parte me consolava, era ver que o meu amante, ainda depois de possuir-me, não cessava

de adorar-me, porque me escrevia depois continuamente por via da nossa confidente do convento: e bem que lhe foi preciso assistir em Coimbra, de lá fez duas jornadas a Barcelos, para me ver; e outras finezas mais que inteiramente me seguravam de que eu não liberalizara os meus favores a um ingrato.

Desta sorte vivia, gostosa do meu enleio, esperando que o tempo tirasse alguns embaraços que podiam estorvar o unir-nos um dia a contentamento de meu irmão e dos pais do meu ausente. Mas como a fortuna tinha tomado por sua particular empresa fazer-me desgraçada, sucedeu que estando eu sangrada, por causa de uma esquinência, e vindo o portador que me conduzia as cartas do convento, para me entregar uma, que encontrasse com meu irmão que já o conhecia, e perguntando-lhe se trazia cartas para mim, o bom do homem lhe respondeu que sim. E dizendo meu irmão que eu estava doente lhas pediu para entregar-mas, o que ele fez com uma tal repugnância que dando motivos a meu irmão para alguns escrúpulos, impôs o portador e abriu a carta da nossa confidente, que dentro trazia outra do meu estudante, escrita nesta forma:

«Minha querida ausente: parece-me que a mágoa da nossa saudade em parte nos traz alguma recompensa, em desconto das penas que nos obriga a padecer, fazendo-nos a vida mais dilatada. Depois que estou ausente dos teus olhos parece-me que tenho vivido seiscentos anos; e se eu vivesse à tua vista outro tanto tempo, tantos séculos me pareceriam um momento. Mas que importa o entender que as horas são mais largas, se todas elas se passam em tormento? Ora eu verei se encontro outro disfarce, inda que seja outra vez de galego, para aliviar a nossa saudade e te ir dar mil abraços e muitos milhares de b. b. sem que o teu mano me possa conhecer. Adeus, meus olhos: guarda-me esse coração sempre leal para o teu *F.*»

O génio de meu irmão, todo cheio de brio, e a consideração que tinha criado em mim uma ingrata, o arrebatou de sorte que veio

ter ao leito onde eu estava, com a carta em uma mão e uma faca na outra, e entregando-me a carta me disse que a lesse. Fiquei sem sangue, não só de vê-la, mas de ver o terrível semblante com que meu irmão ma apresentou: eu não sabia que lhe respondesse: ele me instava, e depois de me ver nesta confusão descarregou sobre mim todas as palavras que lhe ditava o seu furor. Ficou por um pouco calado, e tomando-me a carta, que todavia estava na minha mão, me fechou a porta, olhando primeiro se eu poderia saltar por um pequeno postigo que o meu quarto tinha. Tornou depois passado um grande espaço, a tempo que já era noite: mandou vir luz: trouxe para junto da cama papel e tinteiro; e perguntando-me diante de uma criada se queria cear, e respondendo-lhe eu que não, a mandou embora, fechou a porta por dentro e apresentando-me o recado de escrever, me disse:

«Ora, senhora, vossemecê há de fazer duas coisas, pena de morrer aqui às minha mãos: há de escrever a esse seu amante, mandando-lhe dizer que a venha ver, porque eu estou fora da terra; e dizer-me quem ele é.»

Quis desculpar-me, mas não pude; e só com as lágrimas que vertia em grande cópia tentei de o mover a alguma piedade. Mas ele vendo que lhe não respondia ao que me perguntava, pondo-me a faca aos peitos, me disse: «Acaba de fazer o que te mando, ou, quando não, te mato.»

«Farei, farei» lhe respondi; e pegando na pena e no papel, querendo escrever, me tremia a mão e não sabia o que havia de pôr. Vendo-me ele nesta irresolução, levantou a mão para descarregar o golpe, a cuja ação gritei, dizendo-lhe: «Espera, espera, que eu escrevo.» «Anda», continuou ele.

Com efeito, tendo diante dos olhos a medonha carranca da morte, apesar do meu afeto, escrevi estas palavras:

«Meu Bem: não tenho tempo para dizer-te mais que estas palavras: meu irmão está fora de casa e não virá estes quinze

dias: assim que esta te for entregue parte e vem seguro. Cá te direi o que agora não posso. Deus venha contigo e te guarde. &.»

Peguei neste bilhete e indo para entregá-lo a meu irmão, adverti que eu mesma conduzia à morte a pessoa que neste mundo mais amava; e fez o amor tal impressão em mim que quis antes perder a minha vida que arriscar a sua: de sorte que no mesmo tempo que fui para entregar-lho, lhe disse estas palavras:

«Irmão, aqui está a sentença de morte da pessoa que abaixo de ti me é neste mundo mais amável: em meu poder está ainda livrá-lo, mas sei que será a troca da minha vida: eu sou a mais culpada: eu sou a que me esqueci da honra que com tantos trabalhos nos adquiriu nosso pai pelas campanhas: eu sou a ingrata a tudo quanto te devo: eu sou enfim a que mereço a tua justa vingança. Mas em desconto dos favores que te devo e inspirada do amor que sempre tive à tua pessoa, não quero que por minha causa padeças depois de matar-me a menor perseguição da justiça. Eu estou sangrada: deixarei correr todo o sangue que me alenta esta vida que sempre me seria pesada na consideração que te ofendi em admitir a correspondência a um homem.»

Dizendo isto, sem atender resposta, rasguei a carta que tinha escrito e desapertei à vista de meu irmão a sangria que depois de comprimida principiou a lançar copioso sangue.

Meu irmão me disse: «Pois que tu preferes a vida de um homem que me ofende, à tua que igualmente me agrava, morre, morre.»

E sem me dizer mais nada se pôs a passear. Eu tinha o pé na borda da cama e o sangue ia tingindo os lençóis: meu irmão olhava para ele, e vendo que a quantidade era já grande, principiou a dizer-me sobressaltado: «Escreve, mulher, escreve o que te disse, ou ao menos descobre-me quem é o que me ofende.»

Eu a nada respondia; até que ele enfurecido prosseguiu: «Morre, ingrata, morre, pois que assim o queres.»

O sangue ia todavia correndo, e meu irmão passeando: ambos estávamos em um profundo silêncio, até que eu principiei a sentir-me desmaiar, e reparando para um copo de água, que estava sobre uma mesa, lhe disse estas palavras: «Por ser a última cousa que te peço, dá-me aquela água.»

Tomou ele o copo e sem me dizer nada mo veio entregar: então levantei os olhos, que tinha tido abatidos até ali; e vendo os seus arrastados de água, principiei a chorar da mesma sorte; o que ele notando me disse desfeito em lágrimas: «Irmã, querida irmã, não te resolves?»

«Sim», lhe disse. «Pois que intentas?» «Morrer,» continuei eu, «morrer, pois que sou tão infeliz que...» e fiquei-me, já não podia articular palavra. «Que...» ia a dizer-me meu irmão, mas eu neste tempo estava já desmaiada e sem sentidos, nos braços dele.

Meu irmão, pelo que depois soube, principiou a gritar que me acudissem, que se me tinha aberto o sangue, fazendo grandes extremos, gritando que sua irmã morria e que ele era o homem mais infeliz do mundo. Veio o médico, veio o cirurgião: acudiram-me: ataram-me a sangria; e com efeito tornei a mim depois de algumas horas. Com as sustâncias de galinha, que tomava, fui pouco a pouco cobrando alentos e em quinze dias estava de todo convalescida. Neste tempo me ia visitar meu irmão, mas não passava da porta do meu quarto, por se não animar a ver-me face a face: eu da mesma sorte não levantava os olhos para ele.

Pus-me finalmente a pé: foi preciso pôr-me à mesa com meu irmão; porém assim que estive só com ele principiei a chorar: ele fazia o mesmo; e continuámos muito tempo nisto assim que nos asentávamos à mesa, que era o único lugar onde nos avistávamos.

Até que meu irmão uma vez me disse: «O que por nós passou se entregue ao esquecimento mas para que eu outra vez não tenha que sentir, é preciso que tornes para a clausura, onde o teu procedimento não corre por minha conta. Já escrevi ao provincial e à abadessa: hoje espero resposta no correio.»

No meu silêncio lhe respondi que sim: e esperando pela resposta dos prelados, me aparelhava para partir; mas em tudo a sorte me foi contrária.

A abadessa, que se não pôde esquecer da ofensa de sua sobrinha: e esta, que sempre se lembrava daquelas fatais palavras da primeira grade, e dos bofetões do dormitório; fizeram de sorte que nunca mais pude tornar a entrar no convento. Meu irmão compreendeu o motivo: eu senti a repulsa, por me não poder sujeitar a viver em uma casa que me avivava a cada instante a ideia da minha morte. Ambos vivíamos desconsolados, mas eu muito mais aflita porque o amor, apesar de todas as minhas desgraças, me não permitia esquecer-me do meu bem.

Desde a minha doença não tinha tornado a ter notícias dele: o desejo de comunicar-lhe o que me aconteceu, me obrigou a pegar na pena para lhe escrever.

Mas eu, que o estava fazendo, me veio meu irmão bater à porta do quarto: dilatei-me em lhe abrir, para esconder o aparelho de escrever e a carta que tinha quase acabada: abri-lhe enfim a porta; mas o embaraço e sobressalto em que ele me achou o meteu em novas suspeitas, de sorte que entrando a dar busca por todo o quarto, foi debaixo da cabeceira do leito e lá encontrou a carta que eu aí tinha escondido.

Assim que vi que ele a achara, não esperei por resposta, e fugi assim mesmo como estava pelas bordas do rio junto do qual estava a quinta em que meu irmão vivia. Encontrei um sítio cheio de sinceirais: ali me escondi até que chegasse a noite, cheia de mil confusões e de pensamentos tristes, entre os quais não tinha o último lugar a lembrança de deixar um irmão tão bom.

Assim que a noite foi bem escura principiei a caminhar sem saber para onde: todo o meu intento era apartar-me da casa de meu irmão porque receava que este infalivelmente me matasse, e eu não estava com ânimo de continuar a fineza de me deixar morrer.

Nisto senti ladrar um cão pequeno e ao som dos seus latidos cheguei a uma pobre casa na qual bati. Veio-me falar uma

mulher que não era velha e que pelo tear conheci ser tecedeira: pedi-lhe agasalho e depois lhe contei todos os meus tranSES, dizendo-lhe que o maior favor que me podia fazer era ir-me a Braga dar parte ao meu estudante do que me tinha acontecido. Consolou-me como pôde a boa da tecedeira e quanto a ir a Braga me disse tinha pessoa que com todo o segredo o faria: com efeito não tardou muito um embuçado, que me pareceu ser amante da tecedeira, o qual se encarregou de levar-me o recado: eu para o fazer mais diligente lhe dei um anel sem pedras, que casualmente trazia.

A resposta do recado foi trazer consigo o causador dos meus males, no meio dos quais tive um grande alívio assim que o vi. Disse-lhe o estado em que me via e rematei dizendo-lhe que estava perdida.

A cujas palavras me respondeu estas: «Se você se perde, não devo eu ganhar-me.» E logo tomámos a resolução de fugir.

Como esta fugida foi o ponto do meu precipício, parece-me que é desnecessário contar daqui para diante os trabalhos das nossas jornadas: nem eu em toda esta noite teria tempo para os relatar. Bastará só que diga que depois de errarmos longo tempo demos connosco em Sevilha, onde tive uma doença que pela miséria em que estava me foi preciso curar no hospital, deixando por dois meses, que me durou a moléstia, a companhia do meu amante.

Saí finalmente; e indo ao aposento onde nos recolhia uma viúva de um português o não achei, mas só uma carta que dizia estas palavras:

«A minha ausência não te deve causar a menor pena, porque perdes um amante que foi causa das tuas desventuras. O estado em que te deixo é o que me fará mais penoso o que vou tomar: mas pois que eu te não posso dar remédio, contentar-me-ei de rogar a Deus, no convento da Senhora da Vitória, que te encaminhe e que se esqueça das ofensas que ambos lhe temos feito.»

Esta carta acabou de reduzir-me à maior desesperação: fui logo ao convento dos frades vitórios e entrando na igreja vi um noviço ajudando a uma missa: o traje e a nova vida o tinham desfigurado, por isso não pude reconhecer logo o meu fugitivo. Mas assim que ele se voltou de modo que pude vê-lo inteiramente, principiei a gritar que aquele era o meu marido, que mo lançassem fora: porém ele se foi retirando para a sacristia e um frade me veio lançar fora, dizendo-me que bem sabia nós não éramos casados. Saí como uma doida e encontrando um português, com quem já tinha conversado, lhe perguntei se ia para Portugal. Disse-me que de aí a três dias: pedi-lhe que me levasse na sua companhia; e logo nessa mesma noite principiei a tomar vingança do meu amante frade e a satisfazer antecipadamente os gastos da viagem ao português.

Com efeito trouxe-me consigo até Coimbra, onde eu esperava falar ao Bispo para me meter em o recolhimento, mas o encontro de outro estudante, que eu sabia ser amigo do meu ingrato, me tirou todos os meus bons intentos. Este me levou para a sua casa, onde não estava tão recolhida que por sua intervenção não fosse vista de outros estudantes, dos quais pouco a pouco fui tirando com que melhorasse de vestidos e com que no princípio das férias fizesse a jornada para esta cidade, onde outros estudantes (gente a que sempre fui inclinada) me puseram o nome de **Sereia**, por me ouvirem cantar, dizem que não muito mal.

Esta mulher que hoje lhe fez a ceia é a que me tem debaixo da sua administração há cinco anos e a que me tem embaraçado de não entrar em um recolhimento das mulheres da minha vida, por algum interesse que recebe destas e semelhantes ocasiões; pois este estado em que me vê é tanto contra minha vontade que, tirado ao meu estudante, jamais tive afeto a pessoa com que tratasse.

Só, sim, uma inclinação, a que apenas posso dar o nome de amizade, a dois ou três homens: um é P... de..., outro A... J... de C...

O primeiro me agrada pelas suas prendas e pelo seu génio: o segundo pela sua virtude, pois, dizendo-lhe eu que a necessidade me tinha conduzido a esta vida, me ajudava a socorrê-la sem muitas vezes entrar nisso o seu apetite.

Agora, senhor, a civilidade com que me trata, me fará acrescentar o número dos meus amigos, se consentir que uma mulher da minha vida tome para si esta honra.

Assim acabou a bela **Sereia** a história da sua vida, a tempo que os mais companheiros e ninfas vinham chegando.

Embarcámos e, saindo em Miragaia, não sei quanto dei à minha bela, e fui para casa já quase madrugada.

No outro dia continuou o divertimento, mas para outra ocasião irá a relação dele, que pode ser vos interesse mais por ser de Santa Clara; pois agora vos não quero dar mais enfado.

Tenho sido bastante largo: adeus, &.

F.

NOTA EDITORIAL

A *Sereia* foi publicada pela primeira vez em 1865, um ano depois de Camilo Castelo Branco se instalar na casa de São Miguel de Seide com Ana Plácido e os filhos pequenos. É o início de um período de veloz produção, determinada pela necessidade de sustentar a família com o ofício da escrita, sob a ameaça da cegueira que, neste período, se instala. Talvez tenham sido estas circunstâncias a levar Camilo a não aproveitar as duas reedições de *A Sereia*, feitas antes da sua morte, para rever o romance.

Depois da primeira publicação, em 1865, pela casa da Viúva Moré, foi feita uma segunda edição em 1887, na livraria de Manuel Teixeira Maciel, cuja paginação é a mesma da primeira edição. A comparação desta com a primeira edição revela alterações, quase sempre empobrecedoras¹, provavelmente devidas a um tipógrafo inexperiente. A única intervenção de monta, e acertada, foi a correção do nome de uma das personagens principais: Sebastião. Já depois de a personagem se ter tornado frade de S. Domingos, Camilo, certamente por lapso, refere-o com o nome deste santo: frei Domingos, em vez de frei Sebastião. Apesar da coincidência de paginação e da

¹ Constitui exceção a esta tendência a correção, na segunda edição, das gralhas «prometendo» para «prometendo»; «porque á está» para «porque lá está»; «d'um senhora» para «duma senhora»; «corojosos» para «corajosos»; «constrasta» para «contrasta»; «da Amarante» para «de Amarante». A segunda edição repõe também as aspas finais de uma citação cujo fim ficou por marcar na primeira edição.

repetição de muitos erros, não se trata de uma reimpressão, mas de uma segunda edição, e assim cremos por dois motivos principais: a mudança de casa editora e, principalmente, o longo intervalo de 22 anos, que arreda a possibilidade de o tipo composto para a primeira edição ter sido conservado e reutilizado nesta segunda.

Depois da morte de Camilo, a casa Chardron imprime o romance, com a indicação de ser a «segunda» edição. Daqui resulta que *A Sereia* teve, em aparência, duas segundas edições: uma publicada pela livraria Manuel Teixeira Maciel, outra pela Chardron. Na verdade, há indícios bastante claros de que esta última foi copiada da verdadeira segunda edição. Vejam-se os seguintes erros que ambas apresentam, enquanto as lições certas se encontram já na primeira edição: «menos do noventa» («menos de noventa», na primeira edição); «o curiosidade» («a curiosidade», na primeira); «A irmão» («A irman», na primeira); «intriguitas» («intriguistas», na primeira); «que elle!» («que ella!», na primeira); «*pietre*» («*pietra*», na primeira). Além destes erros comuns há também opções gráficas que, embora comuns às duas segundas edições, as afastam da primeira (porém/porem; grádas/gradas; folhetinista/folhitinista; enredo/enrêdo; desempenho/desenpenho; Sousa/Souza; sujeito/sujeito; podes/pódes; emfim/em fim, etc.)

Não são raras as falsas alegações no negócio editorial, como a de a casa Chardron publicar uma segunda edição quando na realidade reproduzia, sabendo o que fazia, aquela que era a verdadeira segunda edição. Recordemos, para melhor contextualizar este caso, um recente corte de relações entre Camilo e a Chardron, que conduziu à publicação, em 1886 (apenas um ano antes da edição Maciel), do folheto *A Difamação dos Livreiros Sucessores de Ernesto Chardron*. Camilo justifica assim a desavença com o editor, que lhe publicara já diversas obras:

Rompi com elle (Chardron) as minhas relaçoens commerciaes. O homem tem feito importunas diligencias por reatal-as; mas eu offendi me com a recusa de um livrinho

historico, pelo facto de ser historico, tendo elle explorado ha annos a minha incapacidade para negociar. Indignou-me que elle se quizesse dar o direito da escolha, impondo-me novellas realistas bem apimentadas.²

São estas, sem dúvida, as razões do recurso, no ano seguinte, ao outro editor (Manuel Teixeira Maciel), com quem Camilo nunca trabalhara, nem voltaria a trabalhar. Curiosamente, na sexta edição de *A Sereia*, publicada em 1968 pela Parceria A. M. Pereira, Castelo Branco Chaves elabora uma lista das edições anteriores do romance, da qual omite a ‘segunda’ edição Chardron, talvez por ter tomado a redundância como inexistência.

De tudo isto, releva para a história do texto que a edição Chardron é póstuma e a edição Maciel, não o sendo por pouco, não tem sinais de ter recebido revisões por parte do autor, já que algumas das incongruências corrigidas podiam sê-lo por parte de qualquer compositor atento. Assim, é a primeira edição, da casa Moré, aquela que se perfila como mais próxima dos atos de escrita autorais e, portanto, a base para o estabelecimento crítico do texto de *A Sereia*. Estabelecimento que, diga-se, não é parco em emendas a imperfeições do texto-base, nem todas atribuíveis a tipógrafo. Veja-se o aparato crítico que segue esta nota, para encontrar alguns curiosos lapsos autorais.

Camilo identifica, nas próprias páginas da narrativa, a fonte em que se baseou para escrever *A Sereia*. Numa espécie de preâmbulo, após alguns versos, informa:

Num livro manuscrito, e datado em 1768, os encontrei.
Em cinquenta páginas de prosa do mesmo manuscrito,
descobri o segredo dos versos.

² Júlio Dias da Costa; *Escritos de Camilo: I. Cartas. II. Notas em Livros*, Portugália Editora, Lisboa, 1923, p. 45.

E, no fecho do romance, identifica o autor do manuscrito de 1768 como sendo uma personagem que percorrerá os últimos capítulos, distinguindo-se por tentar salvar a heroína de se afogar nas águas do rio:

Ora, João de Melo e Nápoles, o salvador do cadáver de Joaquina Eduarda, morreu na flor dos anos, depois de haver escrito os apontamentos essenciais desta história, que foram encontrados na livraria do barão de Prime, fidalgo de Viseu, falecido há poucos anos.

Um manuscrito, cujo paradeiro hoje se desconhece, parece ter existido de facto. Pertenceu ao 1.º barão de Prime (como marca de posse contém o seu nome, possivelmente a sua assinatura, no frontispício), cuja viúva viria a casar com José Porfírio de Campos Rebelo, amigo de Camilo. Foi adquirido no leilão da Livraria Sá da Costa, a 1 de dezembro de 1925, por Júlio Dias da Costa, que identificou o seu interesse e o publicou em 1930, com estudo acompanhante, num folheto intitulado *A Sereia de Camilo; história da protagonista, segundo um manuscrito do séc. XVIII*. Pequena novela epistolar, como sugere o título — *Carta de um Amigo a Outro, escrita do Porto, ou História da vida de D. Joaquina Antónia, chamada A SEREIA* — pode ser lida, nesta edição, logo a seguir às NOTAS finais, que constituem uma espécie de *dossier* documental em que Camilo apoia a sua narrativa e de cuja natureza compartilha.

Entre a descrição que Camilo faz desta fonte e a descrição do manuscrito publicado em 1930 há afinidades, mas também há diferenças. Júlio Dias da Costa atribui-lhe uma extensão de 94 páginas (e não 50, segundo Camilo³), preenchidas em caligrafia do

³ Note-se, no entanto, que o relato tem duas partes: uma primeira em que o remetente da carta narra as circunstâncias em que se encontrou com a Sereia, e uma segunda em que esta conta a história de vida que poderá ter sido fonte de Camilo. Segundo o *Catálogo da biblioteca que pertenceu ao distinto homem de letras e grande camilianista Dr. Júlio Dias da Costa*, Lisboa, 1935, p. 35, trata-se de um 8.º de 98 páginas não numeradas, sendo 94 de texto.»

século XVIII e com um frontispício onde se encontrava a marca de posse do barão de Prime. Acresce a dificuldade de a carta não poder ter sido escrita pelo «salvador do cadáver de Joaquina Eduarda», pois é o relato de um encontro casual entre o remetente, na condição de cliente, e a própria Joaquina Antónia, na condição de meretriz. A referência à «ópera do Alecrim», se aceitarmos que é forma abreviada de referir a ópera *Guerras do Alecrim e Manjerona*, de António José da Silva, poderá ser suficiente para atribuir ao manuscrito data posterior a 1737, compatível portanto com a caligrafia e com a datação de 1768 que Camilo lhe dá e que, vinda dele, teria de ser tomada com cautelas. Com iguais cautelas costumam ser recebidas as suas revelações acerca de fontes textuais que, muitas vezes, confeciona de raiz.

Mas, neste caso, temos o testemunho de Dias da Costa e a sua edição do manuscrito, cuja credibilidade não levantou suspeita a Jacinto do Prado Coelho, que tem por boa a hipótese de existência de uma fonte para a história contada:

[...] importa, sim, verificar que, n' *A Sereia*, Camilo mais uma vez aproveitou, inicialmente, o esquema duma intriga relatada por outro, e que a modificou e narrou à sua maneira.⁴

Já sobre se a fonte camiliana foi ou não o relato publicado por Dias da Costa, Prado Coelho manifesta dúvidas, a que não dá de resto grande importância:

Serviu-se Camilo deste mesmo documento ou doutra versão da mesma história? Não sabemos. O inegável é que o texto publicado por Júlio Dias da Costa tem já um ar-

⁴ Jacinto do Prado Coelho, *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*, Coimbra, 1946, p. 577.

ranjo literário, não é, de forma alguma, o sóbrio relato de factos acontecidos. Mas isso pouco importa para o nosso caso [...] ⁵

Prefere fazer uma breve comparação do romance de Camilo com o relato publicado em 1930, e desse cotejo conclui haver entre os textos uma maior proximidade na parte inicial. Em ambos os casos, a protagonista, de grande beleza e capacidade para o canto, é filha de um militar, cuja morte acaba por determinar o ingresso num convento, onde já tinha professado uma tia. Os episódios de ida à «grade» para encontros galantes, e também o da serenata fluvial, têm personagens masculinos coincidentes (dois padres loios e um estudante). O tipo de intervenção do irmão, a fuga com um amante para Sevilha, o ingresso deste num convento e o conseqüente abandono da Sereia, são outras semelhanças apontadas por Jacinto do Prado Coelho, além da proximidade dos nomes (Joaquina Antónia ao lado de Joaquina Eduarda) e o cognome comum (a Sereia) da protagonista.

Outras coincidências de pormenor são também dignas de nota, como ser a família de Joaquina formada por um irmão eclesiástico e uma irmã casada, e a condição de penúria familiar subsequente à morte do pai. São aspetos igualmente coincidentes o contraste entre as pias expetativas de Joaquina quanto ao que iria encontrar no convento e a realidade de libertinagem e intrigas que ali se vivia, bem como a harmonia inicial do trato entre os irmãos, que o romance dos amantes viria destruir. Assume papel importante no romance a estalagem onde os amantes pernoitam pela primeira vez juntos e onde se veem uma última vez, imediatamente antes de morrerem. Segundo o relato, a protagonista exerce o ofício de prostituta também numa estalagem, relacionada com a do romance por igual referência à dona (Micaela de Gaia) e pela proximidade do rio.

⁵ Idem, *Ibidem*, p. 577.

As diferenças apontadas por Jacinto do Prado Coelho são de carácter mais geral⁶ e poderiam ser acrescentadas de uma outra, que talvez tenha sido determinante de certas escolhas narrativas. Como aponta Jacinto do Prado Coelho, Camilo recorre ao velho tema do amor contrariado por capricho de um pai, que usa o poder do dinheiro para impor a sua vontade à descendência. Mas, neste caso, Camilo arranja forma de sublinhar que a condenação das personagens se deve mais à própria condição nobre do que à prepotência paterna ou às escolhas individuais. Para tanto, Camilo desenha duas figuras que, apesar do nascimento nobre, têm a possibilidade de se sustentar pelo trabalho, pois possuem treinamento que as habilita a dar aulas particulares de canto (ela) e de dança (ele). No momento em que não restam alternativas, Camilo leva as personagens a reconhecer a incompatibilidade entre a sua condição nobre e o previsível tratamento dado às classes mais baixas, que trabalham. Ou seja, sabendo que o sofrimento de se verem tratadas como inferiores lhes seria insuportável, as personagens renunciam ao trabalho e, portanto, à possibilidade de relativa independência que poderia salvá-las. São assim forçadas à infelicidade, à loucura e à morte, pela própria condição social, que lhes impõe uma dependência sem remédio. Nada disto se encontra no relato publicado por Júlio Dias da Costa e é, portanto, de atribuir a construção camiliana. Mas talvez aqui esteja a razão de alguns outros afastamentos, como o lugar onde os amantes se conhecem (a «grade» do convento, no relato; o teatro lírico do Porto, no romance) e a fuga planeada que substitui a fuga impulsiva, descrita na carta.

Se Camilo se baseou neste texto para escrever *A Sereia*, é notória a sua recusa de comportamentos que pudessem considerar-se

⁶ «a versão camiliana segue um caminho em grande parte independente, logo a pouca distância do começo; menos licenciosa, mais sombria, mais romanesca, tem de completamente original o enxerto do velho tema de amores contrariados pela vontade caprichosa dum pai, e a surpresa melo-dramática do desfecho: Joaquina Eduarda enlouquece; o frade seu antigo apaixonado, ao encontrá-la por singular acaso, morre subitamente, e a 'Sereia' corre a lançar-se ao rio [...]». Idem, *ibidem*, p. 578.

impróprios. Veja-se a figura da tia, freira no convento onde a protagonista ingressa, que no relato adota um comportamento licencioso, mas no romance raia a santidade, pelo menos a santidade formal. O mesmo se diga do episódio em que, dentro do convento, a protagonista é seduzida por uma freira, com quem mantém depois um longo relacionamento sexual. No romance de Camilo não há vestígio dessa ligação e, por escrúpulo idêntico, também a personagem do eclesiástico irmão da protagonista não dá, pela mão de Camilo, mostras da crueldade que, segundo a carta, abundantemente pratica.

O destino das personagens, já o notou Jacinto do Prado Coelho, é também diferente e aliás coerente com as opções narrativas e estilísticas de Camilo. No relato, a protagonista é abandonada pelo amante, que, indiferente ao seu destino, ingressa no convento. Ela acaba então por se prostituir para sobreviver, situação que narra na primeira pessoa. No romance, a tecedura das personagens é menos crua: o amante ilude-se, considerando provisório o afastamento a que é forçado pela família; a amante enlouquece mas recupera por intervalos, nunca lhe faltando o apoio de amigos ou do irmão. A morte decorre de um encontro fortuito entre os dois, na mesma estalagem em que haviam passado a primeira noite juntos: ele primeiro, devido à comoção, que faz rebentar um aneurisma causado por recente queda; ela depois, por se ter atirado às águas do rio próximo. A morte é, no romance, a forma de salvar as personagens de um sofrimento que, precisamente através desta salvação, Camilo consegue mostrar mais intenso. Para as personagens do relato, não há libertação do sofrimento, que suportam sem intensidade.

APARATO CRÍTICO

¹ os engenhosos destruidores das nossas alegrias de maio haviam de inventar] os engenhosos destruidores das nossas alegrias de maio, haviam de inventar *na 1.ª ed., e também na 2.ª; embora procuremos conservar muitos traços da idiossincrática pontuação das primeiras edições, admitindo que ela seja de Camilo, em casos como este preferimos pontuar pela norma moderna.*

² o Porto da primavera de 1762 gozava-se] o Porto da primavera de 1762, gozava-se *idem.*

³ Porquê] Por que *na 1.ª ed.*

⁴ Pargholesi] *Embora o nome do compositor seja Pergholesi, Camilo escreve consistentemente Pargholesi, pelo que se manteve a sua grafia.*

⁵ folhetinista] *Na 1.ª ed., mas na 2.ª folhitinista.*

⁶ folhetinista... folhitinista] *Preserva-se este tipo de variação.*

⁷ safra] *sáfara na 1.ª ed. e na 2.ª, mas o contexto não admite o significado de sáfara (terra pedregosa), tratando-se, com toda a aparência, de um erro (autoral?) por safra (azáfama).*

⁸ *Il Trascurato.*] *«Il trascurato» Foi uniformizado o tratamento do título conforme ocorrência anterior e corrigida a gralha da omissão do ponto final.*

⁹ VI] *V é repetido na numeração dos capítulos da 1.ª ed. A partir daqui a numeração continua errada, pelo que a corrigimos. Na 2.ª ed. repete-se o erro, o que indicia a sua dependência em relação à 1.ª*

¹⁰ almiscarados] almirascados *na 1.ª ed.*

¹¹ um dos cavalheiros – que eu] um dos cavalheiros, que eu *na 1.ª ed.*

¹² prometendo] promettando *na 1.ª ed., erro corrigido na 2.ª*

¹³ de Amarante] da Amarante *na 1.ª ed. Na 2.ª ed., o artigo feminino desapareceu: de Amarante. É possível que, na 1.ª ed., tivesse havido a intenção de representar a contração d' Amarante, hipótese que é reforçada pelo facto de se tratar de uma fala.*

¹⁴ mumificada] *na 1.ª e na 2.ª eds., vem uma forma não atestada, munificada, que não parece integrar-se tão bem no contexto como a emenda que propomos, estítica e mumificada velhinha, sendo estítica, ou estítica, equivalente a 'adstringente'.*

¹⁵ A parte que Joaquina Eduarda tivera] A parte, que Joaquina Eduarda tivera

¹⁶ serve] *Assim na 1.ª ed. Na 2.ª ed., esta forma verbal presente, como todas no contexto próximo, foi corrigida para um pretérito imperfeito (servia), que implica uma criada sua, de serviço permanente; ora, não há menção de tal serviçal, e portanto não há razão para tal correção, que não se deve ter por autoral.*

¹⁷ Joana entra, forçada pela caridade, no quarto dela] Joana entra, forçada pela caridade no quarto dela

¹⁸ *Na 1.ª e na 2.ª eds., esta fala de Pedro foi dividida em dois parágrafos, tornando incompreensível a sequência do diálogo.*

¹⁹ confrangeu-se-lhe a alma] *confrangeu-se-lhe alma na 1.ª ed.*

²⁰ *A 1.ª e a 2.ª eds. não abrem novo parágrafo neste ponto, em que se passa de discurso direto para indireto.*

²¹ *A 1.ª e a 2.ª eds. omitem aqui o travessão.*

²² *A 1.ª e a 2.ª eds. não abrem novo parágrafo neste ponto, ficando ambas as falas atribuídas à personagem feminina. A segunda fala pertence ao seu interlocutor.*

²³ *Na 1.ª e na 2.ª eds., este travessão, indicativo de discurso direto, foi omitido.*

²⁴ árvore infame] *Este erro autoral encontra-se tanto na 1.ª como na 2.ª eds. Quem tinha chamado árvore infame a Pedro de*

Vasconcelos foi Sebastião Godim, não Gaspar (Está explicada a infâmia de seu filho! Explicou-a o Evangelho de Jesus: *é o fruto da árvore infame.*). *Nem faz sentido que o pai de Gaspar recorde, ofendido, um insulto que envolve também o filho a quem se dirige. É possível que Camilo quisesse referir-se ao insulto contido na última missiva assinada pelo filho de Pedro Vasconcelos* (Gaspar, filho de Maria Pereira, responde ao sedutor de Maria Pereira, que é menos vilão que seu pai. Sevilha 31 de janeiro de 1765.). *Nesse caso, onde se lê árvore infame, deveria ler-se vilão. Um pouco mais à frente, Frei João diz precisamente que são os estragos dessa carta de Gaspar que Pedro se esforça por ultrapassar* (A nossa batalha é apagar o feixe de raios que tu acendeste com aquela maldita carta!... Que demónio te inspirou aquilo?... Abriste a ferro o coração do velho, e verteste-lhe a peçonha do remorso na chaga! Para que lhe falaste de tua mãe, cuja morte ele tanto chorou, e por tanto chorar te amava a ti como doudo!?). *Fica assim claro qual dos insultos Pedro e Camilo tinham aqui em mente.*

²⁵ mulher que amas] mulher, que amas

²⁶ perdão! – exclamou] perdão! exclamou

²⁷ Pedro de Vasconcelos falou] Pedro de Vasconcelos, falou

²⁸ descaindo, depois da exaltação, em ternuras] descaindo

depois da exaltação, em ternuras

²⁹ bradou blasfemando Gaspar] bradou blasphemando, Gaspar

³⁰ Ajoelha, covarde, nos infortúnios] Ajoelha, covarde nos infortunios

³¹ Samotrácio] Samocracio na 1.^a e na 2.^a eds., provável gralha pelo nome do retórico alexandrino Aristarco Samotrácio.

³² fraguedos] fragoêdos na 1.^a e na 2.^a eds.

³³ Breve iremos para Viseu] para Viana na 1.^a e na 2.^a eds., mas quem estava em Viana era frei Sebastião; Cunha anunciava o regresso à sua casa de Viseu.

³⁴ e sou, etc.»] A carta termina sem aspas na 1.^a ed.

³⁵ porque lá está] porque á está (falha de composição tipográfica da 1.^a ed., que a 2.^a corrige)

³⁶ perguntou o velho.] perguntou o velho:

³⁷ duma senhora] d'um senhora (*gralha da 1.^a ed., que a 2.^a corrige*)

³⁸ corajosos] corojosos (*gralha da 1.^a ed., que a 2.^a corrige*)

³⁹ Gaspar. – Irei] Gaspar. Irei

⁴⁰ pediu à mãe que a levasse] pediu à mãe, que a levasse

⁴¹ frei Sebastião] frei Domingos *na 1.^a ed.: Sebastião pertencia à ordem de S. Domingos (frade dominicano). Na 2.^a ed., o nome Domingos foi corrigido para Sebastião.*

⁴² dizia ele:] dizia elle

⁴³ *Do modo de ajudar a bem morrer] A citação que se segue não se encontra no capítulo indicado por Camilo, mas no seguinte, intitulado Do modo da encomendação da alma.*

⁴⁴ Vasconcelos, com a voz convulsa, entoou] Vasconcelos, com a voz convulsa entoou

⁴⁵ Joaquina, com] Joaquina com

⁴⁶ grandissimamente] grandissamente *tanto na 1.^a como na 2.^a eds.*

⁴⁷ Schiattini, valendo-se] Schiattini valendo-se

⁴⁸ Schiattini, vendo-se] Schiattini vendo-se

⁴⁹ daria hoje em dia nome] daria hoje em dia, nome

⁵⁰ em que pese] em que pêz *tanto na 1.^a como na 2.^a eds.*

⁵¹ contrasta] constrasta *na 1.^a ed., corrigido na 2.^a*

⁵² pezadas] *Assim na 1.^a e também na 2.^a ed.; pode tratar-se de um adjetivo precedente a palmas, caso em que a grafia teria de ser outra, mas é mais provável que seja substantivo, equivalente a «golpes com os pés».*

ÍNDICE

11	I
19	II
27	III
33	IV
37	V
43	VI
47	VII
51	VIII
55	IX
59	X
67	XI
71	XII
79	XIII
81	XIV
89	XV
95	XVI
99	XVII
105	XVIII
111	XIX
117	XX
121	XXI
125	XXII
129	XXIII
135	XXIV
139	XXV
143	XXVI
147	XXVII
151	XXVIII
155	XXIX
161	XXX
165	XXXI
169	XXXII
173	XXXIII
177	XXXIV
181	XXXV

183	XXXVI
189	XXXVII
195	CONCLUSÃO
197	NOTAS
215	ANEXO: <i>Carta de um amigo</i>
239	NOTA EDITORIAL
247	APARATO CRÍTICO

Uma noite na ópera, a primeira que houve no Porto,
e suas consequências.

Mais que a sentimentalidade amorosa, a exposição
do poder paterno.

austero e intransigente, cruel e violento.

ao cabo encurralado e destroçado.

Um livro implacável.

Abel Barros Baptista

edição crítica
CAMILO
CASTELO
BRANCO

ISBN 978-972-27-2390-9



9 789722 723909